

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

Fátima Maria Araújo Bertini

**CENTRO DE FORTALEZA, LUGAR DE TRANSFORMAÇÕES:
O IDOSO E OS AFETOS IMPLICADOS**

Fortaleza – Ceará
2006

Fátima Maria Araújo Bertini

CENTRO DE FORTALEZA, LUGAR DE TRANSFORMAÇÕES:
O IDOSO E OS AFETOS IMPLICADOS

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do grau de Mestre Psicologia.

Linha de Pesquisa: Subjetividades Contemporâneas e
Comportamento Coletivo
Área de Concentração: Psicologia Social

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zulmira Áurea Cruz Bomfim

Fortaleza – Ceará
2006

Fátima Maria Araújo Bertini

CENTRO DE FORTALEZA, LUGAR DE TRANSFORMAÇÕES:
O IDOSO E OS AFETOS IMPLICADOS

Dissertação aprovada

Fortaleza, 19 de Abril de 2006.

Prof^a. Dr^a. Zulmira Área Cruz Bomfim
Departamento de Psicologia - UFC
Orientadora

Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva
Departamento de Geografia do
Centro de Ciências – UFC -

Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Guedes.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social
PUC de São Paulo

Dedico este trabalho aos idosos mais próximos de minha infância:
Minha avó, Julieta de Matos Araújo e minha bisavó Mãe Nenê,

Dedico-o também ao Centro da cidade,
primeiro lugar de Fortaleza
que tocou em minha pele depois que saí do útero;
Lugar onde farejo o início da vida da cidade e de mim mesma.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder o dom da existência.

À minha mãe, Maria José, e a meu pai, Expedito, pelo apoio dado de forma constante.

Aos meus seis irmãos, Natália, Tereza, Leopoldo, Alexandre, Sandra, Ricardo, pela proteção que deram a uma irmã caçula.

Aos professores do mestrado em Psicologia, formadores deste percurso.

À professora Zulmira Área Cruz Bomfim, pela orientação que me reservou inúmeros ensinamentos.

Ao professor Luiz Lacerda, por suas importantes contribuições para a efetivação desse trabalho.

À Associação da Comunidade Obreiros da Tardinha, especialmente a Sr. Gilmar, à Sr^a. Liduína e à Eliane que muito me ajudam na caminhada ao equilíbrio e ao crescimento.

E a todos os idosos que colaboraram para a realização deste trabalho.

ENCONTRO

Não poderia deixar de mencionar meu encontro repentino com Ecléa Bosi no Instituto de Psicologia da USP, ainda este ano de 2005. Seu olhar profundo e passivo me impressionou. E também sua resposta não esperada quando eu, caminhando por ali em sua procura, perguntei a uma senhora que avistei se ela poderia dizer-me aonde eu encontraria a professora Ecléa: “- Sou eu mesma”. Se não pensei ordenadamente o que eu iria dizer, acho que não o fiz (não deu tempo!), mas falei sobre o conteúdo dessa dissertação. Quando acabei de relatar, ela, da mesma forma respeitosa que suas palavras ao trabalharem tão dignamente o idoso e a historicidade da vida por eles, olhou-me com um sorriso muito acolhedor e disse: “- **Continue nesse compromisso social com a Psicologia, minha filha, porque se os indivíduos prepararem a cidade para o idoso, a preparação para qualquer outra pessoa**”.

Guardei essa frase até hoje e ela está presente em cada palavra dessa dissertação.

Escrever essa dissertação faz parte também de minhas memórias, de meus afetos. Minha bisavó tecia tucum de pano. Ela fazia sua arte assim. Também aqui estou tecendo o meu primeiro tucum. Minha condição de vida deu-me as letras para trançar; ela teve os panos. Mas, seu silêncio – observo – era o mesmo que agora faço ao tecer – ela, os panos; eu, as palavras. Então, a força que me faz lembrar sua imagem, de uma forma tão profundamente sensível, passa pelo motor de minhas emoções e sentimentos que me incendeia as lembranças.

SUMÁRIO

RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	11
LISTA DE QUADROS.....	12
LISTA DE FIGURAS.....	13
LISTA DE TABELAS.....	14
INTRODUÇÃO.....	15
1 A CIDADE ENQUANTO LUGAR DE SUBJETIVIDADES.....	19
1.1 A PSICOLOGIA AMBIENTAL NO ESTUDO DA CIDADE.....	23
1.2 A AFETIVIDADE COMO CATEGORIA HISTÓRICO-CULTURAL DE ESTUDO DO AMBIENTE.....	35
2 O CENTRO DE FORTALEZA: LUGAR DE TRANSFORMAÇÕES O IDOSO E OS AFETOS IMPLICADOS.....	40
2.1 O CENTRO DA CIDADE DE FORTALEZA: SIGNIFICADO E ASPECTOS HISTÓRICOS E SIMBÓLICOS.....	40
2.2 O CENTRO DE FORTALEZA E O PERCURSO HISTÓRICO DAS INTERVENÇÕES URBANAS.....	45
2.3 OS AFETOS, O IDOSO E A URBANIZAÇÃO.....	49
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	61
3.1 TIPO DE ESTUDO.....	61
3.2 LOCAL DA PESQUISA.....	61
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	64
3.4 ESTRATÉGIAS PARA A APREENSÃO DOS AFETOS DOS IDOSOS DO CENTRO.....	65
3.4.1 Método para a apreensão dos afetos.....	66
3.4.1.1 Explicação de cada item do instrumento de Bomfim (2003).....	67
3.4.2 Adaptação do método de apreensão dos afetos de idosos do Centro.	68
3.4.3 Estratégia complementar para apreensão dos afetos de idosos do Centro.....	69
3.5 COLETA DOS DADOS.....	70
3.6 METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS.....	70
3.6.1 Tipos de desenho: cognitivo descritivo e metafórico descritivo.....	71
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	73
4.1 CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DOS SUJEITOS DO ESTUDO.....	73
4.2 DADOS COMPLEMENTARES SOBRE OS SUJEITOS DO ESTUDO.....	76
4.3 ELABORAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IMAGENS E MAPAS AFETIVOS POR IDOSOS QUE MORAM E POR IDOSOS QUE FREQUENTAM O CENTRO DE FORTALEZA.....	80

4.3.1 Os sentimentos associados às referências ao passado: Imagens de Pertencimento ou de Destruição ou de Insegurança.....	83
4.4 CENTRO DESTRUIÇÃO.....	84
4.5 CENTRO PERTINÊNCIA A ELEMENTOS DO PASSADO.....	99
4.6 CENTRO INSEGURO.....	105
4.7 CENTRO AGRADÁVEL.....	117
4.8 CENTRO DE CONTRASTES.....	121
4.9 ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS QUALITATIVOS.....	127
5 CONCLUSÃO.....	132
REFERÊNCIAS.....	137
APÊNDICES.....	142
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO – IDOSO QUE MORA	143
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO – IDOSO QUE FREQUENTA	147
APÊNDICE C – QUADRO DE IMAGENS E METÁFORAS: Idosos que moram	151
APÊNDICE D – QUADRO DE IMAGENS E METÁFORAS: Idosos que freqüentam	152
APÊNDICE E – MAPAS AFETIVOS DOS IDOSOS DO ESTUDO	153
ANEXOS.....	173
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E SCLARECIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA	174
ANEXO A1 – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (COMEPE)	
ANEXO B - ANEXO B – MAPA ÁREA RESIDENCIAL DO CENTRO.	176

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar as relações recíprocas entre pessoa-ambiente, envolvendo especificamente a questão da intervenção urbana e a afetividade de idosos. Para tanto, a investigação focou-se no centro da cidade de Fortaleza como ambiente urbano de estudo e os idosos que moram nesse espaço e idosos que o frequentam. O centro de Fortaleza passa, historicamente, por processos de intervenções e ainda é afetado por Projetos de requalificação ou revitalização. Essas propostas de intervenções urbanas do centro da cidade fazem-se também em função da premência de soluções para a situação concreta de decadência estrutural dos prédios antigos que fizeram parte da história e da origem de Fortaleza. Investigar os idosos nesse ambiente torna-se importante, visto serem testemunhas vivas do percurso cultural, histórico e urbanístico do Centro. Suas vidas e experiências são fundamentais para os demais conhecerem os laços histórico-culturais desse ambiente. Além disso, o presente os torna testemunhas de mudanças ocorridas no entorno, o que lhes permite serem fontes de conhecimento das modificações realizadas no patrimônio ambiental e urbano. A referência aos afetos no presente estudo subtende que os mesmos propiciam a implicação dos sujeitos com algo e tem caráter orientativo em suas condutas, de acordo com o pensamento de Heller (1979), SAWAIA (1991), BOMFIM (2003). Dessa forma, o objetivo geral dessa pesquisa é conhecer os afetos de idosos (que moram e idosos que frequentam) o centro da cidade de Fortaleza. Como objetivo específico busca-se identificar as imagens afetivas elaboradas por estes idosos, tendo como referência o centro. Outro objetivo específico é relacionar os sentimentos dos idosos com as transformações urbanas pelas quais passa e passou o centro da cidade. Como resultados, os idosos investigados elaboraram cinco imagens afetivas do centro da cidade. As imagens de **Destruição, Pertinência (ao passado), Insegurança, Agradabilidade e Contrastes**. Percebemos que muitos dos idosos investigados resignificaram o Centro que vêem hoje a partir de suas identificações com o que vivenciaram nesse lugar em suas experiências anteriores. Associamos as imagens de **destruição** e de **insegurança** às referências ao lugar do passado quando vinham acompanhadas por sentimentos despotencializadores como tristeza, mal-estar, decepção e insegurança. De outra forma, essas mesmas referências, quando associadas a sentimentos mais potencializadores como alegria, paz, amor, saudade, satisfação, foram vinculadas à imagem **pertinência a um lugar do passado**. Podemos dizer, por fim, que o percurso das transformações pelas quais passou e ainda passa a área central da cidade, colocou-nos diante de sentimentos que comunicavam um centro que foi, um centro que está sendo e um centro que vai ser. As imagens afetivas dos idosos muitas vezes retrataram ora a continuidade ora a ruptura entre um presente e um passado e um devir.

ABSTRACT

The present research has as objective to analyze the reciprocal relations between person-environment specifically, involving the question of the urban intervention and the affectivity of aged. For in such a way, the inquiry in the center of the urban city of Fortaleza as surrounding of study and the aged ones that they live in this space and aged that frequents it. The center of Fortaleza passes by processes of interventions and still requalification Projects is affected by. These proposals of urban interventions downtown also become in function of the necessity of solutions for the concrete situation of structural decay of the old building that had been part of the history and the origin of Fortaleza. To investigate the aged ones in this environment becomes important, seen to be alive witnesses of the cultural, historical passage of the Center. Its lives and experiences are basic excessively to know them the bows description-cultural of this environment. Moreover, the gift becomes them witnesses of occurred changes in entorno, what it allows them to be sources of knowledge of the modifications carried through in the ambient and urban patrimony. The reference to the affection in the present study that the same ones propitiate the implication of the citizens with something and have character in its behaviors, in accordance with the thought of Heller (1979), SAWAIA (1991), BOMFIM (2003). Of this form, the general objective of this research is to know the affection of aged (that they live and aged that they frequent) the center of the city of Fortaleza. As objective specific one searches to identify the affective images elaborated by these aged ones, having as reference the center. Another specific objective is to relate the feelings of the aged ones with the urban transformations for which passes and passed the center of the city. As results, the aged ones investigated had elaborated five affective images downtown. The images of Destruction, Relevancy (to the past), Unreliability, Agradabilidade and Contrastes. We perceive that many of the aged ones investigated the Center that they today see from its identifications with what they had lived deeply in this place in its previous experiences. We associate the destruction images and of unreliability to the references to the place of the past when they came followed for feelings as sadness, malaise, disillusionment and unreliability. These same references, when associates the feelings more potencializadores as joy, peace, love, homesickness, satisfaction, had been tied with the image relevancy to a place of the past. We can say, finally, that the passage of the transformations for which passed and still passes the central area of the city, placed us ahead of feelings that communicated a center that was, a center that are being and a center that goes to be. The affective images of aged the many times had portraied however the continuity however the rupture between a gift and a past and to future.

LISTA DE QUADROS

- QUADRO 01 – População Idosa no Brasil entre 1950 e 1980 e Projeção até o Ano 2025*
- QUADRO 02 – Aumento projetado da população de 60 anos ou mais nos países mais populosos, 1950-2025.
- QUADRO 03 – Imagens do Centro de Fortaleza, conforme as qualidades e os sentimentos dos idosos que moram. Fortaleza-CE, dez. 2005.
- QUADRO 04 – Imagens do Centro de Fortaleza, conforme as qualidades e os sentimentos dos idosos que freqüentam. Fortaleza-CE, dez. 2005.
- QUADRO 05 – Imagens de centro destruição, conforme respostas dos idosos moradores e dos idosos que freqüentam o Centro da cidade. Fortaleza-CE, dez. 2005.
- QUADRO 06 – Imagens de centro Pertinência a um lugar do passado, conforme respostas dos idosos moradores e dos idosos que freqüentam o Centro da cidade. Fortaleza-CE, dez. 2005.
- QUADRO 07 – Imagens de centro inseguro, conforme respostas dos idosos que freqüentam o Centro da cidade. Fortaleza-CE, dez. 2005.
- QUADRO 08 – Imagens de centro agradável, conforme respostas dos idosos moradores e dos idosos que freqüentam o Centro da cidade. Fortaleza-CE, dez. 2005.
- QUADRO 09 – Imagens do centro de contrastes, conforme respostas dos idosos moradores e dos idosos que freqüentam o Centro da cidade. Fortaleza-CE, dez. 2005.

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 01 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme sexo. Fortaleza-CE, dez. 2005.
- FIGURA 02 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme sexo. Fortaleza-CE, dez. 2005
- FIGURA 03 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme classe de idade. Fortaleza-CE, dez. 2005
- FIGURA 04 – Média de idade dos sujeitos da pesquisa. Fortaleza-CE, dez. 2005.
- FIGURA 05 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme nível de escolaridade. Fortaleza-CE, dez., 2005
- FIGURA 06 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme nível de escolaridade. Fortaleza-CE, dez. 2005
- FIGURA 07 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme trabalho. Fortaleza-CE, dez. 2005
- FIGURA 08 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme trabalho. Fortaleza-CE, dez. 2005
- FIGURA 09 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme bairro de moradia. Fortaleza-CE, dez. 2005
- FIGURA 10 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa por tempo de moradia no Centro. Fortaleza-CE, dez.2005
- FIGURA 11 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa por tempo de moradia no Centro. Fortaleza-CE, dez. 2005
- FIGURA 12 – Objetivos de ir às ruas do Centro em idosos que moram e idosos que freqüentam. Fortaleza-CE, dez. 2005
- FIGURA 13 – Freqüência ao Centro conforme o gênero de idosos frequentadores. Fortaleza-CE, dez. 2005
- FIGURA 14 – Índices das categorias de afetividade de idosos que moram e que freqüentam o Centro. Fortaleza-CE, dez. 2005
- FIGURA 15 – Índice das categorias de afetividade por gênero dos idosos do estudo. Fortaleza-CE, dez. 2005
- FIGURA 16 – Variação do índice de insegurança nos idosos que freqüentam o Centro. Fortaleza-CE, dez. 2005
- FIGURA 17 – Índice de insegurança conforme nível de escolaridade dos idosos do estudo. Fortaleza-CE, dez. 2005
- FIGURA 18 – Índice de destruição conforme nível de escolaridade dos idosos do estudo. Fortaleza-CE, dez. 2005
- FIGURA 19 – Índice de contraste conforme grupos de idosos que participam e não participam de ação social. Fortaleza-CE, dez. 2005
- FIGURA 20 – Índice de pertinência conforme grupos de idosos que participam e não participam de ação social. Fortaleza-CE, dez. 2005
- FIGURA 21 – Estima positiva do Centro de Fortaleza. Fortaleza-CE, dez. 2005.
- FIGURA 22 – Estima negativa do Centro de Fortaleza. Fortaleza-CE, dez. 2005.

LISTA DE TABELAS

- TABELA 01 – Lugares do centro de Fortaleza que os idosos do estudo mais gostam.
Fortaleza-CE, dez. 2005
- TABELA 02 – Lugares do centro de Fortaleza que os idosos do estudo menos gostam.
Fortaleza-CE, dez. 2005
- TABELA 03 – Objetivos dos idosos do estudo quando vão às ruas do centro da cidade.
Fortaleza-CE, dez. 2005.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação analisa a interação entre indivíduo e entorno. Tratamos, mais especificamente, de questões referentes à Psicologia Ambiental, que tem como objeto de investigação as relações recíprocas entre pessoa e ambiente.

Nessa perspectiva, colocamos a afetividade como categoria de análise, considerando o centro da cidade de Fortaleza como ambiente urbano de investigação e os idosos como população pesquisada.

O centro de Fortaleza passa, historicamente, por processos de intervenções e ainda é afetado por Projetos de requalificação ou revitalização. Segundo Cartaxo (2000), o processo de requalificação ou re-urbanização desse ambiente tradicional e histórico da cidade faz parte de um processo que começou nos anos 90, a partir das políticas de desenvolvimento urbano de Fortaleza.

Essas propostas de intervenções urbanas do centro da cidade fazem-se também em função da premência de soluções para a situação concreta de decadência estrutural dos prédios antigos que fizeram parte da história e da origem de Fortaleza. Além disso, ocorre a necessidade de construção de novos ambientes, com o intuito de adaptar a área central às reformulações das linhas circulantes do entorno (como por exemplo, as linhas de ônibus e adição do metrô na cidade, como meio de circulação).

Atualmente, a nova gestão da Prefeitura de Fortaleza (2005-2008)¹ propõe que haja diálogos entre os poderes públicos e a iniciativa privada (com a participação também de ONGs, representações de classe e população em geral) para a elaboração de propostas de requalificação para o Centro.

Essa gestão propõe grupos de trabalho e formulações de planejamentos estratégicos que possam dar abertura a propostas advindas de entidades e representações de todos os segmentos da sociedade. Diante dessa disposição à participação e ao diálogo, pode ser oportuna uma investigação que contemple aspectos psicossociais em propostas de intervenção urbana.

¹ Gestão Luizianne Lins

Investigar os idosos nesse ambiente torna-se importante, visto serem testemunhas vivas do percurso cultural, histórico e urbanístico do Centro. Eles representam um segmento privilegiado de atores sociais que passaram por vários momentos da história do centro e que por isso podem manifestar uma maior compreensão tanto do simbolismo do Centro quanto do significado desse espaço urbano como referência sócio-cultural para os fortalezenses.

Suas vidas e experiências são fundamentais para os demais conhecerem os laços histórico-culturais desse ambiente. Além disso, o presente os torna testemunhas de mudanças ocorridas no entorno², o que lhes permite serem fontes de conhecimento das modificações realizadas no patrimônio ambiental e urbano.

A partir de um contexto de mudanças no entorno do centro da cidade, analisar os sentimentos dos idosos significa investigar em uma perspectiva mais subjetiva os efeitos dessas mudanças, levando-se em conta os vínculos afetivos e simbólicos dessa população à área central de Fortaleza.

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é conhecer os afetos de idosos que moram e idosos que frequentam o centro da cidade de Fortaleza. Como objetivo específico busca-se identificar as imagens afetivas elaboradas por estes idosos, tendo como referência o centro. Outro objetivo específico é relacionar os sentimentos dos idosos com as transformações urbanas pelas quais passa e passou o centro da cidade.

A referência aos afetos no presente estudo subteende que os mesmos propiciam a implicação dos sujeitos com algo e tem caráter orientativo na conduta dos mesmos, de acordo com o pensamento de Heller (1979). A afetividade, ou seja, os sentimentos e emoções, constituem-se como vias através das quais pode-se visualizar a relação dos indivíduos com a cidade e a forma como se manifesta a atuação desses com o urbano.

Trazer essa categoria para a presente pesquisa, que relaciona ambiente urbano e Psicologia Ambiental, é entender que os afetos podem potencializar uma relação de reflexividade e de transformação - com o caráter de uma racionalidade ético-afetiva - a partir do encontro das pessoas com a cidade. Isso quer dizer que o agir também é motivado pelos afetos, sendo os sentimentos os motores de uma ética dos indivíduos voltada para suas ações na realidade.

² Mudanças tanto advindas de intervenções urbanísticas, quanto de diferentes configurações que se estabelecem no ambiente.

Neste estudo, entende-se a Psicologia Ambiental com um referencial teórico voltado para a perspectiva psicossocial da interação das pessoas com seus entornos físico e sociais. A respeito disso, Pol, Valera e Vidal (1999) afirmam que esta interação deve se inserir dentro de um contexto social e que seus produtos podem ser considerados psico-socio-ambientais, o que enfatiza a perspectiva de análise adotada nesse trabalho, de que o estudo da Psicologia Ambiental é vinculado estreitamente à área da Psicologia Social.

Nesta proposta de investigação, coloca-se como hipótese que impactos sociais potenciais de projetos de intervenção urbana se dão também na esfera do simbólico e da valorização social do entorno. Nesse caso, a esfera do simbolismo do espaço refere-se àqueles espaços que possuem um papel ativo no mundo referencial de uma coletividade, a partir do significado que este foi adquirindo através do tempo (POL, 1992).

Além disso, este estudo põe em evidência, através dos sentidos, a imagem do ambiente investigado - o Centro, que Cartaxo (2000) considera um espaço que, simbólica e afetivamente, está identificado com as origens de Fortaleza e se configura como uma síntese da cidade.

Torna-se relevante o estudo com a população de idosos, uma vez que se busca, aqui, despertar a sociedade, ou pessoas envolvidas com projetos de intervenção em ambientes, para o fato de que os efeitos das mudanças daí advindas têm relação direta com o comportamento dos indivíduos e com o processo de interação social que se estabelece mediante essas intervenções.

Além disso, procura-se ampliar e divulgar as investigações da ciência psicológica, vinculadas à questão sócio-ambiental, bem como alargar as pesquisas e o interesse de alunos e graduados em Psicologia e áreas afins, pelo estudo e aprofundamento da Psicologia Ambiental.

Esta investigação se apresenta como uma contribuição teórica à Psicologia Ambiental e à Psicologia Social a partir da análise psicossocial das intervenções em espaços públicos. Este estudo favorecerá a compreensão acerca da importância da ciência psicológica em assuntos da ordem das políticas públicas, onde pouco se considera o ponto de vista psicológico.

Este trabalho investigativo pretende ainda fornecer elementos para uma análise psicossocial em intervenções urbanas, com o objetivo de que as transformações efetuadas correspondam a formas mais consoantes com as subjetividades dos cidadãos da urbe.

No primeiro capítulo, tentamos focar a cidade como palco de subjetividades e intersubjetividades, enquanto lugar de pessoas, no qual se movimentam processos de vidas que denotam estilos de vida e modos de se estabelecer no mundo. Tentamos situar a Psicologia Ambiental em sua perspectiva teórica e analisar categorias que servem de base para o estudo do entorno urbano.

No segundo capítulo, analisamos o ambiente de estudo dessa investigação, em seu significado simbólico e histórico para a cidade. Sobre o centro de Fortaleza também é explanada a trajetória de intervenções e suas implicações para as pessoas e o contexto urbano. Pode-se também refletir nesse capítulo acerca da relação entre o urbanismo, os idosos e seus afetos, referencial que nos irá servir para observarmos a relação entre esses indivíduos e a dinâmica urbana.

No terceiro capítulo, encontramos os aspectos metodológicos da pesquisa; bem como o local da pesquisa e as características dos sujeitos investigados. Descrevemos as estratégias de apreensão dos afetos e a adaptação do instrumento. A partir daí, ocorre a análise dos dados estatísticos e a construção das imagens e mapas afetivos dos idosos do estudo.

Por fim, as conclusões apontam alguns aspectos importantes alcançados pela investigação na busca de soluções para uma melhoria da qualidade de vida na cidade.

1 A CIDADE ENQUANTO LUGAR DE SUBJETIVIDADES

Em uma cidade existe um conjunto de elementos complexos, que se entrecruzam, construindo-se, desfazendo-se, diferenciando imagens a cada solo visto. O contexto urbano não se encerra apenas no aspecto da materialidade física – das inúmeras construções, do efeito arquitetônico em estruturas de prédios ou casas – ou mesmo da contemplação das vias, das praças, dos viadutos.

A cidade constitui-se de um processo de inter-relações que se movimentam continuamente, produzindo estilos de vida, maneiras de se estabelecer no mundo, vidas contraditórias, vidas congruentes, conflitos sociais, modos de produção de subjetividade, produzindo, entremeada na estrutura urbana, uma dinâmica psicossocial, inserida em um modo específico de organização social.

Nessa linha de pensamento, não somente a Psicologia Ambiental - que se ocupa da relação pessoa-ambiente – mas também a Geografia Humana pensa a cidade como expressão da inter-relação humana, como aponta Carlos (1992:37):

Hoje a cidade é a expressão mais contundente do processo de produção da humanidade sob a égide das relações desencadeadas pela formação econômica e social capitalista. Na cidade, a separação homem-natureza, a atomização das relações e as desigualdades sociais se mostram de forma eloqüente. Mas, ao analisá-las, torna-se importante o resgate das emoções e sentimentos humanos que nos faz pensar a cidade para além das formas [...]. A cidade aparece como materialidade, produto do processo de trabalho, de sua divisão técnica, mas também da divisão social. É materialização de relações da história dos homens, normatizada por ideologias; é forma de pensar, sentir, consumir; é modo de vida [...].

Na Psicologia Social, essa concepção é corroborada com a perspectiva de se entender o urbano a partir da subjetividade das pessoas, construí-lo ou reconstruí-lo a partir dessas, levando-se em conta que os espaços da cidade são uma extensão da dinâmica dos indivíduos. De acordo com essa mesma compreensão, Bomfim (2003:76) refere-se a que “o estudo da cidade deve seguir a perspectiva do indivíduo ser uma cidade e a cidade ser o indivíduo, rompendo com a dicotomia subjetividade e objetividade”.

Isso quer dizer que na cidade, ou em quaisquer outras dimensões de espaços, os elementos da construção da subjetividade dos indivíduos, elencando aspectos da identidade, da percepção, do simbolismo, dos sentimentos, são expressos e se formam nos lugares onde

as pessoas se encontram, sendo os espaços afetados pelas intersubjetividades e estas por eles simultaneamente.

Corraliza (2000:47), em seu artigo “La urbanizacion de la conciencia” refere-se analogicamente a Montesquieu para a compreensão da cidade e dos indivíduos:

[...] sentencia Montesquieu: primero las personas hacen las leyes, luego las leyes hacen a las personas. Algo análogo puede decirse de la dinámica de la estructura urbana: primero, las personas construyen la ciudad y los edificios; luego, la ciudad construye a las personas, vale decir, determina su manera de pensar, sentir y actuar.

Nesse sentido, esse mesmo autor destaca a importância da análise psicossocial à experiência urbana, entendendo que a cidade é o resultado da confluência de três tipos de parâmetros: os físicos, os sociais e os pessoais. Estudar o “hecho urbano”, segundo ele, constitui ponderar aspectos da dinâmica social e do estilo de vida individual.

A investigação sobre a experiência urbana foi evidenciada por alguns autores que apontaram inúmeros caminhos que os indivíduos ou grupos sociais podem dar ao se encontrarem com o ambiente urbano.

Na concepção de Lynch (1965), a cidade se configura com grande concentração de atividades e pessoas, resultando na produção de desajustes e problemas, gerando, muitas vezes, sensações de mal-estar.

Segundo Corraliza (2000), as formas de compreensão desses autores, dentre outros, delineia uma “má fama” para a cidade como palco para a vida social. No entanto, esses mesmos fatores que colaboram com a visão de uma intranquila convivência urbana podem servir como elementos de análise para a resolução de problemas na cidade.

A partir dessas considerações acerca da experiência urbana, a qual compõe elementos da inter-relação social e da dinâmica psicossocial, pode-se contemplar a cidade como palco onde se estabelecem diversas maneiras e diversos focos em que os indivíduos entendem e vivenciam o estar e o viver em cidades.

Segundo Bomfim (2003:61), “a cidade é o lugar dos encontros, da subjetividade, da formação de relações, pois os indivíduos nunca se afetam sozinhos”. Quando as pessoas sentem-se pertencentes ao espaço urbano, elas passam a compreender que também são expressões do mesmo. Isso leva à compreensão da afetação entre os indivíduos na cidade: à

medida que os indivíduos potencializam suas ações na cidade, eles passam também, de forma recíproca, a se afetarem por essas ações.

Na história da cidade, a dinâmica dos indivíduos e a construção de espaços urbanos sempre tiveram uma relação intrínseca. A formação de cidades teve sua origem na necessidade de que as pessoas pudessem sobreviver melhor. Mumford (1956:29) comenta a esse respeito:

La aparición de la ciudad a partir de la aldea fue posible gracias a la mejoras en la agricultura y en la conservación de los alimentos introducidas por la cultura neolítica; en particular, el cultivo de cereales que podían ser producidos en abundancia y almacenados sin merma de un año para otro. Esta nueva forma de producir el alimento no sólo permitía cierta seguridad frente a los años de escasez, como se recordará en la historia bíblica de José en Egipto, sino que, por otro lado, permitía alimentar a un mayor número de población que no se dedicaba directamente a tareas relacionadas con la producción de alimento.

Essa associação resultou em sucessivas conquistas, as quais tornavam os indivíduos mais adaptados às condições difíceis de clima ou escassez de alimentos. Na medida em que esse processo foi se estabelecendo, os indivíduos foram demarcando também na cidade uma maior independência em relação à natureza.

A partir daí a atividade do trabalho tornou-se ainda mais importante, cumprindo, por sua parte, o papel de motor desse movimento de afastamento da dependência às intempéries da natureza, resultando, com isso, no crescimento das cidades e no fortalecimento de redes sociais mais estáveis na cidade. Segundo Mumford (1956:29), “La seguridad física y la continuidad social fueron las dos grandes contribuciones de la ciudad”.

No entanto, esse processo de instauração de um modo de vida coletivo aconteceu de modo processual, que, segundo esse mesmo autor, seguiu-se em três estados de urbanização:

[...] En el primer estadio de la urbanización, el número y el tamaño de las ciudades variaba en función de la disponibilidad de suelo agrícola y de su productividad. [...] El segundo estadio de la urbanización comenzó con el desarrollo de medios de transporte fluviales y marítimos de gran escala y la introducción de caminos para carros y carretas [...]. El tercer estadio de la urbanización no se hace presente hasta el siglo XIX, y es sólo ahora cuando está comenzando a alcanzar toda su extensión, complejidad e influencia. (MUMFORD, 1956:32)

Pode-se notar que essa trajetória tem a ver com o fato de que, a cada dia, ou em cada época, os homens puderam se aperfeiçoar em modos de produção mais adequados às

necessidades que surgiam. Olhando dessa forma, a cidade aparece como um fator de lugar comum, onde se processavam esses avanços tecnológicos, mas também onde se acumulavam as conseqüências mais desastrosas dessa corrida, como hoje vemos nas cidades atuais o grau de segregação sócio-espacial e humana.

Tem-se aqui o aperfeiçoamento do capitalismo como viés de dominação econômica. A produção acelerada e em grandes quantidades através da Revolução Industrial inaugurou definitivamente a criação de lugares bem mais seguros e dinâmicos - as cidades. Isso resultou em uma socialização diferente da do campo, mais acelerada, mais cansativa, movida pelo lucro, dependente do capital.

Dessa forma, novos comportamentos foram sendo produzidos e também novas formas de se estabelecer no mundo, novas maneiras de ser, novo modo de pensar. Quanto a isso, Mance (1996:48) comenta:

Outro aspecto essencial do capitalismo é que ele se tornou definitivamente um sistema produtor não apenas de mercadorias, mas também de subjetividades – modelizando semioticamente desejos, afetos, necessidades, padrões estéticos, éticos e políticos, intervindo diretamente no inconsciente das pessoas com a finalidade de produzir seus próprios signos.

Esse processo culmina hoje com a dominação do capital nas relações, nos gostos, nas formas de pensar individual, coletivo, enfim, na forma de pensar a própria cidade. Sustenta-se também por uma ordem globalizante, que se apóia pela ordem do mercado entre consumidores e produtores. A respeito da globalização, Giddens (1991:57) conceitua:

A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes, de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos, ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa.

Esse fenômeno na cidade traduz-se como uma intensificação nas relações sociais que as tornam consoantes com o modo de evolução das cidades, suas construções para atender a demanda tecnológica, suas novas preocupações e interesses, o surgimento de propostas em investimentos mais arrojados em espaços urbanos.

A cidade como mercado aparece como resultado da cidade globalizada e, agora, apta a caminhar na velocidade da evolução das novas relações de poder econômico. Isso possui um reflexo recíproco no comportamento de quem vive nos espaços urbanos. A

produção de subjetividade na cidade atende prontamente a uma dinâmica social que sustenta a continuidade do processo globalizante.

Na história das cidades, a questão do benefício dos indivíduos de viverem no mesmo lugar, produzindo inúmeros alimentos para a sobrevivência, provocava a sensação de maior segurança nos cidadãos, uma vez que os tirava de perigos de catástrofes naturais.

Em paralelo com esse tipo de segurança, pode-se inferir sobre a segurança advinda da modernidade e vivenciada na cidade. Giddens (1991:17) fala que “o desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidades bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno”.

Na cidade moderna não mais é relevante uma segurança que se fundamente na necessidade de buscar alimento. A segurança que se torna imperativa é aquela que constrói no sujeito a certeza de que ele consegue alcançar padrões ao estilo do homem moderno e que o direito de se expressar enquanto individualidade é, além de preservado, enaltecido.

Faz parte dessa dinâmica a formação de cidades cada vez mais afinadas com os objetivos do capital e com trabalho mais tecnologizado. Os espaços da cidade atendem esse movimento quando da construção, por exemplo, de modernos Shoppings, os quais passam a constituir ícones do mercado e a proverem a continuidade desses padrões de estilo e de consumo.

Atender aos pedidos do mercado em nome de uma intensificação de relações sociais que sejam voltadas para uma dinâmica consumista é transformar a cidade em um palco de encenações artificiais que se distanciam do sentido da cidade. Pensar a modernidade na cidade é pensar, antes de tudo, no passado, no presente e no futuro que preserve a identidade da coletividade, em um movimento que propicie a autonomia dos cidadãos.

1.1 A PSICOLOGIA AMBIENTAL NO ESTUDO DA CIDADE

A cidade, enquanto lugar de subjetividades ou de intersubjetividades, constitui - de acordo com o que já analisado anteriormente - uma extensão da dinâmica dos indivíduos,

na qual se conjuga uma série de elementos identitários, perceptuais ou dos afetos dos sujeitos. Analisar o espaço urbano a partir das pessoas na implicação dessas com a urbe é relacionar as interfaces entre comportamento humano e ambiente, no caso em questão, o construído.

Este constitui um dos alvos teóricos de uma disciplina e área da ciência psicológica que se constrói ao caminhar: a Psicologia Ambiental. Um questionamento poderá advir sobre se esse qualificativo de ambiental: não seria a criação de mais uma psicologia?

A criação desse termo particulariza um conjunto de investigações dentro de um arcabouço teórico e conceitual num olhar singular dentro da Psicologia: o olhar sobre a relação entre o comportamento dos indivíduos e o entorno físico-social, o ambiente construído ou natural, o aspecto espacial no contexto intersubjetivo das realidades das pessoas.

Os estudos de Psicologia Ambiental abrangem investigações que articulam o contexto físico-social e o individual, na busca da relação entre o todo e o particular. Ou seja, o indivíduo e o que o envolve em uma comunicação e transformação recíprocas, o conjunto interno - subjetivo; e o externo – social, ou o arcabouço psicológico e as inter-relações com o entorno físico e social.

As articulações efetuadas entre o contexto físico-social e o individual são também relações que se associam aos estudos da Psicologia Social. As áreas de Psicologia Social e Psicologia Ambiental estão envolvidas uma na outra, imbricada ou mergulhada, uma vez que os ambientes a serem estudados pela Psicologia Ambiental não se separam das inter-relações acontecidas no social.

Os ambientes, ao contrário, estão inseridos no social, são entornos físico-sociais, estudados pela Psicologia Ambiental em seu aspecto psicossocial, ou seja, no que diz respeito ao indivíduo enquanto sujeito na teia de inter-relações sociais, nas quais se mistura e aonde se constrói. Dessa forma, segundo os autores Gunther, Pinheiro e Guzzo (2004:7), “[...] A Psicologia Ambiental se interessa pelos efeitos das condições do ambiente sobre os comportamentos individuais, tanto quanto o indivíduo percebe e atua em seu entorno”.

Mas, pode-se pensar: a Psicologia Escolar (ambiente – a escola); Psicologia Hospitalar (ambiente – Hospital); Psicologia Comunitária (ambiente – comunidade); Psicologia Organizacional (ambiente – organização) não seriam todas Psicologias Ambientais? É algo questionador de fato. Pinheiro (1997) possui o mesmo raciocínio e afirma

que não se trata de apenas adjetivar a palavra Psicologia de Ambiental, mas de pontuar uma tendência na Psicologia geral de contextualizar o conhecimento, ou o método empregado ou a finalidade pretendida para investigação: o contexto físico social.

Assim, adjetivar a Psicologia de Ambiental significa colocar em evidência o contexto físico-social, onde as inter-relações se processam e se efetuam. Aí, deve-se por ênfase no espaço físico sem deixar de considerar os aspectos psicossociais como desdobramentos de estudos da Psicologia Ambiental.

No estudo do espaço, estão incluídas as investigações acerca da avaliação de ambientes construídos (ponte com a Arquitetura); a avaliação de impactos sócio-ambientais (ponte com a gestão ambiental nas organizações); reestruturação de espaços urbanos e colaboração em Planos Diretores (planejamento urbano).

Os conceitos estudados pela Psicologia Ambiental nessa temática são, a percepção ambiental, a cognição ambiental, atitudes, afetividade, assuntos também estudados na Psicologia Social. Podemos citar algumas categorias próprias da Psicologia Ambiental, como apropriação do espaço, *place-identity* (identidade de lugar), simbolismo do espaço, apego ao lugar, identidade social urbana, etc.

As investigações da Psicologia Ambiental não se fazem de forma homogênea, no que diz respeito à perspectiva teórica. Existe uma tendência de outros estudos reforçarem mais a perspectiva comportamental, enfocando a adaptação e controle do comportamento.

Por outro lado, existe a perspectiva de investigação da Psicologia Ambiental, que leva em conta aspectos mais próximos da transformação e do diálogo com a realidade. Direciona-se a uma Psicologia que considere o indivíduo como mediador de mudanças sociais, capaz de refletir acerca de sua construção enquanto sujeito.

Mais próxima a esta perspectiva, o presente estudo adota-se, como referência para a compreensão da Psicologia Ambiental, a Psicologia Histórico-Cultural, a qual leva em conta a dinâmica da construção da subjetividade no processo de historicidade. Nesse processo, o Homem - mediado pelas experiências - simboliza, transforma o meio, identifica-se com este e o constrói, produzindo sua existência.

Segundo Pol, Vidal e Varela (1999:321) a Psicologia Ambiental pode ser definida como sendo:

[...] La disciplina que tiene por objeto el estudio y la comprensión de los procesos psicosociales derivados de las relaciones, interacciones y transacciones entre las personas, grupos sociales o comunidades, sus entornos socio físicos y los recursos disponibles. Como disciplina científica comparte con otras disciplinas un campo de estudio común configurado por el conjunto de fenómenos que implican directamente a las personas con sus entornos naturales y construidos.

Vê-se aí a tendência em uma definição mais dinâmica da Psicologia Ambiental no sentido de se compreender o indivíduo dentro de seu contexto físico e social de forma recíproca. Nesse sentido, não é o ambiente uma variável a mais para o estudo do comportamento, mas existe uma imbricação, em que indivíduo e ambiente se afetam.

É nessa linha de análise que Moser (1998:121-122) toma por base para compreender e conceituar a Psicologia Ambiental como “área de conhecimento [que] estuda a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações e não somente as relações entre as pessoas e o meio físico e social”.

Dessa forma, estudar Psicologia Ambiental seria investigar as reciprocidades entre pessoa e ambiente, ou seja, as pessoas agem sobre o ambiente, influenciam-no, reestruturam-no, ao passo que o ambiente também influencia esta pessoa, possui um efeito sobre ela, pode modificar o comportamento ou as condutas.

Essa compreensão dá ênfase ao fato de que a Psicologia Ambiental não estuda o ambiente como foco único e particular ou o indivíduo restrito aos seus processos mentais. Mas, ambiente e indivíduo são analisados no nível das inter-relações entre eles, em suas dinâmicas específicas.

Essa área, enquanto área de estudo do comportamento humano, também dirige sua atenção aos efeitos do ambiente sobre os comportamentos individuais, dando margem para a investigação acerca das percepções, representações sociais, atitudes ou avaliações de ambientes construídos.

A expressão “a pessoa é o ambiente, o ambiente é a pessoa” (BONFIM, 2003:76) refere-se ao entendimento de que as pessoas não simplesmente respondem a estímulos ou condições ambientais, mas, por serem parte do entorno, passam a influenciar e intervir em seu próprio ambiente físico-social.

Nesse sentido, essa área engloba inúmeras reflexões e construções teóricas-práticas, relativas ao comportamento dos indivíduos em uma inter-relação dinâmica com o ambiente e com suas relações sociais.

As formas de as pessoas agirem sobre o ambiente, seja ele construído ou natural, implica o enfrentamento de problemas práticos, os quais podem se vincular à necessidade de preservar esses ambientes, construí-los, reconstruí-los, qualificá-los. Essas atividades no ambiente implicam o envolvimento das inter-relações dos indivíduos no mesmo, visto o aspecto da reciprocidade pessoa-ambiente.

Nesse contexto, é que a Psicologia Ambiental, como prática profissional, tem como um de seus objetivos estudar o processo de interação humano-ambiental, de forma a propiciar elementos que contribuam para a compreensão do Homem em seu ambiente, bem como o desenvolvimento das pessoas em seu contexto físico-social.

A Psicologia Ambiental ao focar sua atenção na relação pessoa-ambiente traz para a disciplina o encargo de saber de que forma ela irá conceber esse humano. Ou de que forma a própria Psicologia Ambiental irá definir seus pressupostos nos estudos dos fenômenos psicológicos nos ambientes.

Fazemos uma opção pelo caminho de uma concepção histórico-cultural do fenômeno psicológico. Compartilhamos as idéias de Bock (2001:21-22):

(Para uns) O fenômeno psicológico, seja qual for sua conceituação, aparece descolado da realidade na qual o indivíduo se insere e, mais ainda, descolado do próprio indivíduo que o abriga. Assim, o fenômeno psicológico é visto como fenômeno abstrato, visto como característica humana.

Pensar sobre a abordagem histórico-cultural da Psicologia é falar de um homem inserido no social, de forma que não seja concebido dicotomicamente. Subjetividade e objetividade “são aspectos de um mesmo movimento”, usando as palavras de Bock (2001:31).

Ou seja, a subjetividade se constrói e se constitui na relação dos sujeitos com o mundo, materializando-se através da atividade humana, da linguagem, da afetividade. Com efeito, “conhecer o fenômeno psicológico significa conhecer a expressão subjetiva de um mundo objetivo/coletivo” (BOCK, 2001:22).

A partir dessas reflexões, ter como foco de estudos a inter-relação pessoa e ambiente construído e natural é abranger também a concepção histórico-dialética, engendrada na reciprocidade pessoa-ambiente.

Isso porque a relação que se dá entre pessoa e ambiente constitui uma relação de reciprocidade, na qual o indivíduo é afetado pelo ambiente (seja o ambiente residencial, de trabalho, ambiente urbano) e, de outra forma, o indivíduo também afeta o ambiente, transformando-o, intervindo. Dessa forma, estudar Psicologia Ambiental seria investigar estas reciprocidades.

Essa compreensão dá ênfase ao fato de que a Psicologia Ambiental não estuda o ambiente como foco único e particular ou o indivíduo restrito aos seus processos mentais. Mas, ambiente e indivíduo são analisados no nível das inter-relações entre eles, em suas dinâmicas específicas.

Essa área, enquanto área de estudo do comportamento humano, também dirige sua atenção aos efeitos do ambiente sobre os comportamentos individuais, dando margem para a investigação acerca das percepções, representações sociais, atitudes ou avaliações de ambientes construídos.

Com efeito, não se pode empreender os estudos em Psicologia Ambiental sem observar a reciprocidade pessoa e ambiente. A concepção histórico-cultural da relação pessoa-ambiente leva em conta que este ambiente, construído socialmente, denota uma dimensão de uma subjetividade que se faz na relação com o mundo, representando o potencial de intervenção das pessoas para a transformação da realidade, ao mesmo tempo em que as pessoas transformam a si mesmas.

Moser (1998:123-124) assinala uma dimensão temporal e histórica presente nos estudos da Psicologia Ambiental, na qual “em Psicologia Ambiental a noção de história é importante. Não se deve esquecer que é através de sua história residencial que o indivíduo constrói uma identidade residencial, que vai influenciar a sua percepção e a sua avaliação da residência atual”.

A historicidade, neste caso, leva em conta o conjunto de elementos no ambiente que o indivíduo teve contato ao longo do tempo e que ele os elegeu como constitutivos de

suas percepções. Uma historicidade do ambiente que atua sobre o mundo interno dos indivíduos, resultando em maneira de estar e conceber esse ambiente.

Todas essas questões fazem referência ao fato de que o indivíduo visto pela Psicologia Histórico-cultural constitui um indivíduo que constrói sua “subjetividade socialmente em uma relação dialética entre ele e a sociedade e suas instituições” (LANE, 2002:17). E também, pode-se dizer, em uma relação dialética entre indivíduos e os ambientes.

Segundo Tassara e Rabinovich (2003: 26), “o ambiente objetivo não é o ambiente do sujeito, mas o substrato de como o ambiente vai se tornar algo do sujeito. Trata-se de analisar a construção da subjetividade em seu aporte material [...]”.

Desse modo, o ambiente não se constrói por si mesmo. Indivíduo e ambiente estão em processo de construção recíproca. Não é uma interação passiva, na qual ambos convivem e um vai se construindo em particular, recebendo apenas influências mútuas. Em uma compreensão psicossocial, ambiente e indivíduo se interpenetram, sendo que daí resulta a interação de fatores psicossociais e ambientais que constroem a própria identidade dos indivíduos.

A atuação da Psicologia Ambiental nos estudos da cidade coloca em evidência essa concepção de ambiente, na tentativa de se romper com a dicotomia subjetividade e objetividade. Assim, as categorias de análise estudadas na Psicologia Ambiental, como por exemplo, identidade de lugar, simbolismo do espaço, afetividade (sentimentos e emoções), entre outros elementos, são utilizados no estudo do ambiente construído e natural.

Várias categorias estudadas pela Psicologia Ambiental fundamentam os prováveis efeitos que os espaços podem proporcionar ao indivíduo. A princípio, mediante a compreensão de que os lugares, os espaços constituem extensões dos sujeitos em um processo recíproco de identificação, no qual se constroem modos de subjetivação em um processo de afetação recíproca entre o espaço construído e os indivíduos, pode-se assinalar que intervir em um ambiente é também se ter como alvo o indivíduo ou a coletividade.

Pensando desse modo, pode-se levar em conta conceitos relativos aos processos de identificação que se estabelecem nos lugares. Para uma melhor compreensão acerca da identidade de lugar, Tajfel (1981:292) propõe o conceito de identidade social: “é aquela parte do autoconceito de um indivíduo que se deriva do conhecimento de sua pertença a um grupo

ou grupos sociais, juntamente com o significado valorativo e emocional associado a esta pertença”.

O indivíduo, dessa forma, ao se sentir pertencente a um grupo passa a se considerar parte de um conjunto de elementos que encontra nesse vínculo social, de modo que formula congruências em sua maneira de agir, de pensar, atribuindo o significado valorativo a que Tajfel se refere.

Nesse sentido, Valera e Pol (1994) vinculam o conceito de identidade social ao conhecimento feita pelo indivíduo de sua pertença ao entorno concreto, juntamente com o significado valorativo e emocional associado a estas pertenças. A esse sentimento de pertença segue, segundo Pol (1992) um processo de identificação simbólica, na qual supõe uma identificação do sujeito com os espaços que incluem processos afetivos, cognitivos e interativos.

Dando continuidade a essa concepção, Pol, Valera e Vidal (1999) entendem esse processo de identificação vinculando-o com os entornos (identidade social urbana): “a identidade social de um indivíduo também pode derivar-se do conhecimento de sua pertença a um entorno ou entornos concretos, juntamente com o significado valorativo e emocional associado a essas pertenças”.

Em conseqüência, um conceito que se associa a essas definições é o de “identidade de lugar”, considerada por Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983:81), como sendo:

Uma subestrutura da identidade do *self* e consiste em um conjunto de cognições referentes a lugares ou espaços, onde a pessoa desenvolve sua vida cotidiana e em função das quais o indivíduo pode estabelecer vínculos emocionais e de pertença a determinados entornos.

Dessa forma, identificar-se com um lugar é estabelecer com ele um vínculo que está na ordem da valoração simbólica do indivíduo, do sentimento, da sensação de que o sujeito entende e percebe o lugar como algo que é seu; e que o próprio lugar diz sobre o indivíduo aquilo que ele é.

O simbolismo do espaço engloba a identidade de lugar e a apropriação do espaço. Segundo Pol (1992:18), “o processo de identificação simbólica supõe uma identificação do sujeito com o espaço que inclui processos afetivos, cognitivos e interativos”. Isso quer dizer

que, ao se identificar com o espaço, o sujeito propicia um processo de conversão do ambiente anteriormente alheio a um lugar agora significativo para ele, podendo atuar sobre o mesmo, dando-lhe um significado pessoal.

A apropriação do espaço é definida como sendo: o sentimento de possuir e gerenciar um espaço – independentemente da propriedade legal – por uso habitual ou por identificação (KOROSEK, 1986). Pol (1992) acrescenta ainda que a apropriação do espaço pressupõe dois processos circulares: o de ação-transformação e o de identificação. A primeira fase prevalece a modificação do espaço sobre o sujeito. Nesse momento, o espaço dá um significado para os sujeitos. Em uma segunda fase, os sujeitos tentam se identificar com a significação criada. Nessa fase, pode-se estabelecer resistência que envolve a dimensão afetiva, os vínculos afetivos buscam se reconfigurar e uma reorientação é dada ao espaço.

Apropriar-se implica o reconhecimento do indivíduo no lugar, propiciando atitudes de conservação e de cuidado com o mesmo. O espaço, então, pertence ao sujeito, podendo este dispensar sobre aquele um olhar de familiaridade e de semelhança. Dessa forma, o individual e o coletivo possuem uma relação de continuidade com o espaço em que estes se apropriam.

Pol (1992), fala de um simbolismo “a priori” e um simbolismo “a posteriori”. O simbolismo a priori diz respeito à criação de um espaço com uma significação pré-estabelecida. O simbolismo a posteriori se refere àqueles espaços que tem um papel ativo no mundo referencial de uma coletividade ou do indivíduo através do tempo.

A partir desses conceitos anteriormente comentados, pode-se compreender como as intervenções urbanas interferem na subjetividade. Pol e Íñiguez (1993), têm por base que as intervenções no ambiente urbano afetam diretamente a maioria da população, alterando o nível de qualidade de vida na cidade.

Segundo esses autores, a tomada de decisões acerca de programas de intervenções no ambiente urbano ainda não vem acompanhada por um estudo de impactos previsíveis na população. Na maioria das vezes, projetam-se grandes obras consultadas somente por uma equipe técnica, pouco conectada com a vontade da população.

De fato, quem irá conviver diretamente com as mudanças dos ambientes, advindas de um processo de intervenção, serão as pessoas do entorno, os cidadãos que, anteriormente às intervenções, possivelmente, já mantinham com o espaço elementos de identificação.

Desse modo, quando em uma intervenção não se levam em consideração os aspectos de identificação simbólica, do simbolismo do lugar, da preocupação com o processo de apropriação do espaço pelos cidadãos, mediante uma etapa anterior que proporcione a participação das pessoas através do levantamento de suas opiniões, desejos e expectativas frente ao espaço futuramente transformado, essa intervenção pode vir a não ser bem aceita pelas pessoas.

Com efeito, a maneira como as pessoas irão implicar-se e compreender o novo espaço, simbolizá-lo e, por fim, valorá-lo, sintetizará as atitudes de conservação, senso de utilidade e sentido do ambiente transformado. Analisando desse modo, levantar esses aspectos em um processo de intervenção ambiental significa preocupar-se com efeitos menos onerosos estrutural e simbolicamente, no que diz respeito à manutenção da obra ou do ambiente.

Não adianta nada o investimento público em grandes obras no ambiente urbano, se essas obras não dizem algo a respeito da cidade ou da coletividade que ali vivencia suas experiências. Essas intervenções também colocam em pauta o aspecto relativo à qualidade de vida urbana, uma vez que esta se vincula aos efeitos dos aspectos físicos sobre o comportamento dos indivíduos. A respeito disso, Pol e Íñiguez (1993:4) apontam:

[...] Partimos de la base de que el diseño de una intervención en el vacío, es decir, sin tener en cuenta al usuario, puede propiciar un ejercicio artístico de gran relevancia o la manifestación del voluntarismo y del paternalismo mejor intencionado, pero no un trabajo serio tendente a la mejora de la calidad de vida de las ciudades y sus habitantes [...].

Essas intervenções no vazio, como denomina os autores, podem fomentar processos de não identificação dos indivíduos com os espaços. Esses processos direcionaram a maneira como as pessoas irão implicar-se e compreender o novo espaço, simbolizá-lo e, por fim, valorá-lo, sintetizando as atitudes de conservação, senso de utilidade e sentido do ambiente transformado.

Dessa forma, no processo de remodelamento de quaisquer que sejam os ambientes – não necessariamente o urbano - têm-se que levar em conta que processos intersubjetivos se constroem e se estabelecem em torno daquela transformação espacial, de forma que ambientes transformados poderão tornar espaços - antes agregadores - para espaços fragmentados e distantes das pessoas.

Uma das temáticas dos estudos da cidade constitui o planejamento urbano e as intervenções urbanas que são, usualmente, assuntos das áreas de conhecimento da Sociologia, da Geografia Humana/Social, da Arquitetura e do Urbanismo. Principalmente nesta última, visto serem os urbanistas os técnicos responsáveis pelas transformações em ambientes urbanos.

Esses profissionais da área de intervenção urbana confrontam-se com problemas urgentes de reestruturação, adequação dos espaços públicos à funcionalidade, à modernização das cidades, à estética, revitalizações. Os planejamentos de intervenções atem-se, em sua maior parte, ao aspecto infra-estrutural como analisa o arquiteto-urbanista Fabiano Dias³:

O termo urbanismo passa hoje por um dilema conceitual. Quando se pensa em urbanizar uma área, no mínimo se propõe a melhoria das condições de infra-estrutura do local, bem como dos seus usuários. No Brasil, infelizmente o urbanismo vem se restringindo às atuações das municipalidades em intervenções simplórias na criação de praças, pavimentação de ruas ou na infra-estrutura para loteamentos, sendo que muitos são clandestinos e motivados pelas invasões. Intervenções paliativas que na maioria dos casos em nada acrescentam para a cidade e a solução de seus problemas urbanos. Dar infra-estrutura à cidade é função básica de qualquer intervenção urbana e urbanizar pressupõe dar qualidade de vida à população, com um ambiente que atenda suas necessidades, que seja agradável e atraente para o seu convívio.

Os urbanistas atendem às demandas surgidas no contexto urbano, desde as transformações tecnológicas e econômicas às adequações da cidade à dinâmica associada aos reflexos urbanísticos. As infra-estruturas urbanas no domínio do abastecimento de água ou de gás, do transporte ou circulação são respostas que os técnicos de intervenções e planejamento urbano tentam efetuar em seus trabalhos.

Observa-se também na visão do arquiteto-urbanista Fabiano Dias (no texto do site mencionado) a vinculação que este faz entre a qualidade de vida e o ato de urbanizar. Pode-se questionar que concepção de qualidade de vida é pensada nas intervenções urbanas. Se for uma concepção de qualidade de vida ligada apenas a elementos objetivos do ambiente, com certeza, a Psicologia Ambiental não poderá contribuir de forma interdisciplinar.

De certo, usualmente, a noção de qualidade de vida permeia condições materiais ou objetivas definidas como adequadas para o indivíduo. No entanto, apesar da importância de se colocar em discussão esses aspectos, há uma tendência em se focar apenas a dimensão objetiva como estratégia de elevação de qualidade de vida, sem evidenciar e compreender a

³ DIAS, F. O Centro de Fortaleza. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/branco.asp>>. Acesso em: abr. 2002.

importância que os aspectos subjetivo-perceptuais e afetivos subjacentes aos aspectos objetivos do entorno possuem.

Pensando desse modo, é na experiência que as pessoas têm de sua própria forma de vida e no valor que deposita nessa experiência que a qualidade de vida pode ser determinada. Transpondo-se do nível social para o individual, o estudo da qualidade de vida vincula-se ao estudo do bem-estar subjetivo. O bem-estar subjetivo constitui um componente básico de qualidade de vida.

Este bem-estar, também denominado de bem-estar psicológico por Casas (1996), diz respeito a aspectos mais subjetivos, um fenômeno psíquico particular de cada pessoa, do que se obtêm informação de forma individualizada, diferentemente da noção de bem-estar social que faz referência a um fenômeno coletivo.

Os indicadores de bem-estar não são necessariamente aspectos objetivos do ambiente, mas também os indicadores subjetivos do indivíduo, identificados como indicadores psicossociais, apontam nesse ambiente uma maior ou menor qualidade de vida.

Nesse sentido, inclui-se a Psicologia Ambiental na compreensão do espaço urbano além de seu aspecto meramente objetivo. Os aspectos psicossociais levam em consideração elementos cognitivos, subjetivos e afetivos relacionados ao ambiente construído. O entorno faz parte, assim, a partir de uma perspectiva psicossocial histórico-cultural da Psicologia Ambiental, da dimensão da identidade dos indivíduos.

Os profissionais envolvidos em planejamentos urbanos têm como alvo a resolução de problemas urbanos e, ao mesmo tempo, buscam a satisfação dos usuários de equipamentos urbanos. Além disso, almejam também preparar a cidade para o futuro, como aponta Sousa e Rodrigues (2004:23):

O Planejamento urbano, como qualquer tipo de planejamento, é uma atividade que remete sempre para o futuro. É uma forma que os homens têm de tentar prever a evolução de um fenômeno ou de um processo, e, a partir deste conhecimento, procurar se precaver contra problemas e dificuldades, ou ainda aproveitar melhor possíveis benefícios.

No entanto, as preocupações focadas somente em aspectos objetivos na mudança do ambiente urbano⁴, não ajudam na compreensão de este é parte da construção subjetiva dos indivíduos.

É nesse aspecto que a Psicologia Ambiental atua interdisciplinarmente nos processos de intervenções urbanas e no planejamento urbano nos estudos da cidade. O foco dado às investigações da Psicologia Ambiental ao analisar e aprofundar essa interação simbólica, afetiva, perceptiva dos indivíduos aos ambientes colabora no sentido de fornecer subsídios psicossociais para as decisões no planejamento de novos ambientes.

A Psicologia Ambiental pode contribuir para que técnicos e urbanistas analisem que as transformações espaciais não podem ser definidas longe dos processos de construção subjetiva dos indivíduos nos ambientes construídos, nos quais os indivíduos mantêm com estes vínculos cognitivos, simbólicos, afetivos.

1.2 A AFETIVIDADE COMO CATEGORIA HISTÓRICO-CULTURAL DE ESTUDO DO AMBIENTE

O olhar sobre os ambientes desencadeia impressões diferenciadas. Alguém, eventualmente, poderá passar por uma rua de sua cidade e dali seguir seu caminho como se tivesse andado em um corredor vazio. Ou, de outra forma, essa mesma pessoa poderá entrar em outra rua e se deparar com afetos, que a fazem retardar seus passos, implicar-se naquele espaço e perceber que este possui algo dela mesma, um conteúdo subjetivo, resultado de alguma experiência sua naquele ambiente.

Aquele espaço diz sobre essa pessoa, segreda-lhe em sua historicidade, desvenda-lhe que ela está ali o tempo todo, e, mesmo que esteja longe, aquela rua falará sobre ela, testemunhará suas experiências e sentimentos ali vividos, ao passo que a pessoa também levará internamente aquela rua por toda a sua vida.

⁴ Como, por exemplo, tentar-se corresponder a uma demanda funcional do espaço, adaptá-lo a novas dinâmicas comerciais que aquele ambiente passará a ter, ou adequar o espaço da cidade a “designs” mais modernos, sem estar vinculado aos aspectos subjetivos, perceptuais ou afetivos das pessoas que ali se relacionam com aquele determinado ambiente.

Como diz Sawaia (1995:21): “[...] os espaços construídos formam discursos e manipulam impulsos cognitivos e afetivos próprios [...]”. Os muros de uma cidade, seus contornos, suas formas tornam-se representativos ou com uma significação não devido a *designs* que foram criados ou ao empenho do urbanista, mas a um encontro de identidades que se constroem na relação com o ambiente, no qual os indivíduos experienciam sua própria história.

É o que afirma Bomfim (2003:43): “a cidade é o cenário onde os indivíduos vivem suas experiências cotidianas [...]”. Essa perspectiva experiencial da cidade consiste, antes de tudo, em vivenciar o urbano, construindo a si mesmo a partir dele, em um processo de criação e recriação.

Essa qualidade da experiência, na qual a implicação com o ambiente construído leva os indivíduos de uma situação de estranhamento a uma sensação de familiaridade com o mesmo, eleva esse mesmo ambiente, mediante a classificação perceptual e sensível, da categoria de espaço a lugar.

Para compreender melhor o movimento, que se constrói de espaço a lugar, pode-se exemplificar uma dada situação de uma pessoa míope tentando visualizar um objeto a certa distância, o qual já o conhecia e que fazia parte de sua vida. Quando a pessoa está sem suas lentes, ela tem um comportamento de estranheza ou indiferença frente ao objeto. Nela, não se lhe desperta qualquer tipo de sentimento de bem-estar que a deixe confortável a ponto de interagir com o objeto; a pessoa não o conhece, não o valorou, não o sentiu. No entanto, quando essa mesma pessoa míope coloca suas lentes, a mesma avista o objeto, reconhece-o, interage com esse, sente-o como sendo participante de suas experiências, de sua subjetividade.

Da mesma forma acontece quando transformamos os espaços em lugares. Podemos passar pelos ambientes e não os reconhecer, não os valoramos se não temos com ele um conhecimento mais próximo, o qual os implique em uma dimensão existencial vivida com ele.

Tuan (1983:6) afirma que “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. E quando valoramos um ambiente, colocamos ali mais do que nossos pensamentos. Aliados a estes, colocamos nossos sentimentos e emoções como mediadores também de um processo de conhecimento ou de reconhecimento de nós mesmos nesse ambiente.

Tuan (1983:11), ao falar sobre isso analisa que:

[...] é uma tendência comum referir-se ao sentimento e pensamento como opostos, um registrando estados subjetivos, o outro reportando-se à realidade objetiva. De fato, estão próximos às duas extremidades de um continuum experiencial, e ambos são maneiras de conhecer.

É exatamente nessa discussão sobre os limites entre a realidade objetiva e subjetiva, na qual o discurso da objetividade da ciência ensejou demarcar o cientista como sujeito neutro e externo ao seu objeto de estudo, que se insere no presente estudo a compreensão de uma Psicologia que afirme “o homem como sujeito” (GONÇALVES, 2001:37).

Investiga-se aqui a afetividade enquadrada na compreensão histórico-cultural na tentativa de superar a dicotomia entre a objetividade e subjetividade, que dualiza o sujeito e objeto na compreensão tradicional da Psicologia sobre o indivíduo.

A Psicologia histórico-cultural concebe o psiquismo a partir uma construção social, na qual situa o homem como agente transformador de sua própria história. Não existe uma visão determinista em que o homem está voltado para dentro de si mesmo, construindo internamente seu conteúdo psíquico (GONÇALVES, 2001).

Conceber o indivíduo em uma compreensão histórico-cultural da Psicologia é entender que seu processo de construção da subjetividade é interno e externo, individual e social, formulado na relação com os outros indivíduos no momento histórico e material que sua realidade lhe oferece.

Ao se inserir em sua realidade concreta o homem se relaciona com outros homens, efetua experiências que dão contorno ao seu mundo psicológico, interferindo nesse mesmo mundo, transformando-o. Esse processo denomina-se atividade, que juntamente com a consciência e a identidade, formam as categorias fundamentais para a compreensão histórico-cultural do psiquismo. Para Góis (1993:37):

[...] nesse processo de transformação do real [...], o homem apropria-se da realidade e modifica-se através dela para transformá-la e novamente apropriar-se e modificá-la. Constrói-se e constrói seu mundo de modo cada vez mais consciente.

É nessa experiência da atividade socialmente realizada em seu contexto de vida, em sua historicidade, que o indivíduo torna-se sujeito, transformando a natureza, produzindo

os elementos de sua existência material e espiritual. Nesse percurso, o homem produz idéias, relaciona-se socialmente e apreende cada vez mais sua realidade.

Esse processo de apreensão da realidade objetiva caracteriza a consciência. Para Aguiar (2001:98) “É através da atividade externa que se criam as possibilidades de construção da atividade interna”. Essa forma de construção da natureza psicológica – do social para o individual, do externo para o interno demarca a constituição do sujeito.

Esse processo é continuamente mediado pelas relações sociais e participa da natureza da consciência. A fim de aprofundar a consciência do mundo, o homem utiliza-se da compreensão dos signos, os quais constituem pontos de contato entre o indivíduo e a atividade instrumental do meio em que vive.

Esses signos colocam a linguagem como elemento ímpar no processo de construção de consciência do sujeito, além de ser mediadora do movimento de internalização da atividade social dos indivíduos.

Sendo assim, para que se processe a construção do sujeito, um dos importantes elementos de mediação com o contexto social é a linguagem. Esta constitui, como afirma Aguiar (2001:130) a “mediação da subjetividade e instrumento produzido social e historicamente, materializando, assim, as significações construídas no processo social e histórico”. Isso resulta na importância da linguagem ser instrumento de mediação nas relações sociais dos indivíduos, nas quais esses irão significar seus contextos da realidade no processo histórico de suas vivências.

De acordo com Lane (1999:32):

A linguagem, como produto de uma coletividade, reproduz através dos significados das palavras articuladas em frases os conhecimentos – falsos ou verdadeiros – e os valores associados a práticas sociais que se cristalizaram; ou seja, a linguagem reproduz uma visão de mundo, produto das relações que se desenvolveram a partir do trabalho produtivo para a sobrevivência do grupo social.

A linguagem constitui, portanto, uma forma de comunicação da coletividade. No ato da linguagem, as palavras perpassam pelo pensamento, constituindo, na fala do sujeito, o significado da fala. Esse significado é a unidade do pensamento e da linguagem (AGUIAR, 2001).

Ao lado dessa categoria mediadora com o mundo externo, a perspectiva histórico-cultural propõe que também a afetividade (as emoções e os sentimentos) como aliada, juntamente com a linguagem e o pensamento, ao processo de conhecimento do mundo.

Agora retomando Tuan (1983:6), quando diz haver um “continuum experiencial, e ambos (sentimento e pensamento) são maneiras de conhecer”. Em uma visão tradicional da ciência, essa possibilidade do conhecimento torna-se inviável, uma vez que os afetos colocam-se como opostos à busca de uma racionalidade e compreensão do mundo.

Vygotsky (1991) propõe, em uma perspectiva longe da dicotomia razão e emoção, o processo de formulação do pensamento a partir do motivo, ou seja, da intencionalidade, dos desejos do indivíduo, de suas emoções. Bomfim (2003:51) analisando esse autor, afirma: “Não se separa o intelecto do pensamento e da emoção e estas dimensões estão interligadas na compreensão do psiquismo humano”.

Dessa forma, a consciência do mundo perpassa pelo acesso ao sentimento ao pensamento e, de outra forma, o pensamento pode também acessar sentimentos e emoções que abrangem o conhecimento e a apreensão do mundo externo. Pensamento e sentimento caminham na mesma vereda de processamento de assimilação, aquisição e transformação da realidade concreta, proporcionando um potencial de ação dos indivíduos nessa realidade.

Quanto a isso, Vygotsky (1991) pontua a afetividade como fator subjetivo de base “afetivo-volitiva”. Tanto a afetividade, a linguagem e a atividade constituem, segundo esse autor, mediações entre a realidade concreta e a dinâmica interna do sujeito.

Pensando essa relação entre a ação dos indivíduos e os sentimentos e as emoções é que se construiu, a partir das reflexões de Sawaia (1999), o conceito de potência de ação (alegria) e potência de padecimento, nas quais o afeto pode ser deflagrador do modo como os indivíduos irão se posicionar e agir frente à realidade. Os afetos proporcionam também o conhecimento do ambiente imediato através dos sentidos, valorando-os de forma a apreendê-los.

Isso faz com que os indivíduos tenham base para conhecer o mundo circundante e, assim, realizem suas atividades, favorecendo e regulando sua comunicação e interação social com outras pessoas, além de identificar as características importantes do ambiente cotidiano.

2 O CENTRO DE FORTALEZA: LUGAR DE TRANSFORMAÇÕES O IDOSO E OS AFETOS IMPLICADOS

2.1 O CENTRO DA CIDADE DE FORTALEZA: SIGNIFICADO E ASPECTOS HISTÓRICOS E SIMBÓLICOS

Em 1637, chegou a primeira expedição holandesa no Estado do Ceará. Em 1649, uma nova expedição holandesa construiu, às margens do Rio Pajeú, o Forte Schoonenborch, rebatizado, muitos anos depois, pelo nome de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção⁵.

Segundo Girão (1997:11), um aventureiro inglês, que esteve em Fortaleza entre 16 de dezembro de 1810 a 8 de Janeiro de 1811, anotou em seus registros pessoais algumas características desse tempo: “A vila de Fortaleza do Ceará é edificada sob terra arenosa, em formato quadrangular, com quatro ruas partindo da praça e mais outra, bem longa, do lado norte, desse quadro, correndo paralelamente, mas sem conexão”.

Sendo assim, o Forte, no tempo de sua incursão, não era tão forte assim: “A fortaleza, de onde a Vila recebe a denominação, fica sobre uma colina de areia, próxima às moradas e consiste num baluarte de areia ou terra, do lado do mar, e uma paliçada, enterrada no solo [...]” (GIRÃO, 1997:13). Talvez a força não estivesse nas pedras, mas na simbologia do início. Algo que congregou os “fortezenses⁶” em torno daquele monumento.

Em 1726, o forte foi elevado à condição de vila e, em 1823, ganhou o “status” de cidade pelo Imperador Dom Pedro I, chamada de Fortaleza de Nova Bragança e, posteriormente, Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção.

A capital foi crescendo de forma lenta: de 1810 - ano em que o inglês Henry Koster viajou para cá, a 1895 teve uma extensão de somente 5Km quadrados e 985 metros⁷.

⁵ Adaptado do texto: O Ceará no Processo Civilizatório - de 02 de fevereiro de 1500 a 13 de abril de 1726 de Luiz Edgard Cartaxo de Arruda Júnior, no site: www.ceara.com.br/fortaleza/historiadefortaleza.htm. Acesso em: 2 mar. 2006.

⁶ Expressão criada pela autora para indicar simbolicamente a presença inicial do Forte para os fortalezenses.

⁷ [Comentários de Antônio Bezerra de Meneses na Revista do Instituto do Ceará \(v.9, os 147-290\).](#)

E Fortaleza seguiu seu caminho: das imediações do Forte, da praça principal, da rua direita ou da rua principal, dos edifícios da administração civil e religiosa, das conversas, dos encontros, de novas pessoas que avistavam o forte e ficavam. Das residências que eram feitas ali perto para sentir essa sensação maternal da proteção daquela vila (GIRÃO, 1997).

Nesses 5Km quadrados e 985 metros, Fortaleza foi fazendo amizades, as relações sociais já se alargavam no começo de século e pontos de encontros culturais eram criados, como, por exemplo: “Praças que eram tomadas de arbustos e capins, foram belamente ajardinadas, como a do Ferreira (Jardim 7 de Setembro), do Marquês de Herval (hoje Pra. José de Alencar)” (GIRÃO, 1997: 33). Espaços que se tornaram lugares. Espaços que se tornaram vividos na jovem cidade.

Uma cidade que foi descobrindo seus lugares perto daquele Forte. Ali, bem próximo, a jovem urbe ao caminhar, em passeio, já chegava logo em um jardim que foi chamado de Passeio. De todos... público: Passeio Público. Um lugar que não se impôs a si mesmo, dizendo: “eu sou um lugar para você, cidade”, mas um lugar que todos concordaram, aos poucos, com seu conceito. Foi construído historicamente como um lugar de experiências sociais, de simbolismo, de encantos, de segredos, de risos, de existências, de intimidade.

E esse lugar da cidade, que chegou a ser o todo da própria cidade em brilho, beleza, graça, foi testemunhado por Graça Aranha quando aportou no Ceará em 1881:

À noite, no Passeio Público, nesse jardim crestado, que me recebeu pela manhã, a banda de música a tocar, as cearensinhas, sem chapéus, risonhas, atiradas, tão diferentes das maranhensezinhas sisudas e pretensiosas, desfilavam joviais para nós e tudo me parecia novo, estranho, encantador. Foi o primeiro contato com uma cidade diferente de minha velha terra. Que delícias e que perspectivas para o meu espírito curioso me abriu o mundo. (ARANHA apud GIRAÓ, 1997:48)

Na medida em que Fortaleza ia se desenvolvendo, os lugares do início continuaram a ser lugares de conteúdos autênticos da cidade. As ruas principais desses espaços, a história também, tudo começou a pulsar a partir das mediações do Forte, da Santa Casa de Misericórdia, da antiga cadeia (hoje Encetur), do Passeio Público, da estação ferroviária, da Praça José de Alencar, do Paço Municipal, do riacho Pajeú, das ruas Senador Pompeu, Major Facundo e tantas outras a partir dali nascidas. Tudo começou a pulsar a partir do Centro da cidade.

O Centro de Fortaleza, pois, constitui esse berço inicial com uma marca do início, do primeiro lugar agregador e aglutinador de vivências, do lugar dos primeiros encontros dos indivíduos com a cidade e, ainda, de um forte sentido simbólico para os fortalezenses.

Além disso, foi um lugar inicial de gerenciamento urbano, uma vez que constituiu, em seus tempos áureos, cenário de todas as decisões, públicas e privadas, indo dos poderes executivo, legislativo e judiciário (municipal e estadual).

A área central abrigava as sedes da Prefeitura, do Governo do Estado, da Câmara Municipal, da Assembléia Legislativa, dos Fóruns e da iniciativa empresarial, em torno do comércio e da prestação de serviços (cartórios, escolas, escritórios de advocacia, consultórios médicos, odontológicos e outros), além da habitação, que se caracterizava como um privilégio, morar entre as pessoas mais ricas e poderosas.

O que aconteceu com Fortaleza faz parte de um contexto maior de constituição das próprias cidades em nosso país. Segundo Leite (1989: 11), ocorreu, historicamente, na configuração urbana do Brasil, a existência de aglomerações sociais em torno de espaço físico definido, com vistas ao controle colonizador de Portugal. Em decorrência disso, foi-se formando o centro como lugar de aglutinação administrativa, econômica e social.

Ao lado dessa constatação histórica, essa mesma autora afirma que a história desses lugares pode desencadear diversos significados e sentimentos nas pessoas:

O Centro de uma localidade desperta diversos sentimentos de uma sociedade em seus diferentes níveis sociais. Para alguns não passa de um conjunto de construções antigas e decrépitas, de uma confusão permanente gerada pelo conflito pedestre/veículos; em outros casos, o sentimento é de nostalgia, de saudade de um passado “ideal”. Note-se que esse sentimento ocorre até em quem não viveu a época, pois é conseqüente do forte caráter simbólico [...] das edificações que resistiram ao tempo, provas vivas de um momento passado e o passado é presença forte, com diversos significados [...] (LEITE, 1989: 13).

A esfera do simbólico aí referida e relacionada ao espaço e aos equipamentos urbanos refere-se àqueles espaços que tem um papel ativo no mundo referencial de uma coletividade, a partir do significado que através o tempo este foi adquirindo (POL, 1992).

Isso diz respeito à necessidade inerente do indivíduo de localizar em seu ambiente uma referência que o faça pertencer ou identificar algo do externo em si mesmo e elementos de seu mundo interno nas outras pessoas ou em seu território. E, de fato, tanto os edifícios e os outros elementos do urbano, historicamente construídos, quanto o contexto sócio-cultural

podem lhe fornecer essa referência, a qual vai lhe responder a esta busca de pertença a um grupo ou a um território.

Além do aspecto simbólico dos espaços vinculados aos indivíduos, pode-se inferir sobre o aspecto da memória nesses espaços. Halbwachs (1990:26) considera uma memória vinculada a uma construção coletiva do lembrar, em que “as lembranças nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos [...] É porque, em realidade, nunca estamos sós [...]”.

Quanto a uma memória construída coletivamente sobre os espaços, Halbwachs (1990: 43) fala que “nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros”. Nós encontramos significação em torno daquilo que vivemos nos espaços, de forma que sentimos uma certa familiaridade. E também daquilo que vivemos em grupo e inserido no contexto das relações sociais nos limites espaciais das vivências.

Disso decorre que os elementos do espaço presentificados na realidade do grupo garantem a ele uma certa estabilidade ou continuidade. Os espaços, os prédios, os lugares de encontros, os pequenos batentes, a esquina falam desse grupo ou sobre as relações sociais ali construídas, esperam por ele, complementa-os, como se os prédios, os equipamentos urbanos dessem uma certa voz ao grupo ou uma indicação de sua existência.

E, ao mesmo tempo, o grupo dá uma certa continuidade aos espaços construídos ou os faz permanecer como são. A dinâmica grupal requisita dos ambientes conformidade ou congruência, para que se estabeleça nos lugares com maior familiaridade.

Nesse sentido, Halbwachs (1990) também analisa que mediante as transformações de uma cidade, existem resistências tanto individuais, quanto coletivas. Isso porque as referências espaciais que acompanhavam os ritmos de vida, uma vez mudadas - como a destruição de ruas, de residências, de muros - quebram com a continuidade de costumes e hábitos. No entanto, os grupos humanos que ali interagem tentam uma continuidade de suas configurações anteriores, agora sob esse espaço mudado.

De acordo com esse pensamento, no caso de Fortaleza, o início de um processo de perda de hegemonia e expressividade do Centro, frente a outros espaços da cidade, pode estar vinculado a um gradual deslocamento da população ali residente, além da evasão de suas funções de administração e de lazer. No lugar de grupos sociais permanentes ou pouco

rotativos, foi se dando espaço a grupos mais transitórios (como o comércio), no que diz respeito a essas funções citadas.

Isso fomenta uma situação de abandono e de pouca atenção à manutenção dos equipamentos urbanos do Centro, uma vez que eles não correspondem mais aos habituais grupos de usuários que os utilizava, passando a serem redesenhados ou concebidos simbolicamente por outro contexto de relações sociais.

Aliado a esse aprofundamento teórico sobre o centro da cidade, a experiência pessoal com esse ambiente foi importante a partir de uma ação investigativa vinculada a uma concepção histórica e social da pesquisadora.

Ao moderar os passos no centro da cidade, em contrapartida aos passos rápidos dos consumidores e dos comerciantes, a pesquisadora pôde andar no mesmo ritmo que aqueles prédios e casas antigas as quais já pertenceram a muitas vidas que ali pisaram ou já ofereceram os seus batentes para muitos descansarem dos movimentos de seus tempos, que, então, aquelas pedras presenciaram.

Essa experiência deu a impressão à mesma de que o centro se dilui a cada momento em um rompimento covarde e estúpido entre o passado e o presente, no lugar de haver uma continuidade do tempo da vida de um centro que já hospedou, desde o início da cidade, todos os visitantes de suas praças, dos seus hotéis, dos cafés, de suas barbearias, dos Bourlevares, de seus abrigos, do teatro, de suas Igrejas.

Hoje, alguns desses prédios ou equipamentos urbanos estão lá, ainda que com uma configuração social totalmente diferente, mas conservando uma configuração simbólica e referencial do centro e da cidade, desvelando a própria história e presentificação de Fortaleza.

Uma presentificação que poderá passar apenas a ser uma temporalidade interina se os fortalezenses não começarem a enxergar os novos tempos e as novas dinâmicas sociais com o olhar atento ao processo e não à ruptura. Acreditando que o relógio da Praça – tão imponente – irá seguir um ritmo gradual e contínuo em cada novo tempo que surgir no Centro.

Estas são as percepções da pesquisadora a partir de suas experiências. O contato com a realidade do ambiente da presente pesquisa constitui de suma importância para aproximação com este objeto do conhecimento.

2.2 O CENTRO DE FORTALEZA E O PERCURSO HISTÓRICO DAS INTERVENÇÕES URBANAS

De acordo com Silva (2001) e Silva (2005), o centro de Fortaleza teve um período áureo, iniciado na Segunda metade do século passado. Por seu status e prestígio, sua dinâmica confundia-se com a da própria cidade. Esses dias de glória iniciaram o arrefecimento nos anos de 60. Isso se deu, entre outros fatores, ao esvaziamento das funções institucionais e à presença também em outros lugares na cidade de atividades culturais.

Da mesma forma, outro fator bastante importante para a perda dessa hegemonia foi o pouco ajustamento socioespacial do centro diante da nova dinâmica urbana de Fortaleza. Na área central da cidade inúmeras intervenções foram realizadas, mas segundo o mesmo autor “de forma solta e desconectada, não proporcionando uma renovação de vínculos identitários mantenedores do lugar” (SILVA, 2005:39).

Segundo Fernandes (2004), as primeiras intervenções urbanas que ocorreram em Fortaleza, confrontavam-se com os interesses da classe proprietária, que associavam a posse da propriedade privada ao poder econômico da família e da empresa.

Isso não permitiu a efetivação ampla desses planos de remodelação da forma como foram pensadas, embora algumas de suas orientações e perspectivas tivessem sido absorvidas ou adaptadas em outras propostas de intervenções.

De acordo com esse autor, a partir da década de trinta até hoje, houve seis planos de ordenamento físico-territoriais para a cidade de Fortaleza: o “Plano de Remodelação e Extensão da Cidade de Fortaleza” de Nestor de Figueiredo, em 1933, (arquivado); o “Plano Diretor para a Remodelação e Extensão da cidade de Fortaleza”, do Engenheiro e Urbanista José Otacílio Saboya Ribeiro, em 1947, não colocado em prática, devido à pressão de proprietários privados; o “Plano Diretor da cidade de Fortaleza”, do urbanista Hélio Modesto, em 1963; o Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Fortaleza – PLANTIRF, entre os anos de 1969 e 1971; o “Plano Diretor Físico”, de 1975, e o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza – PDDU-FOR, em vigor desde 1996 e em processo de revisão atualmente (FERNANDES, 2004).

Esses projetos tiveram em vista também a reorganização das estruturas urbanas do centro da cidade, na tentativa de modernizá-lo, prepará-lo para as extensões sociais e econômicas que já se faziam surgir em Fortaleza.

Segundo Fernandes (2004:40), o autor do “Plano Diretor para a Remodelação e Extensão da cidade de Fortaleza”, José Otacílio Saboya Ribeiro tinha a preocupação do espaço central da cidade tornar-se alvo de movimentos intensamente centrípetos, a ponto de ocorrer saturações de fluxos e conseqüências para essa área urbanizada.

Suas idéias antecipavam-se a esses problemas, como a proposta de alargamento das ruas para a desobstrução das vias. Esse plano de Saboya objetivava ainda o favorecimento de condições sanitárias e de higiene para o centro que resultasse em sua continuidade como área de confluências da cidade. Além disso, Saboya também propunha criar no centro da cidade uma zona administrativa, comunicando, assim, à cidade elementos de referências desse viés.

As propostas desse projeto de José Otacílio Saboya Ribeiro, de acordo com o pensamento de Fernandes (2004), indicavam a necessidade de firmar no centro tanto a noção de lugar de coordenação de atividades urbanas quanto a condição simbólica que este espaço da cidade já carregava.

Apesar das possibilidades de intervenções desse tipo, o Plano de remodelamento de Saboya Ribeiro foi impedido de ser realizado, visto à preponderância das decisões particulares dos proprietários de imóveis no centro ao impedirem o alargamento das ruas. O poder público não conseguiu, já nessa época, ter um pulso mais forte nas decisões da cidade, frente aos interesses comerciais de uma elite que ali se manifestava.

O “Plano Diretor da cidade de Fortaleza”, de Hélio Modesto, a partir de percepções semelhantes as de Saboya Ribeiro sobre os problemas do centro, propôs soluções semelhantes a este, segundo Fernandes (2004). O trabalho de Hélio Modesto tinha o agravante de, passados dezesseis anos do início do planejamento de Saboya até a recusa do mesmo (de 1947 a 1963), ter que lidar com um quadro piorado de segregação social na cidade.

Hélio Modesto tinha concretamente diante de si os mesmos problemas enfrentados por Saboya: especialização funcional em torno do comércio varejista, o estrangulamento da malha viária em função da permanência dos traçados e a fuga de atividades que garantiam a presença heterogênea dos diversos estratos sociais (FERNANDES, 2004).

Diante de tais problemáticas ainda não resolvidas, Hélio Modesto propunha a valorização do espaço público e a implantação de edifícios governamentais no centro, com vistas a despertar o interesse da iniciativa privada em estabelecer ali seus equipamentos culturais.

Este plano de remodelamento foi aprovado, contudo não totalmente efetuado. Nesse momento, o Brasil vivencia o contexto político do golpe militar de 64 e conseqüente perda de autonomia municipal. Ocorre uma permanência da zona central, sem maiores intervenções ou investimentos.

Aconteceu nos anos subseqüentes o que Saboya Ribeiro tentara remediar com suas propostas. Uma maior circulação de fluxos para o centro – trânsito motorizado, principalmente o coletivo – e fluxos humanos, uma vez que o centro aglutinou (ainda hoje também) um espaço de inúmeros mecanismos de sobrevivência de trabalho, tanto informal, como formal.

Frente, mais uma vez, a um impedimento de uma intervenção mais contextualizada do centro, os interesses políticos, particulares e privados preponderaram-se com mais veemência no espaço central da cidade. De acordo com esses interesses, a areal central da cidade tomava múltiplas faces com uma função marcadamente mercadológica.

Chegados os anos setenta, o “Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Fortaleza – PLANDIRF propõe a existência de um núcleo específico no centro – o “Core” – o qual objetivaria integrações das atividades comerciais, culturais, recreativas e administrativas”. Propõe ainda, segundo Fernandes (2004:60):

Incentivo à verticalização e retirada de equipamentos como Cemitério, Cadeia, Estação Ferroviária, Santa Casa e Mercado Central. Propunha, ainda, a remoção de depósitos abandonados, favelas e antigas instalações portuárias localizadas na área do Poço das Dragas.

Percebe-se que essas propostas atendiam à demanda de uma funcionalidade comercial do centro. A retirada de equipamentos urbanos pode traduzir a tendência de uma lógica tecnicista de remodelação urbana diante da exigência de soluções aos problemas apresentados pelos planejadores dessas intervenções.

Em contrapartida, diminui a importância da reflexão sobre como essas mudanças poderiam interferir na vida das pessoas. De que forma essas retiradas de equipamentos

desorganizariam o contexto das relações sociais que ali permaneciam ou desconstruíam o vínculo afetivo-simbólico construído a partir das vivências das pessoas nesses espaços.

Mais uma vez, a orientação subliminar que norteou essas propostas de intervenção foi a reorganização dos espaços a partir de uma lógica de produção capitalista dos mesmos.

O problema está no fato de que, habitualmente, no centro da cidade, as mudanças advindas do progresso capitalista parecem sempre seguir uma avalanche desrespeitosa, passando a desvalorizar rapidamente espaços ou prédios que contam a história da própria existência do centro, em favor de outros equipamentos ou prédios que respondam mais rapidamente a adequação ao capital.

Isso é rompimento com o tempo. Não consiste em transição e continuidade do passado ao presente, capaz de desenhar-se um futuro mais amigável e menos traidor da história do simbolismo e dos afetos da cidade.

Nos anos seguintes, décadas de oitenta e noventa, os outros planos de remodelação do centro continuaram com intenções semelhantes a esses planos anteriores, visto que os problemas que essa área demandava não eram solucionados.

O centro, nessas décadas, passou a conviver com áreas de bairros de Fortaleza que se valorizaram em termos de equipamentos urbanos mais modernos em comparação com os que existiam nos espaços da área central da cidade. A Aldeota é um exemplo de lugar em que a expansão imobiliária investiu e a elite passou a ver nesse espaço da cidade mais vantagens em termos de segurança, da renovação urbana, de vias de trânsito e de comércios mais organizados.

O Centro não poderia competir com essas áreas mais estruturadas da cidade. Atualmente, planos como o PLANEFOR buscam recuperar edificações que ficaram esquecidas, ao longo desse processo de decadência.

Esse plano destaca que no centro encontra-se atualmente a degradação ambiental acelerada e a perda do status de referencial simbólico como os maiores problemas do centro metropolitano. Fala-se em requalificação ou reestruturação urbana, a partir de uma ação conjunta entre os diversos setores públicos e privados (FERNANDES, 2004).

Criam-se termos como revitalização ou requalificação. A revitalização é um termo muito criticado por setores da população que não têm a visão de que a função mercadológica do Centro seja a mais importante, mas a de que esse espaço já é rico e tem vida por sua simbologia e cultura. Sendo assim, a revitalização é associada à idéia de que o Centro não teria vida e, a partir do processo de recuperação urbana, é que a vida viria novamente à área central da cidade.

Em contrapartida, o termo requalificação (adotado no presente trabalho) diz respeito a um processo de recuperação dos equipamentos urbanos que os inclua mais adequadamente à dinâmica urbana. As intervenções realizadas com esse objetivo, no entanto, continuam a ser pontuais, na década de noventa, segundo Fernandes (2004), não sendo integradas a um plano amplo de recuperação dos equipamentos urbanos ali inseridos.

2.3 OS AFETOS, O IDOSO E A URBANIZAÇÃO

Quantos números e nomes têm realmente os tempos de vida dos Homens? Primeira infância, segunda infância, pré-adolescência, adolescência, idade adulta, um pouco mais de tempo e: a terceira, quarta idade. Parece que sempre se busca qualificar a nossa existência.

O idoso é categorizado na fase de “terceira idade”. Esta constitui um termo que, segundo Veras (1994:26), é de origem francesa “para o título de *les universités du Troisième Age*”. Usa-se essa expressão como uma maneira de unificar o conceito de um tempo vivido pelas pessoas que se caracteriza por uma fase da vida humana, na qual suas possibilidades de trabalho e de ritmo recebem uma configuração diferente em uma sociedade produtivamente ligada ao capital.

Debert (1988) comenta que ao idoso são associados certos estigmas, como o de inativo, improdutivo, obsoleto, solitário. O termo Terceira Idade significaria a ruptura com essas caracterizações, uma vez que subtrairia um pouco o uso do nome velho.

Em termos gerais, velho constitui, no significado da língua portuguesa, algo que já foi usado, que seu tempo já passou e que lembra um tempo que já não existe mais. Trazer

esse termo para nomear a pessoa idosa significa não enxergar a profundidade de uma experiência de vida, a qual ainda pulsa, faz-se presente. O idoso não é um passado ambulante de um tempo que já passou, mas uma existência tão real e viva, quanto o tempo presente da juventude.

As pessoas que entram nessa fase da vida podem vir a sentir solidão, abandono, exclusão. O desafio de se buscar formas de romper com certos estereótipos na terceira idade fomentam estudos e atividades de vários profissionais junto aos idosos.

Segundo Saad (1990), a Organização Mundial de Saúde caracteriza como idoso todo aquele que atinge os 60 anos de idade nos países subdesenvolvidos. Esta faixa é ampliada para os 65 anos nos países desenvolvidos. Dados confirmam o recente aumento da população idosa no Brasil e no mundo, conforme Quadros 1 e 2, respectivamente:

QUADRO 01 – População Idosa no Brasil entre 1950 e 1980 e Projeção até o Ano 2025*.

Décadas	Faixa Etária (%)			% total
	60-69	70-79	80 ou mais	
1950	2,79	1,05	0,04	3,88
1980	3,78	1,80	0,50	6,06
2000	4,58	2,51	0,84	7,99
2025	8,00	4,29	1,49	13,78

*Os dados são percentuais do total da população brasileira (VERAS, 1994:26)

QUADRO 2 – Aumento projetado da população de 60 anos ou mais nos países mais populosos, 1950-2025.

Regiões	População: 60 anos Aumento (Milhões)				(%)
	2025	2000	1975	1950	1950-2025
China	284,1	134,5	73,3	42,5	668,5
Índia	146,2	65,6	29,7	31,9	429,3
CEI	71,3	54,3	33,9	16,2	440,1
USA	67,3	40,1	31,6	18,5	363,8
Japão	33,1	26,4	13,0	6,4	517,2
Brasil	31,8	14,3	6,2	2,1	1.514,3

Fonte: ONU, Diesa, *The world aging situation*, 1985 (Com base nos dados de Veras, 1994:34)

Duchiade (1995) aponta algumas razões para o aumento de idosos, no caso do Brasil, como novas características no quadro epidemiológico da população, como no aspecto

da morbi-mortalidade, gerando a diminuição das doenças infecto-parasitárias e o aumento dos casos de doenças crônico-degenerativas, semelhantemente aos países desenvolvidos.

Pode-se inferir que os avanços alcançados no aumento do tempo de vida das pessoas não constitui um progresso para a humanidade se, aliado a esse fato não ocorrer também o aumento de melhores condições de vida para essas pessoas, e uma aceitação por parte da sociedade do fato de que idoso deve ocupar um lugar de prioridade nas questões sociais.

Os olhares atentos no Brasil já se fazem presentes com relação à Terceira Idade. Percebe-se, nas últimas décadas, o aumento das discussões, dos estudos, das pesquisas, do avanço jurídico (Estatuto do Idoso) e de mais projetos na área social voltados para a pessoa idosa.

De acordo com Moreira (2000), em termos comparativos atuais, a diferença da Terceira Idade da população global entre países centrais e periféricos, será justamente a *menor* ou *maior* qualidade de vida alcançada pelos indivíduos idosos nessas sociedades, visto que, no que tange a expectativa de vida, as desigualdades não serão tão discrepantes, como ocorrera em décadas passadas.

Essa busca por índices maiores ou menores de qualidade de vida perpassa, muitas vezes, pela noção estatística da realidade objetiva mostrada por indicadores sociais como, por exemplo, renda, escolaridade, moradia. No entanto, é importante buscar-se também a qualidade de vida dos idosos em uma perspectiva psicossocial.

De acordo com Amerigo (1995), a qualidade de vida está relacionada em uma mesma área conceitual com o termo bem-estar. Nesse estudo, já se pôde analisar que o estudo da qualidade de vida, em uma perspectiva individual, converte-se no estudo do bem-estar subjetivo.

Dentre vários elementos psicossociais indicativos que este tipo de bem-estar possa estar vinculado, foca-se aqui a análise nos estados afetivos relacionados aos espaços construídos. Dessa forma, o aumento da população idosa nos espaços da cidade deve levar também a reflexões sobre como o urbano está se preparando para oferecer níveis de agradabilidade, acessibilidade, bem-estar, felicidade e inclusão àqueles que vivenciaram a cidade por muito mais tempo.

No livro *Memória e Sociedade*, de Ecléa Bosi (2002), logo na introdução, lê-se o resultado da profunda impressão que a leitura de Bosi ocasionou em sua banca de defesa de

tese de livre-docência. Entre as formulações que a autora fez, aparece a seguinte menção de suas reflexões: “[...] em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem [...]”.

Em uma lógica capitalista e monetária, o idoso aparece em um local residual no meio de tantas outras prioridades. Os governantes são mais visados e parecem mais bonzinhos quando investem em crianças ou nos jovens (aqueles, futuros eleitores; esses, alvos atuais de suas propagandas). Parece que o idoso é relegado a um lugar de fragilidade tal que precisa ser tratado infantilmente dentro de asilos ou assistencialmente em projetos sociais pouco abrangentes.

Nesta mesma sociedade que o oprime, o idoso representa? Essa realmente é uma questão complexa. O idoso poderia representar a pessoa que por toda a sua vida foi sugada pelos mecanismos de produção do lucro e, uma vez não mais capacitada para esse fim, reflete uma não utilidade.

O idoso poderia também representar um ser que trava todos os dias uma luta para tentar manter vivo o suporte imaterial da sociedade, uma vez que vive a batalha de um mundo que não observa muito a continuidade das coisas. Um mundo que vive de substituições rápidas nas maneiras de viver. Um contexto que não mais exige das pessoas a arte de lembrar e sentir suas próprias vivências. Não há tempo!

Disso decorre pensar o idoso na cidade. Cenário onde ocorre de forma mais convulsionada, o processo de produção tecnicista e capitalista do espaço. No urbano, ocorre a adequação de suas estruturas ao foco da sobrevivência institucional, política e econômica. Constitui o lugar onde a prioridade está no movimento de relações sociais mais voltadas para o trabalho e para a sustentação da própria urbe.

Bosi (2004:70) pergunta em *Tempo Vivo da Memória* “O que me contaram os velhos sobre sua cidade?” Em uma clara menção de que os idosos constituem importantes personagens de uma cidade, que a faz continuar, legitimar-se ou rever seu processo de existência.

No entanto, como as mudanças preconizadas no contexto urbano são realizadas de forma que o idoso também se inclua nas transformações de uma cidade?

Com efeito, a questão urbana e o idoso podem ser contemplados ao se analisar o formato e a intencionalidade dos equipamentos urbanos para a cidade. A forma como se pensa

a cidade deve também contemplar o direito do idoso de andar na cidade, senti-la, construí-la, de até lembrá-la, uma vez que esse direito pode também ser usurpado pelas transformações desfocadas da condição afetiva-simbólica e identitária da cidade para os cidadãos.

O urbanismo, como ciência de desenhar as cidades (HOLANDA, 1995) deve levar em consideração que suas intervenções e projetos desencadeiam processos de inclusão e exclusão das pessoas nos entornos transformados. Espaços urbanos antes agregadores de pessoas, fomentadores de processos identitários, podem dar lugar à fragmentação e à individuação paralizantes.

Ademais, um processo de urbanização que não considere o idoso como participante também do direito de apropriar a cidade, poderá levá-lo a um processo de isolamento em suas moradias. Uma cidade com modos de acessibilidade precários (como calçadas altas, falta de calçamentos adequados, degraus incoerentes com a altura dos prédios ou com os transportes coletivos, falta de sinais para a travessia de pedestre) apresenta empecilhos sérios para um livre e seguro acesso do idoso em espaços públicos⁸.

Não se trata aqui do fato de se direcionar agora todo o planejamento ou as decisões de *designs* só para os idosos, mas de assegurar que sejam incluídas no trabalho dos urbanistas suas particularidades e especificidades (SCHICCHI, 2000).

De fato, espaços urbanos mais humanizados e com equidade social em seus formatos proporcionam formas de sociabilidades mais intensas para o idoso. Isso porque essa forma de fazer o urbano formula condições para uma maior autonomia e liberdade deles na cidade, potencializando uma estima positiva a esses espaços. É com essa compreensão que Bosi (2004) argumenta que “[...] se os indivíduos prepararem a cidade para o idoso, a prepararão para qualquer outra pessoa”⁹.

Segundo Bomfim (2003:61): “A cidade é o lugar dos encontros, da intersubjetividade, da formação de relações, pois os indivíduos nunca se afetam sozinhos. Os pensamentos, as ações e os afetos não se originam na essência de cada um, mas na relação”.

⁸ É oportuno relatar vivencialmente esses problemas quando a autora desta investigação pôde sentir, no centro da cidade de Fortaleza, a dificuldade de uma senhora em tentar atravessar a Praça da Estação, a fim de chegar à própria estação para pegar o trem. A senhora pediu à autora que a ajudasse a subir as calçadas altas que ali existem. Pôde-se perceber a face medrosa, insegura e um pouco envergonhada da idosa, por talvez se sentir excluída em suas capacidades físicas, diante de tal formato da travessia.

⁹ Comentário de Ecléa Bosi durante um rápido encontro da autora deste trabalho com Ecléa no Instituto de Psicologia da USP, em São Paulo, momento em que foi relatada a Bosi o conteúdo dessa dissertação.

Pensar uma afetividade dos idosos na cidade é também pensar em suas possibilidades de ir e vir nesse ambiente, onde constitui espaço de encontros com outros de suas idades, proporcionando a construção mais ampla de seus contextos intersubjetivos.

A partir do momento em que o idoso passa a não mais ver a cidade por detrás de um vidro fosco de sua janela ou de seu cômodo lugarzinho na calçada de sua casa, e começa a vivê-la no encontro com outras pessoas, ele passará a implicar-se nesta mesma cidade, afetando-se direta e reciprocamente por ela.

Esse processo de implicação com a cidade possibilitará ao idoso também senti-la por meio da experiência intersubjetiva, tendo os afetos como mediadores dessas experiências de compreensão de si, do outro que interage e da cidade, e compreensão desta como lugar da experiência.

Pensando desse modo, o idoso compreenderá e sentirá que ele mesmo não constitui para a cidade um apêndice passivo que senta no banco de uma praça e olha, olha, não sabe de fato o quê, embora continue neste seu exercício mudo. Da mesma maneira, a cidade não será para ele um objeto ao longe que tenta se comunicar, mas, devido à distância de um e de outro, a escuta não acontece.

O sentir positivamente o urbano proporciona um envolvimento das pessoas com a cidade, de forma que os indivíduos possam sentir-se livres para interagir nos espaços, descobri-los, ter com eles uma relação de descoberta e, o que é mais importante, exercer sobre eles uma ação.

Esse processo, de acordo com Sawaia (2002), faz parte de uma nova racionalidade que se experimenta através dos afetos: a racionalidade ético-afetiva na cidade. “Racionalidade” aqui diz respeito à forma como se compreende algo, como se conhece. “Ética” vincula-se à noção da ação e da transformação sobre o que se conhece. “Afetiva” diz respeito aos sentimentos e as emoções, mediadores desse processo de descoberta e conhecimento na cidade (LANE, 1994).

O envolvimento do idoso com o ambiente, em suas experiências cotidianas, leva-o a agir sobre o mesmo, em um movimento no qual o idoso identifica-se com o espaço que interage e este é identificado pelo idoso, como fazendo parte de sua identidade em processo (CIAMPA, 1987).

Nesse sentido, a cidade não será para o idoso um objeto distante com o qual tenta comunicar-se. A cidade estará dentro do idoso e o idoso estará dentro da cidade. A ele não se destinará um lugar passivo, como se o idoso não participasse do fazer a cidade como um dos tecelões a definir as cores do pano urbano.

No entanto, para que o idoso assim experiencie o cotidiano da cidade, precisam ser-lhe permitidas, nos espaços da urbe, possibilidades de implicação com o mesmo. Os equipamentos urbanos, os problemas de infra-estrutura ou de um desenho urbano que não inclua as especificidades do idoso, podem diminuir essas possibilidades.

Pode-se perguntar, por que não encontramos freqüentemente tantos idosos nas ruas da cidade. Percebe-se sim uma maior incidência de idoso em dias de pagamento de suas aposentadorias. Nesses dias, eles saem mais de casa: Vão ao banco!

Será que nossos espaços urbanos realmente provocam esse isolamento, levando o idoso a pouco interagir com sua própria cidade? Com seus pares?

Formas de inclusão e exclusão nos espaços da cidade podem ser investigadas a partir dos sentimentos e afetos nele implicados. Sawaia (2002: 21) afirma que a investigação da afetividade: “[...] é um meio de penetrar no que há de mais singular na vida social coletiva. Constitui o universo peculiar da configuração subjetiva das relações sociais de dominação, um fenômeno privado, mas cuja gênese e consequência são sociais”.

Isso pode evidenciar o fato corriqueiro que acontece com as pessoas quando, na circunstância de não se sentirem bem em determinado espaço, seus afetos acabam desencadeando formas de agir nesse espaço. Essas formas de agir advindas dos afetos podem ser relacionadas à potência de ação (alegria) ou de padecimento (medo, vergonha) (SAWAIA, 2000).

Esses são decorrentes de um tipo de sofrimento caracterizado por Sawaia (2000:26) como o sofrimento ético-político, uma categoria da dialética inclusão/exclusão, que é “um sofrimento de ser forçado ao sofrimento, decorrente de políticas excludentes”.

Espaços urbanos que excluem os idosos de se reconhecerem nele podem causar esse tipo de sofrimento. Aliado a esse, soma-se a exclusão e o preconceito que muitas vezes os idosos sentem, devido ao ritmo mais lento com relação à dinâmica do movimento da cidade ou

ao sentimento de que pode estar incomodando, por ser considerado economicamente inativo para a sociedade¹⁰.

Vê-se que freqüentemente o idoso, na condição desse ser, já é mais suscetível a um estado de sofrimento no contexto de relações sociais urbanas. Quanto mais se o formato da cidade ou os planejamentos urbanos não proporcionarem aos idosos espaços que diminuam esse estado, a partir do qual se inclui, entre suas conseqüências, o que Sawaia (2000:26) assinala: “a perda dos vínculos do indivíduo com a rede de pertinência social normal e ruptura com laços sociais”.

Investigar, pois, os afetos dos idosos na cidade é realizar um trabalho preventivo na antecipação de problemas que poderão advir no decorrer mais adiante de suas idades. Uma cidade com condições mais propícias ao fortalecimento de vínculos, favorecendo que os idosos se sintam mais pertencentes ao espaço urbano, poderá fazer com que eles diminuam as sensações de abandono e de passividade frente ao mundo. Poderá tornar os idosos mais seguros e menos sofridos psicologicamente, propiciando condições para uma melhoria de qualidade subjetiva de vida.

De certa maneira, as mudanças, pelas quais o centro da cidade passou ou ainda hoje passa, deixaram marcas de rupturas com o passado na continuidade com o presente. Por outro lado, o processo de reestruturação também proporciona que novas condições de sociabilidade surjam nos entornos mudados, além de configurar também formas diferentes de vinculação afetivo-simbólica com os espaços.

Pode-se passar pela experiência de ir a um lugar que agora apresenta novas formas, diferentes daquelas que o indivíduo mantinha em sua memória. Suas lembranças despertam seus afetos, de forma que sua implicação com o lugar será extremamente pessoal e particular. Cada pessoa possui um modo de sentir um lugar, pois suas experiências sociais e individuais deram-se a partir das experiências intersubjetivas.

Muitos idosos que hoje vivem na cidade de Fortaleza talvez não voltem muito freqüentemente a certos lugares, onde viveram suas juventudes. Isso pode acontecer por

¹⁰ Quanto a isso, a autora deste trabalho também já presenciou nos transportes coletivos da cidade a face pouco satisfeita de motoristas de transportes alternativos (que vivem em função de passageiros economicamente ativos e não a serviço das pessoas) ao pararem para idosos com direito à passagem livre. Um deles disse, antes de parar, quando avistou uma idosa ao longe: “- *Puxa, só tem velho hoje!*” Nesse momento, o motorista parou o transporte para a idosa subir não por um ato de respeito ou de inclusão, mas por ser forçado legalmente por normas da empresa.

sentirem uma outra temporalidade nesses lugares – com a qual não se adaptam - ou por que talvez evitem a sensação de perda que esses lugares proporcionam, uma vez que esses espaços não mais significam o sentido que o idoso tinha de estar ali para alguma finalidade.

A memória do idoso leva-o a uma sensação de pertencimento a uma época ou a um espaço que é bem guardado dentro de suas lembranças. Jucá (2003: 100) demonstra isso no relato do Sr. Raimundo Pinto Mesquita:

Eu me divertia muito quando ia aos cafés, porque eram tão pobres que eram uma graça, mas era o ponto de encontro do povo. A pessoa chegava lá e pedia um cafezinho, feito num fogãozinho com uma chapinha de ferro no cantinho da parede. Como ainda não existia gás butano, o café era feito à lenha. Para acender o cigarro, a gente chegava na porta do café e via uma corda que ficava acesa o dia todo. Nela você acendia o cigarro ou o charuto e quando essa corda acabava, acendia outra. Era muito freqüentado, pois o café saía barato, um tostão apenas. Isso em 1946.

A memória desse idoso apresenta uma descrição do que acontecia na esfera social, do movimento que teve contato e que fazia parte daqueles espaços - os cafés. De outra maneira, expressa também como ele se sentia nesses lugares - em uma dimensão mais pessoal - de significação afetiva “Eu me divertia”.

Esses cafés não existem mais na cidade de Fortaleza. No entanto, o Sr. Raimundo colabora com a permanência desses lugares, mantendo-os vivos, de forma que consegue, dentro de si mesmo, resgatar detalhes que poucos poderiam lembrar – onde o cafezinho era feito, como se acendia o cigarro – Pode-se dizer que esse idoso guarda dentro de si fragmentos da cidade, movimentos de uma época, espaços físicos de um tempo que significam sentimentos positivos para ele.

Pode-se notar o conteúdo afetivo das lembranças e das sensações no tempo vivido pelo idoso citado. Uma memória que constata sua experiência com a cidade. Bosi (2004) fala que “a memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”.

Ao se evidenciar o conjunto de transformações urbanas no centro da cidade, é importante questionarmos como o tempo vivido dos idosos está se encontrando com o tempo vivido dos espaços atuais do centro da cidade? Como os idosos sentem um Centro transformado ou desconfigurado espacialmente diante suas lembranças?

Eles que vivenciaram algumas dessas tentativas de remodelação do centro de Fortaleza. Já viram a olhos vistos prédios que continham suas próprias histórias, serem derrubados em favor de uma decisão de planos de intervenção.

A continuidade do tempo da cidade pode ser descoberto a partir dos afetos que se deparam com o presente, entendido como resultado do tempo. Se o presente que agora se apresenta constitui-se de um passado processualmente continuado, resultando em novos equipamentos urbanos que respeitem a história, os simbolismos do Centro, os afetos associados facilitam uma melhor adaptação e aceitação das mudanças na configuração urbana.

No entanto, se o passado da cidade não é respeitado ou acontece a perda das referências simbólicas dos ícones ou espaços públicos, pode-se encontrar menos processos de apropriação a posteriori. Os afetos advindos de rupturas abruptas dos espaços poderão ser afetos que proporcionarão aos idosos sensações de perdas. Perda de um tempo que foi vivido. Perdas de sentimentos advindos de experiências naqueles espaços antigos. Perda da continuidade da história da cidade.

Bosi (2004:39) atesta a continuidade de seus afetos, quando os reviveu em experiência pela cidade:

Outro dia, caminhado para o viaduto do Chá, observava como tudo havia mudado em volta, ou quase tudo. O Teatro Municipal, repintado de cores vivas, ostentava sua qualidade de vestígio destacado do conjunto urbano. Nesse momento descobri, sob meus pés, as pedras do calçamento, as mesmas que pisei na infância. Senti um grande conforto [...] As pedras resistiram e, em íntima comunhão com elas, os meninos brincando nos lances da escada, os mendigos nos desvãos, os namorados juntos às muretas, os bêbados no chão.

Sentir comunhão com um espaço urbano que anteriormente mantinha com o mesmo uma relação afetiva é dar continuidade a essas funções afetivas inerentes aos lugares, quando estes conseguem despertar familiaridade e estima.

Os idosos são testemunhas dessa continuidade ou reféns da descontinuidade das intervenções urbanas desvinculadas de sua afetividade. No caso do centro da cidade, por intervenções que não permitiram uma similaridade ou familiaridade com seus afetos, um Centro formulado com objetivos mercadológicos a favor de vontades e intenções particulares.

Daqui a quarenta anos a geração de hoje caracterizar-se-á como idosa. Será que também sentirão o mesmo que o idoso de hoje por também presenciarem intervenções

despreocupadas com as pessoas e com suas histórias e sentimentos? Isso não acontecerá se as pessoas prepararem as cidades para que outras continuem suas histórias no futuro.

Diante de tais reflexões, quais são os modelos de requalificação do centro urbano de Fortaleza? Quais foram as intenções que os urbanistas tiveram por detrás de cada proposta de remodelação? Fernandes (2004) analisa que foram intervenções pontuais que deflagravam intenções particulares.

E essas sempre denotam o desejo de mudança no Centro para que esse espaço urbano se adeqüe cada vez mais às necessidades do capital de otimizar as dinâmicas físico-espaciais a favor do lucro¹¹.

De certo, o Centro também é lugar de comércio, de trocas, de transações. Mas esse espaço não somente constitui-se lugar para isso. De fato, a centralidade das cidades, segundo Leite (1989:1), faz parte de um processo advindo após a Revolução Industrial, no qual houve a necessidade de espaços, onde se concentrassem as atividades econômicas, políticas e sociais de uma sociedade. O centro de Fortaleza também faz parte desse processo.

No entanto, enfatizar-se a função mercadológica desse espaço, em detrimento das outras possibilidades de expressão da coletividade é ir de encontro aos interesses dos cidadãos. Significa não considerar a dimensão cultural e afetiva em um processo de continuidade do tempo da cidade, em uma articulação com o passado e o presente para construir o futuro. Nesse sentido, Bosi (2004:76) defende:

Os urbanistas devem escutar os moradores, estar abertos à sua memória, que é a memória de cada rua, de cada bairro. Recuperar a dimensão humana do espaço é um problema político dos mais urgentes. A sobrevivência de um grupo se liga estreitamente à morfologia da cidade; esta ligação se desarticula quando a especulação urbana causa um grau intolerável de desenraizamento.

Pensando dessa forma, a requalificação deve ir ao mesmo sentido da humanização dos espaços, como diz a autora citada. Requalificar significa, etimologicamente, qualificar algo que já está qualificado. Com efeito, o Centro já está qualificado. A sua qualidade está em sua história, nas inúmeras vidas que já experienciaram esse espaço da cidade.

¹¹ Nesse sentido, será que o uso do termo “Shopping Centro”, por exemplo, não torna-se contraditório ao sentido histórico e cultural do Centro?. Será que ainda mais não equipara a dinâmica do centro da cidade a dos equipamentos extremamente comerciais da sociedade como é o caso dos shoppings?

A qualidade do Centro não advém, desse modo, unicamente com a modernização ou recuperação dos equipamentos urbanos. É o resultado também de torná-lo lugar de enraizamentos de outros indivíduos, além das pessoas idosas, que ali possam assegurar-se de uma continuidade histórica e afetiva desse espaço na cidade.

Ouvir o idoso é uma forma de efetuar o processo de requalificação. Sentir o que sente o idoso a respeito de suas vivências relacionadas às intervenções é tentar perceber que resultados poderão ter as intervenções presentes em gerações futuras, as quais ocuparão o mesmo espaço central da cidade no futuro, com afetos distantes ou próximos, dependendo da escolha que está sendo feita hoje de transformação dos espaços.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 TIPO DE ESTUDO

Na presente investigação, a apreensão dos afetos dos idosos foi feita por meio do método dos Mapas Afetivos¹². Este método foi elaborado por Bomfim (2003) em sua Tese de Doutorado defendida na PUC/SP.

Tomamos aqui a construção de mapa afetivo como um método de investigação pautado, prioritariamente, na perspectiva humanista-interpretativa¹³. Esse tipo de investigação está entre as abordagens utilizadas pelas ciências sociais, tanto na escolha do instrumento como em sua análise, por sua importância singular na construção do conhecimento em relação a percepções e/ou a práticas sociais (ALVES, 1991; MINAYO, 1998).

Segundo Nations (1996), essa perspectiva é amplamente defendida no âmbito das ciências sociais e humanas quando se pretende penetrar em qualquer contexto ou grupo. Esse modelo de abordagem permite a apreensão da complexidade do fenômeno investigado em sua manifestação natural (MINAYO, 1998).

Uchôa e Vidal (1994) dizem que a perspectiva humanista-interpretativa é usada para identificar e analisar como os fatores sociais influenciam as diferentes formas de pensar, agir e sentir dos indivíduos.

Asseveramos, com efeito, que o método de Bomfim (2003) consta de uma estratégia qualitativa que congrega a interpretação e explicação da afetividade e dos aspectos a ela relacionados.

3.2 LOCAL DA PESQUISA

O local desse estudo foi a cidade de Fortaleza, capital do Ceará. Fortaleza é uma cidade litorânea ligada, basicamente, à atividade portuária e de turismo. Constitui a quinta maior capital do Brasil, com uma população de 2.219. 837 habitantes (IBGE, 2002).

¹² Ver item 3.4.1

¹³ “Perspectiva que aparece mais associada à expressão investigação qualitativa” (ALMEIDA, 1997:34).



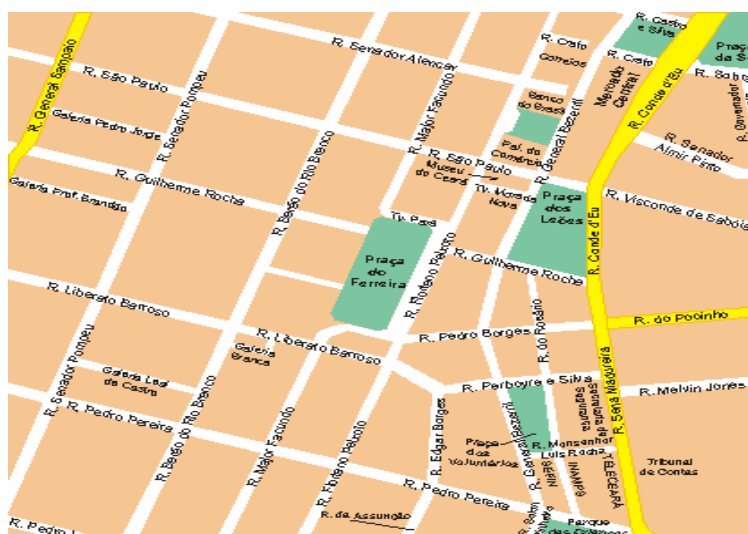
Fonte: Mapa de Fortaleza. Disponível em: <http://www.ceara.com.br/cepg/mapa_ceara.htm>. Acesso em: 04 abr. 2006

O recorte espacial para a configuração e execução dessa análise foi o centro de Fortaleza, o qual constitui um dos ambientes urbanos mais significativos da capital. Esta pesquisa foi realizada em algumas ruas compreendidas no espaço do chamado Centro Histórico de Fortaleza, que abrange o perímetro formado pelas avenidas do Imperador, Dom Manoel, Duque de Caxias e a orla marítima. Além das ruas desse perímetro, incluíram-se também as ruas Padre Mororó, Pedro I e Pedro Pereira em todas suas extensões e, por último, a rua Assunção e Floriano Peixoto até o limite da rua Domingos Olímpio.

Podemos ver nos seguintes mapas as ruas onde foi feita a coleta de dados¹⁴:

¹⁴ Mapas. Disponível em: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/fort/roteiro>>. Acesso em: 04 abr. 2006





O Centro de Fortaleza é um espaço de referência, pois, além do simbolismo que traz como ícone da origem do desenvolvimento da cidade, é, atualmente, um dos maiores pólos econômicos do Estado. Dados da Secretaria da Fazenda (CEARÁ, 2002) confirmam o desempenho econômico do Centro: em 2002, das 9.500 empresas do comércio ali sediadas foram recolhidos de ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadoria e Serviço) algo em torno de R\$ 144 milhões.

O bairro gera em torno de 30 mil empregos diretos. Nos calçadões, trafegam cerca de 60 mil pessoas por dia. Este espaço urbano da cidade também é um forte concentrador de mercadorias, onde o consumidor pode encontrar uma diversidade de produtos desde ervas medicinais ao automóvel, sem falar da disponibilidade de todos os serviços públicos (luz, água, telefone e impostos).

Dentro desse contexto do potencial econômico e turístico, os governos municipal e estadual elegeram como prioridade nas gestões atuais a requalificação do Centro de Fortaleza. Esse processo de remodelação urbana recebe apoio do Governo do Estado, da Prefeitura de Fortaleza e da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL).

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram idosos do centro com idade entre 60 e 80 anos³². Definimos esses idosos do centro como incluindo a população de idosos que moram no perímetro da área central (local da pesquisa) e de idosos que freqüentam essa área.

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2002), a cidade de Fortaleza, no ano de 2002 tinha mais de dois milhões de habitantes. Dessa população total de Fortaleza, os idosos representam um percentual de 7,49%, o que resulta em 149.800 no total. Desses idosos, 24.775 moram no centro da cidade.

Segundo os dados da SEFAZ (2002), o centro de Fortaleza tem uma freqüência diária de 300 mil pessoas, que se deslocam para lá em transportes coletivos. Uma pesquisa recente realizada pelo SEBRAE³³ constatou que de um total de 2237 freqüentadores do centro, apenas 87 eram moradores e 2150 vinham de outros bairros da cidade.

Isso confirma o centro de Fortaleza como um espaço aglutinador de pessoas e que os idosos do centro englobariam esses dois tipos de grupos, idosos moradores e idosos freqüentadores.

O delineamento da amostra de idosos moradores pautou-se na observação prévia de que, no perímetro escolhido, as ruas Pedro I, Pedro Pereira, Princesa Isabel, Floriano Peixoto e Padre Mororó concentram o maior número de residências (casas) em meio ao espaço ocupado pelas atividades comerciais no Centro.

A visitação a essas residências começou no dia 01 de novembro de 2005 e se estendeu até o dia 20 de dezembro do mesmo ano. Foram visitadas 40 casas e entrevistados 30 moradores, número delimitado a partir da verificação de que os dados já estavam se repetindo, o que constituiu uma amostra por saturação (TURATO, 2003).

Essa mesma técnica de delineamento da amostra foi aplicada aos idosos freqüentadores encontrados em praças, ruas e lanchonetes do Centro. O número de freqüentadores que participaram da pesquisa foi igual ao dos moradores.

Todos os 60 sujeitos envolvidos nesse processo de investigação foram convidados pessoalmente pela pesquisadora e informados sobre os objetivos do estudo. Foi facultado o direito de o convidado aceitar ou não o convite, bem como garantida a liberdade individual de

³² Ver item 2.3 do capítulo anterior, p.34.

³³ SEBRAE – CEARÁ Perfil sócio-econômico do cliente do centro de Fortaleza. Fortaleza. Abril de 2004.

cada um de manter ou não a sua identificação no registro das informações a serem tornadas públicas. Os sujeitos que aceitaram o convite foram caracterizados quanto ao sexo, faixa etária e bairros de moradia³⁴.

3.4 ESTRATÉGIAS PARA A APREENSÃO DOS AFETOS DOS IDOSOS DO CENTRO

3.4.1 Método para a apreensão dos afetos

A primeira estratégia utilizada para apreensão dos afetos dos idosos do Centro foi estudar o instrumento de pesquisa de Bomfim (2003). Essa autora construiu seu instrumento voltado para a apreensão dos afetos a partir do redimensionamento dos mapas cognitivos de Lynch (1998). A mesma realizou um estudo com moradores das cidades de São Paulo e Barcelona.

A aplicação do instrumento constou de um procedimento voltado para acessar os sentimentos e as emoções de sujeitos daquelas populações. Primeiramente, foi-lhes solicitado um desenho, depois que escrevessem sobre os significados e os sentimentos que o desenho lhes despertava e a escrever palavras sínteses relacionadas e esses sentimentos. Além disso, os sujeitos foram estimulados a escrever sobre o que pensavam com relação às suas cidades, a fazer uma comparação delas com algo, a responderem a uma seqüência de assertivas em uma escala tipo Likert (1975) e, por último, a preencherem itens do instrumento referentes a dados sócio-econômicos.

De modo sucinto, podemos dizer que o método de Bomfim (2003) para a apreensão de afetos estabelece as inter-relações entre significados, qualidades e sentimentos atribuídos pelo sujeito ao desenho, de modo a permitir a apreensão dos afetos vinculados aos ambientes. O importante nesse método é aliar metáforas e comparações, sentimentos e emoções deflagrados a partir do desenho. Nesse método, as qualidades e os sentimentos do indivíduo implicados no ambiente articulam-se em um movimento de síntese dos sentidos.

³⁴ Ver caracterização da amostra no item análise e discussão dos resultados.

Bomfim (2003) considera que imagens e sentimentos são constitutivos da metáfora. O uso figurado da linguagem deixa transparecer que além da capacidade cognitiva efetuada, o indivíduo pode colocar, comparativamente, seus afetos que estão por detrás de suas palavras.

A partir dos desenhos e da metáfora suscitados neste método os dados são categorizados e organizados, com fins a uma análise e elaboração de imagens que culmina em um sentido apontado pelo pesquisador (Ver item 3.6).

3.4.1.1 Explicação de cada item do instrumento de Bomfim (2003)

A) Desenho:

O desenho é colocado no Mapa afetivo como o primeiro item para o respondente. Com isso, tenta-se, antes de se passar para a escrita acerca do desenho, remeter o respondente à expressão direta de suas emoções e sentimentos sobre o espaço que se lhe propõe no instrumento. Ressalte-se ainda que a interpretação do desenho é feita pelo respondente e não pelo pesquisador.

B) Significado do Desenho:

Nesse item, imediatamente posterior ao desenho, pede-se que o respondente diga o que quis representar com o desenho. Tentar explicar o que significou para ela o desenho através da escrita.

C) Sentimentos:

Tomando-se como base a representação através do desenho realizada pelo respondente, pede-se aqui que o mesmo descreva os sentimentos a respeito do desenho. Este item faz parte de uma fusão de sentidos, o qual um item influencia o outro numa cadeia única (BOMFIM, 2003).

D) Palavras-Sínteses:

Este item poderá dar a impressão de uma repetição da pergunta sobre a revelação por escrita dos sentimentos do respondente. No entanto, a síntese de palavras que expressem os sentimentos provocados inicialmente pelo desenho traz mais uma vez a possibilidade do pesquisando de enxugar ainda mais suas respostas, esclarecendo para ele mesmo, da melhor forma, o que se refere a seus sentimentos e emoções. Além de sentimentos, as respostas nesse item podem variar entre substantivos, qualidades e os sentimentos que o respondente atribui ao seu desenho.

E) O que pensa sobre o ambiente de estudo (BOMFIM, 2003):

Neste item, o respondente irá, através da elaboração textual, significará seus sentimentos, de modo que se possa captar respostas que ainda não conseguiram ser expressas pelo pesquisando no processo seqüencial de busca da expressão dos sentimentos e emoções no decorrer dos itens anteriores.

F) Categorias da Escala Likert:

Constituem afirmações baseadas nas dimensões que foram levantadas no pré-teste, voltadas para a avaliação dos respondentes em uma escala de 0 a 10. Estas afirmações enquadram-se nas seguintes dimensões encontradas no trabalho de (BOMFIM, 2003) agradabilidade (palavras que mostram sentimentos de vinculação com o espaço investigado e suas qualidades positivas); pertinência (sentimentos, emoções ou palavras de identificação com o lugar); contrastes (sentimentos, emoções ou palavras contraditórias em que há uma polarização positiva ou negativa); insegurança (todos aqueles sentimentos e palavras que envolvem algo inesperado, instável e, às vezes, negativo). Os dados provindos da Escala Likert serviram de base para a análise estatística das categorias de análise encontradas no estudo (agradabilidade, insegurança, destruição, contraste e pertinência). Nessa análise estatística foi verificada a variação dos índices dessas categorias, conforme variáveis demográficas e sociais.

G) Comparação do ambiente investigado com algo:

Este item é que remete o respondente à elaboração de metáforas, a qual é realizada através da orientação dada à pessoa de elaborar imagens do lugar investigado através da comparação do mesmo com algo.

H) Participação em grupos e movimentos sociais:

Este item tenta investigar se o respondente possui alguma forma de participação em grupo ou associação ou em alguma ação social. Este quesito traz para o conjunto das informações obtido o nível de participação social do indivíduo pesquisado, podendo esse item estabelecer relação com outros dados do instrumento.

I) Características sócio-demográficas:

Os itens relacionados às características sócio-demográficas estão dispostas no final do instrumento, de forma a se ter como preocupação primeira a deflagração dos sentimentos do respondente e então posteriormente tenta se verificar aspectos mais práticos sobre o mesmo.

3.4.2 Adaptação do método de apreensão dos afetos de idosos do Centro

A segunda estratégia utilizada para apreensão dos afetos dos idosos do Centro foi a realização de um pré-teste para adaptar o instrumento de Bomfim aos sujeitos deste estudo.

Antes da aplicação do pré-teste esse instrumento foi modificado a fim de adaptar a linguagem aos sujeitos desta pesquisa. O pré-teste foi realizado em junho de 2005 e constou da aplicação do instrumento em 12 idosos transeuntes do Centro. Todos eles não aceitaram desenhar o Centro, o que demandou adaptação do primeiro item do instrumento.

Esse resultado do pré-teste serviu para a constatação de que seria mais viável solicitar aos idosos que eles descrevessem um desenho ao invés de solicitar que eles desenhassem.

A pergunta estimuladora foi: se o senhor (a) fosse desenhar o Centro, o que desenharia para expressar sua forma de ver, representar ou sentir o Centro de Fortaleza? A partir dessa adaptação, todos os idosos respondentes puderam facilmente expressar algo do Centro que lhes tangia seus sentimentos e suas emoções.

O pré-teste também serviu para a construção das frases da escala tipo Likert (quinta questão do instrumento de pesquisa, em anexo). Essa adaptação, bem como aquelas referentes à identificação dos sujeitos da pesquisa, foram modificações que não comprometeram o método do Mapa Afetivo, uma vez que o instrumento de Bomfim (2003) também contém uma escala tipo Likert e questões voltadas para a identificação de características sócio-econômicas os sujeitos da pesquisa.

3.4.3 Estratégia complementar para apreensão dos afetos de idosos do Centro

A terceira estratégia utilizada para apreensão dos afetos dos idosos do Centro foi a gravação de suas falas durante a aplicação do instrumento de pesquisa. As falas dos idosos serviram como complementação da análise das informações contidas nos mapas afetivos.

O registro de dados por gravação é uma forma que tem sido bastante utilizada para conteúdo das falas nas entrevistas. No entanto, a adoção desse procedimento levou em consideração a autorização prévia dos idosos, garantindo-lhes o direito de concordar ou não em gravar suas falas durante o processo de coleta de dados.

Essa estratégia qualitativa, cujo conteúdo serviu para complementar a análise dos desenhos, foi aceita por todos os 60 sujeitos do estudo que apresentaram boa receptividade à gravação de suas falas, através de gestos e palavras que demonstravam satisfação no registro de suas falas. Isso foi verificado, principalmente, quando eles tocavam em assuntos relacionados à história do Centro.

3.5 COLETA DOS DADOS

Para a investigação dos afetos dos idosos moradores, a coleta dos dados foi feita nos próprios domicílios. Já com os idosos freqüentadores, o percurso de coleta deu-se em ruas e praças do Centro, nos períodos da manhã e da tarde, em horários em que a ação do Sol era menos intensa.

As dificuldades identificadas no pré-teste como, entrevista nas ruas, inúmeros estímulos no entorno, demora nas respostas e grau de dispersão, levaram-nos a optar pela realização das entrevistas dos idosos freqüentadores nas praças públicas do Centro, onde eles demonstravam ficar menos afetados por estímulos sonoros e visuais.

3.6 METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS

As dimensões apresentadas para essa análise são: identificação do respondente, estrutura do desenho, significado, qualidade, sentimento, metáfora e sentido. Bomfim (2003: 144) construiu o seguinte quadro orientador acerca dessa análise:

Síntese do Processo de Categorização Voltado para a Elaboração do Mapa Afetivo da Cidade

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: Sexo: Idade: Escolaridade e Cidade: Tempo de residência (quando não obrigatório)	Mapa cognitivo de Lynch: desenho de monumento, caminhos, limites, confluência e bairros. Metafórico: Desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.	Explicação do do respondente e sobre o desenho.	Atributos do desenho e da cidade, apontados pelo respondente.	Expressão afetiva do respondente e ao desenho e à cidade.	Comparação da cidade com algo pelo respondente e, que tem como função a elaboração de metáforas.	Interpretação dada pelo investigador à articulação de sentidos entre as metáforas da cidade e as outras dimensões atribuídas pelo respondente (qualidade e sentimento)

Dessa forma, a construção dos mapas afetivos dá-se pela “articulação de sentidos movidos pelos afetos” (BOMFIM, 2003) a partir da explicação de todas as dimensões apontadas acima.

A metodologia de análise dos dados reside em uma abordagem qualitativa, a partir de uma análise categorial das informações (VAZQUEZ-SIXTO, 2000-2001) e da análise do subtexto do sentido e do motivo, fundamentada na perspectiva sócio-histórica de Vygotsky (1991), que toma os afetos como elementos constituintes do subtexto da linguagem sobre um objeto estudado.

A análise dos dados complementares advindos da transcrição do conteúdo das gravações foi fundamentada em Bardin (1977). Outrossim, as categorias levantadas na análise desses dados foram utilizadas na escala Likert, cujas respostas foram analisadas à luz de Rodrigues (2001).

De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo pode ser uma boa técnica para ser usada em todos os tipos de pesquisa que possam ser documentadas em textos escritos ou em gravação de voz. Essa análise substitui as impressões das falas de dados iniciais para dados disponíveis de serem analisados cientificamente. Utilizou-se, para isso, a decomposição do texto, que foi estudado em função das palavras que contém ou idéias que representa.

Rodrigues (2001) defende a idéia de que o dado qualitativo, enquanto representação simbólica atribuída a manifestações de um evento qualitativo, pode receber adoção de símbolos numéricos e premissas aritméticas. A análise estatística dos dados qualitativos levantados na escala Likert desta pesquisa segue essa premissa do autor, através da descrição dos dados dos afetos dos idosos do estudo em gráficos e tabelas e da inferência dos resultados de testes estatísticos não-paramétricos.

3.6.1 Tipos de desenho: cognitivo descritivo e metafórico descritivo

Desenhos isomórficos ou mapas cognitivos são considerados por Bomfim (2003) como sendo aqueles que demonstram elementos estruturais como monumentos, caminhos,

limites, bairros ou confluência. Desenhos metafóricos aparecem quando os respondentes desenham conteúdos mais afetivos do que referências às estruturas.

De acordo com a terceira estratégia complementar de coleta de dados, houve, na presente pesquisa, uma adaptação do primeiro item do instrumento, que convidava o respondente a fazer um desenho. A adaptação ocorrida propiciou que o respondente pudesse descrever seu desenho, uma vez que o mesmo se recusou a fazê-lo. Dessa forma, usamos os termos **cognitivo descritivo**, quando o respondente descrevia aspectos estruturais como monumentos, prédios, caminhos, e **metafórico descritivo**, quando, da mesma forma, o respondente descrevia conteúdos mais afetivos, sem referências a estruturas determinadas do entorno.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DOS SUJEITOS DO ESTUDO

Neste estudo foram entrevistados 60 idosos, sendo 30 moradores do Centro de Fortaleza e 30 idosos que freqüentam esse local. As figuras seguintes mostram a distribuição desses sujeitos conforme sexo.

FIGURA 01 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme sexo. Fortaleza-CE, dez. 2005.

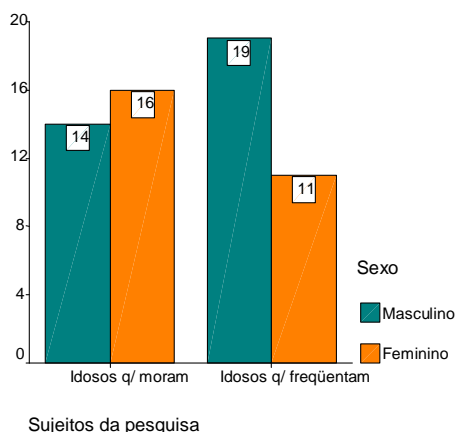
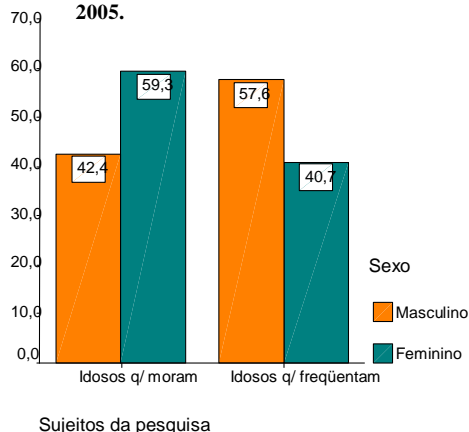


FIGURA 02 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme sexo. Fortaleza-CE, dez. 2005.



Dos 30 idosos que moram no Centro, 16 eram do sexo feminino, representando 50,3%, enquanto que dos 30 que freqüentavam o Centro, o número dos idosos do sexo feminino foi 11, representando 40,7%.

FIGURA 03 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme classe de idade. Fortaleza-CE, dez. 2005.

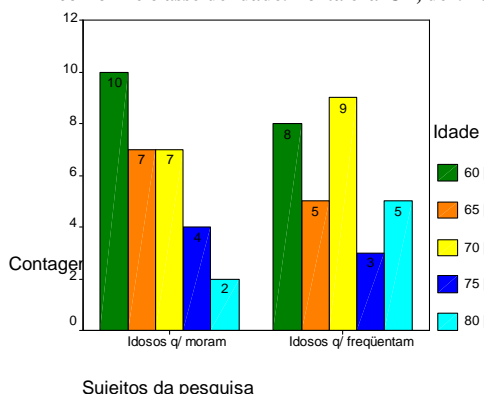
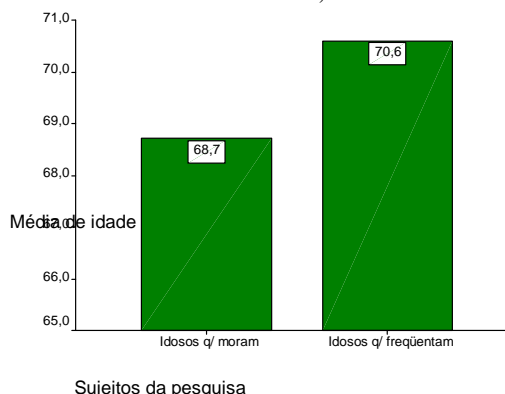


FIGURA 04 – Média de idade dos sujeitos da pesquisa. Fortaleza-CE, dez. 2005.



Conforme a figura 3, o estudo contemplou um maior número de idosos que moravam no Centro com faixa etária entre 60 e 65 anos ($n=10$) e média de idade de 68,7 anos (figura 4). Dentre os que freqüentam o Centro, a faixa etária mais representativa foi a de 70 a 75 anos ($n=9$), sendo a idade média dos mesmos igual a 70,06 anos.

Dentre os idosos que freqüentam o Centro, treze tinham nível universitário (43%), oito tinham Ensino Médio completo (27%), um tinha Ensino Médio incompleto (3%), três o Fundamental completo (10%) e cinco o Fundamental incompleto (17%). Dos que moravam no Centro, nove tinham o Ensino Médio completo (30%), oito tinham nível universitário (27%), seis o Fundamental completo (20%) e mesmo número o incompleto e apenas um não tinha estudo (3%).

Figura 5: Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme nível de escolaridade. Fortaleza, 2005.

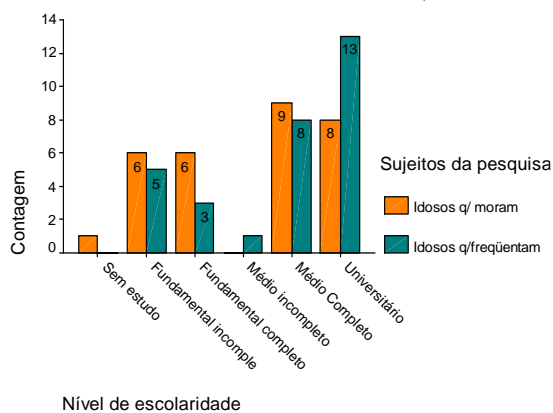
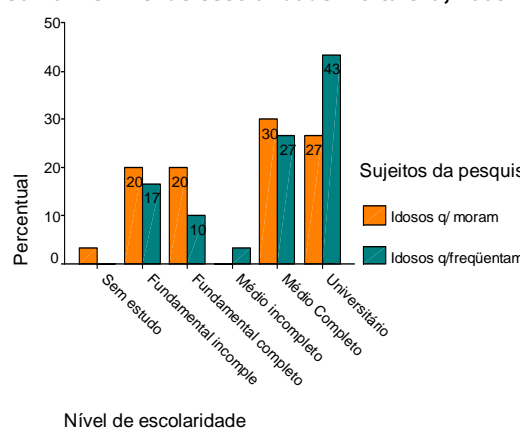


Figura 6: Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme nível de escolaridade. Fortaleza, 2005.



Dos 30 sujeitos da pesquisa que freqüentavam o Centro, oito trabalhavam e 22 que não trabalhavam (73,3%). Dos 30 que moravam no Centro, o número dos que trabalhavam era um pouco maior (n=10), um percentual correspondente a 33,3%.

Figura 7: Distribuição dos sujeitos da pesquisa conforme trabalho. Fortaleza, 2005.

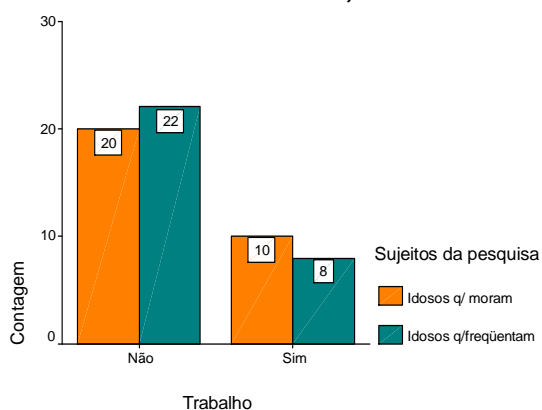
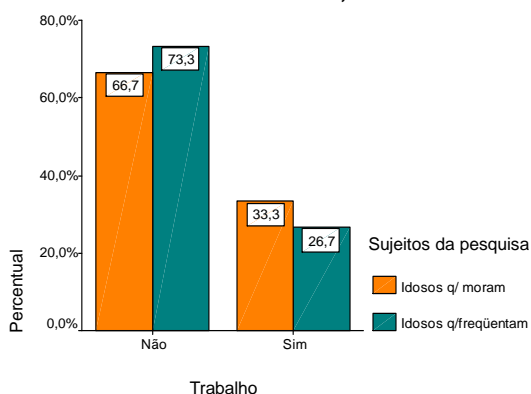
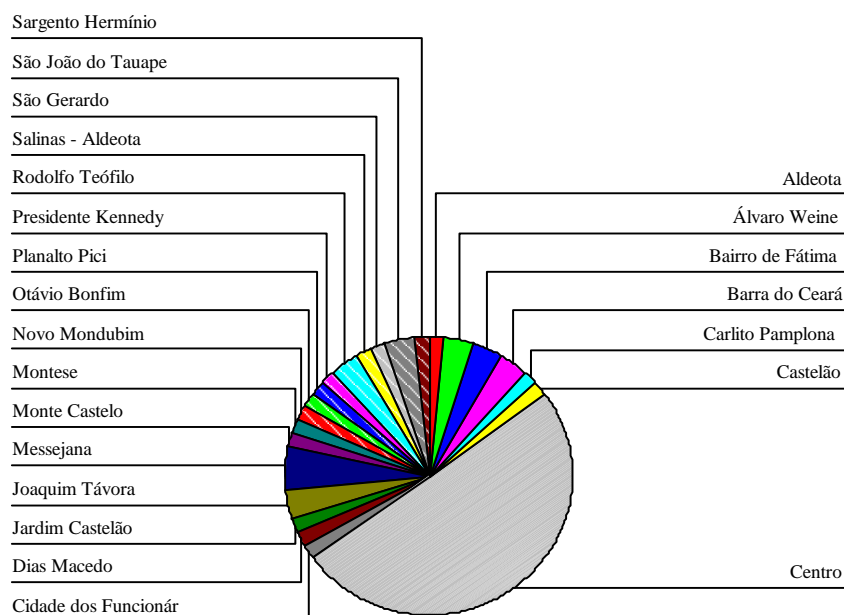


Figura 8: Distribuição dos sujeitos da pesquisa conforme trabalho. Fortaleza, 2005.



A amostra do estudo apresentou uma razoável distribuição representativa da cidade de Fortaleza, como indica a figura seguinte:

FIGURA 09 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme bairro de moradia. Fortaleza-CE, dez. 2005.



Nesses bairros foram contemplados as seis Regionais³⁵. Regional I (Barra do Ceará, Carlito Pamplona, Monte Castelo, Álvaro Weyne, São Gerardo); Regional II (Centro, Joaquim Távora, Aldeota, São João do Tauape, Salinas); III (Rodolfo Teófilo, Presidente Kennedy, Planalto do Pici) Regional IV (Fátima, Montese, Otávio Bonfim); Regional V (Novo Mondubim); Regional VI (Dias Macedo, Messejana, Cidade dos Funcionários, Jardim Castelão, Castelão).

Figura 10: Distribuição dos sujeitos da pesquisa por tempo de moradia no Centro. Fortaleza, 2005.

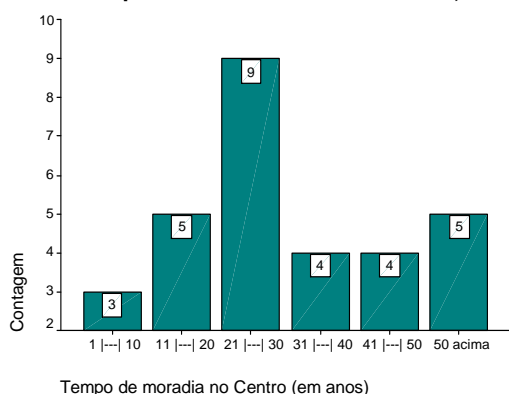
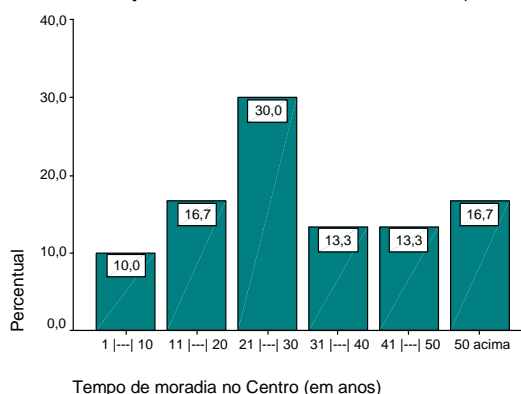


Figura 11: Distribuição dos sujeitos da pesquisa por tempo de moradia no Centro. Fortaleza, 2005.



Entre os trinta idosos moradores entrevistados, uma percentagem de 16,5%, representando cinco respondentes moram o centro da cidade há mais de 50 anos. A mesma

³⁵ Constitui uma forma de organização administrativa da Prefeitura de Fortaleza que vincula certos bairros da cidade à instância de administração correspondente – as Secretarias Regionais ou simplesmente Regionais.

percentagem de moradores foi percebida em 11 a 20 anos de moradia. O maior número de idosos, representado 30% dos moradores entrevistados, possuem um tempo de moradia entre 21 e 30 anos.

4.2 DADOS COMPLEMENTARES SOBRE OS SUJEITOS DO ESTUDO

Verificamos entre os idosos moradores e freqüentadores, os logradouros do centro da cidade que eles mais gostam e os que menos gostam. Entre os lugares que mais gostam, destacou-se a Praça do Ferreira como lugar de maior afeição, pelos motivos descritos na tabela 01. As outras praças no entorno desta foram apontadas de forma relativamente uniforme, com relação ao quesito “gosto”, sem maiores diferenças.

Entre os lugares que os idosos do estudo menos gostam, houve uma diversificação maior de respostas, sendo a Praça José de Alencar e a Praça da Lagoinha como a que mais se destacam a um menor afeição dos respondentes a essas praças. O Passeio público e Praça da Estação apresentaram-se como os lugares seguintes às freqüências relativas ao “menos gostar” e também a Praça Coração de Jesus e as mediações da Catedral Metropolitana de Fortaleza. Os demais espaços distribuem-se uniformemente na tabela 02.

TABELA 01 – Lugares do centro de Fortaleza que os idosos do estudo mais gostam. Fortaleza-CE, dez. 2005.

	f	%
A própria casa	3	5,0
Calçadas (livre de carros)	2	3,4
Praça / Igreja Coração de Jesus	2	3,4
José de Alencar	2	3,3
Onde era o Cine Diogo	1	1,7
Parque das Crianças (espaço, árvores)	2	3,4
Praça do BNB	2	3,4
Praça do Ferreira (agradável, convivência, lembranças, lugar de restaurante, lugar mais limpo, que tem pessoas de bem)	42	70,2
Praça dos Leões	1	1,7
Total	57	100,0

Esses lugares que se destacaram na tabela 02 foram associados a espaços de extrema insegurança, nos casos das Praças citadas e da Catedral. O espaço do Passeio Público

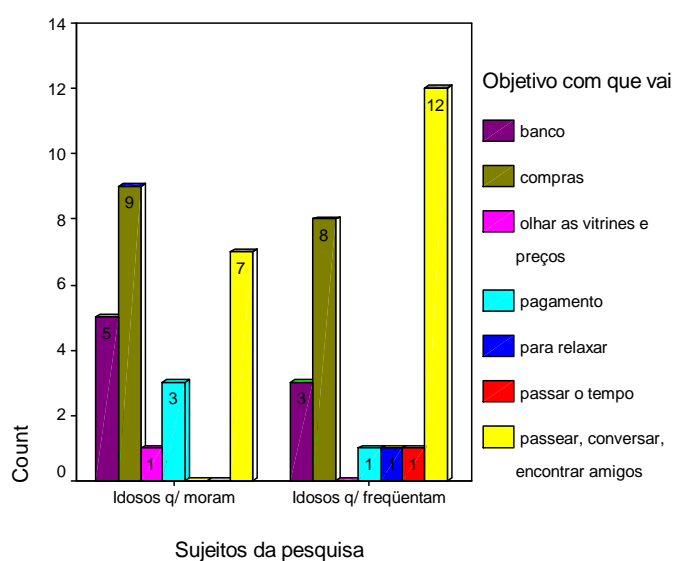
foi vinculado a um lugar de desvalorização moral pelo simples fato de lá passar ou permanecer, conforme o idoso freqüentador n.30: “fica mal visto”.

TABELA 02 – Lugares do centro de Fortaleza que os idosos do estudo menos gostam. Fortaleza-CE, dez. 2005.

	f	%
Praça Coração de Jesus	4	6,7
Praça do Ferreira	1	1,7
Praça da Lagoinha	8	13,4
Mediações da Catedral	4	6,7
Beco da Poeira	3	3,3
Praça José de Alencar	14	23,3
Beco da Poeira e Praça da Lagoinha	1	1,7
Florian, Travessa Pará e São Paulo	1	1,7
Beco da Poeira, José de Alencar	1	1,7
Passeio público	5	8,3
Praça da Estação	5	8,3
Praça dos Voluntários	1	1,7
Cemitério São João Batista	1	1,7
Comércio da Conde-dê	1	1,7
Florian Peixoto	1	1,7
Total que emitiram respostas	49	81,7
Total de sujeitos do estudo	60	100,0

Quanto aos objetivos que levam os idosos do estudo às ruas do centro de Fortaleza, observamos, segundo a figura 12, que entre os idosos que freqüentam existe uma maior intenção relacionada ao passeio e ao encontro (12 idosos), acompanhada pelo objetivo comercial (oito idosos), enquanto que em idosos que moram no centro, os objetivos ligados às compras, ao uso de bancos e à realização de pagamentos (18 idosos) se sobrepôs à intenção de ir às ruas do centro devido ao passeio ou aos encontros entre amigos (apenas sete idosos).

FIGURA 12 – Objetivos de ir às ruas do Centro em idosos que moram e idosos que freqüentam. Fortaleza-CE, dez. 2005.



Podemos inferir que, no presente estudo, para os moradores do centro, este se vincula mais como espaço de uso dos equipamentos aí existentes do que como lugar de lazer e descontração.

Ainda com relação aos objetivos que levam os idosos irem às ruas do Centro da cidade, constatou-se que, segundo tabela 03, dos 32 idosos homens entrevistados, 22 deles têm objetivos mais vinculados ao lazer e à promoção de seu bem-estar, sendo que 20 idosos homens objetivam ir ao Centro para passear, conversar e encontrar amigos, um idoso para relaxar e um idoso para passar o tempo, enquanto que em nenhuma das mulheres idosas da investigação foram encontrados esses mesmos motivos de ida ao Centro.

Das 25 idosas entrevistadas, 24 tinham motivos mais utilitários e pontuais relacionados ou ao comércio ou ao dinheiro: com efeito, dentre as idosas, 12 possuem objetivos relacionados às compras; nove idosas objetivam ir aos bancos e três vão ao Centro devido a pagamentos.

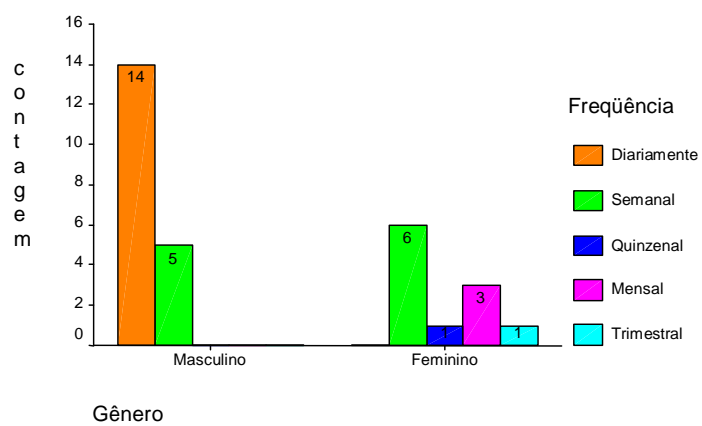
TABELA 03 – Objetivos dos idosos do estudo quando vão às ruas do centro da cidade. Fortaleza-CE, dez. 2005.

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
	Passear, conversar, encontrar amigos	20	-	20
Objetivo com que vai às ruas do Centro	Compras	8	12	20
	Banco	1	9	10
	Pagamento	1	3	4
	Olhar as vitrines e preços	-	1	1
	Para relaxar	1	-	1
	Passar o tempo	1	-	1
Total		32	25	57

O resultado da tabela anterior pode correlacionar-se aos resultados da figura 13 que mostra a frequência dos idosos frequentadores segundo o gênero. Os idosos homens vão ao centro em um espaço menor de tempo (diária ou semanalmente) do que as idosas mulheres (semanalmente ou mensalmente). Isso respalda os dados anteriores da tabela 03, no sentido de que os objetivos dos idosos homens do estudo relaciona-se a motivos mais prazerosos e ligados à continuidade de vínculos sociais mantidos no Centro que os leva à uma frequência mais intensa a esse espaço.

Já as mulheres idosas, por manter uma relação prática e pontual com o Centro, vendo-o como um lugar de uma funcionalidade comercial, vincula-se menos intensamente a esse espaço, o que torna mais esparsas suas idas à área central da cidade:

FIGURA 13 – Frequência ao Centro conforme o gênero de idosos frequentadores. Fortaleza-CE, dez. 2005.



4.3 ELABORAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IMAGENS E MAPAS AFETIVOS POR IDOSOS QUE MORAM E POR IDOSOS QUE FREQUËNTAM O CENTRO DE FORTALEZA

As imagens do Centro de Fortaleza foram levantadas a partir da análise categorial e análise do subtexto, do sentido e do motivo, a qual articula o significado dado aos desenhos pelos sujeitos com os sentimentos e as qualidades a eles relacionados.

As articulações das respostas nos mapas afetivos foram sintetizadas através das categorias desenho, significado, qualidade, sentimento, metáfora e sentido, de acordo com o procedimento metodológico empregado para a elaboração das imagens.

As imagens construídas do Centro de Fortaleza extraídas pela análise dos mapas afetivos foram: **contrastes, destruição, agradabilidade, pertinência e insegurança.**

Os quadros seguintes mostram as imagens dos idosos que moram e que frequentam, com as respectivas qualidades e os sentimentos associados:

QUADRO 03 – Imagens do Centro de Fortaleza, conforme as qualidades e os sentimentos dos idosos que moram. Fortaleza-CE, dez. 2005.

IMAGENS (ordem de importância - frequência)	Qualidades atribuídas ao Centro de idosos que moram	Sentimentos atribuídos ao Centro de idosos que moram
Destruição	Tem muita desorganização e tumulto; não tem coisas boas. O Centro é um fracasso; o Centro é uma tristeza; decadência, descuido; Tudo acabado, hoje não tem nada. O Centro não tem mais vida; Entregue às baratas. Só tem marginal; falta de respeito; descaso; falta de atenção; um lixo; incômodo, bagunça.	Tristeza; abandono; mal-estar; decepção; perda; sentimento de estranheza; Impotência; desvalorização; desorientação; decepção; sensação de ser velho; desilusão.
Contrastes	Ambiente familiar/ambiente cheio e tumultuado; lugar que está indo embora/representa um lugar vivo; lugar importante/desorganização; início de Fortaleza/decadência.	Alegria/insegurança; Medo/bem-estar; Segurança/insegurança; Abandono/amor;
Agradabilidade	Ambiente familiar, um lugar para conversar, importância, bom lugar para fazer compras, beleza, lazer, utilidade, ambiente que vai para comprar.	Amor; alegria; satisfação; bem-estar; familiaridade; intimidade;
Pertinência ao passado	Agradável, tranquilidade, é um lugar digno de morar, lembrança boa, comodidade, lugar de minha juventude	Amor; segurança; agradabilidade, alegria, paz, bem-estar, saudade
Insegurança	Perda de coisas que existiam; era um ambiente familiar; Era um ponto de encontro dos amigos, hoje passam pelo centro pessoas preocupadas.	Saudade, tristeza, insegurança, falta de entusiasmo, anonimato, indiferença.

QUADRO 04 – Imagens do Centro de Fortaleza, conforme as qualidades e os sentimentos dos idosos que freqüentam. Fortaleza-CE, dez. 2005.

IMAGENS (ordem de importância - freqüência)	Qualidades atribuídas ao Centro de idosos que freqüentam	Sentimentos atribuídos ao Centro de idosos que freqüentam
Destruição	Bagunça, caos que se verifica no Centro de Fortaleza; Poluição sonora e visual. Muito perigoso com relação a assaltos. Desordem e falta de higiene; É um ambiente de corrupção, tem tudo o que não presta; agitação, descaso, falta de amor à casa; sujo, degenerado, cheio de carro.	Confusão; irritação; desrespeito; desamor; desprazer; tristeza; desprezo; medo; insegurança;
Pertinência ao passado	Centro do passado, deveria ser mais como era antigamente e voltar a ser o que era; O Centro que era antigamente; Origem de Fortaleza; Tempo de infância; Coisas que vivenciei na juventude. Coisas que passaram; Importância; Foi bom e gostoso de viver.	Alegria; paz; amor; saudade; satisfação; bem-estar; tranqüilidade.
Contrastes	Lugar de paz/lugar que afasta as pessoas; O Centro tem duas fases: pelo dia é bom, é legal; à noite, é horrível; O Centro tem vitalidade/está decaído;	receio/paz; abandono/tranqüilidade, mal-estar/bem-estar; tristeza/felicidade;
Insegurança	Ambiente perturbador, não tem mais segurança; Um lugar inseguro(hoje)/ antigamente andava tranqüilo; Desejo de paz no Centro. No passado, até no Domingo ia passear no Centro; Saudade em ver o Centro que era feliz, pois se tornou essa coisa que se tem medo; Lugar onde hoje ando com a bolsa agarrada, diferente quando andava tranqüilo;	Medo; insegurança; nostalgia; saudade.
Agradabilidade	Lazer; passeio; é o lugar mais importante e aprazível; Descanso do espírito, lugar onde pára de pensar nos problemas da vida; É bom de passar o tempo.	Alegria; prazer; bem-estar; saudade, alegria; emoção; calmo; tranqüilo; liberdade; agradável, amor.

O Centro de Fortaleza foi representado pelos idosos que moram, principalmente, por duas imagens: a de **destruição** e a de **contrastes**. A imagem de **destruição** corresponde, nessa população, à poluição, à desorganização, às imagens que mostram a decadência, a pobreza. Essa imagem também se associou à comparação feita a partir das lembranças de um centro do passado, o qual continha qualidades e ícones representativos, com um centro atual, no qual se percebe uma configuração simbólica diferente àquela lembrada pelos idosos, acompanhada por sentimentos de uma auto-estima mais negativa frente a essas diferenças.

As imagens de **contrastes**, de acordo com Bomfim (2003) se referem às imagens que provocam ambigüidades de sentimentos nos habitantes. Nos idosos moradores da área central, essas imagens foram representadas por um Centro onde, ao mesmo tempo em que se configura como ambiente familiar, possui uma realidade de excesso de estímulos e de pessoas. Uma imagem a qual se associa a decadência, o término, a desorganização, embora se vislumbre a possibilidade de tranquilidade, vida e importância.

Ainda para essa população de idosos, as imagens de **agradabilidade** também foram representadas. Essas imagens, nesse estudo, correspondem à familiaridade, à comodidade de moradia em lugar funcional, onde se pode encontrar tudo para comprar e a um lugar de importância. Essa imagem também foi associada à beleza e ao lazer que o Centro representa.

A imagem de **pertinência** para os idosos que moram relacionaram-se à exaltação de qualidades ao centro em épocas passadas, bem como a ênfase dada como lugar de recordação e de importância histórica para a cidade de Fortaleza.

Os sentimentos associados a essa imagem eram sentimentos mais potencializadores, como alegria, bem-estar, amor, saudade. As lembranças verificadas que se relacionavam a uma pertinência ao passado levavam o idoso a permanecer em suas lembranças, ao ponto de sobreporem a representação do passado, para eles mais significativa, à do presente, não se referindo como o centro é atualmente, mas como foi.

A imagem de **insegurança** em idosos que moram também se associou às lembranças de um centro do passado. No entanto, essas lembranças tiveram uma conotação mais negativa. Os sentimentos relacionados à imagem de insegurança (saudade, tristeza, insegurança, anonimato) deflagravam um centro atual tão diferente às referências simbólicas que se tinha do passado que causava certo estranhamento do idoso que, uma vez não se identificando e não se reconhecendo nas características de reconfiguração estrutural e social, sente-se inseguro frente ao centro que vivencia no presente.

Já nos idosos que freqüentam o Centro, as principais imagens afetivas foram as de **destruição e pertinência a um lugar do passado**. As imagens de **destruição** tanto nos idosos que freqüentam o Centro quanto nos que moram foram associadas à poluição sonora e visual. No entanto, entre os idosos freqüentadores ocorreram maiores referências à imagem de destruição no que se relaciona aos aspectos da sujeira, da desordem, da falta de higiene e do excesso de estímulos advindos da circulação do trânsito, principalmente dos ônibus.

A comparação entre um centro do passado e do presente teve mais ênfase na diferença de um centro do passado fundamentalmente residencial e um centro do presente com primazia na área comercial, o que provoca no mesmo atribuições negativas de desorganização, sujeira, poluições, degeneração.

A imagem de pertinência ao passado referiu-se, para os idosos que freqüentam, assim como nos idosos moradores, a menções a elementos do Centro com características do passado, como prédios, monumentos, lugares específicos, modos de comunicabilidade, recursos de lazer e de trânsito dentro da área central. Essas referências nos que freqüentam associavam-se sobremaneira às lembranças pessoais nos tempo da juventude ou da infância. Os sentimentos associados também propiciavam uma valorização pessoal, de forma que esse passado era enfaticamente referendado quando o idoso falava sobre o centro da cidade.

Também foram encontradas as imagens de **contrastos** e de **insegurança**. As de **contrastos** nos idosos que freqüentam estão associadas à duplicidade da área central de Fortaleza encontrar-se com estruturas físicas em decadência, mas ao mesmo tempo essas mesmas estruturas expressarem a história da cidade e de suas próprias vidas. Essas imagens foram vinculadas à dinâmica paradoxal do Centro de acordo com os períodos de tempo: durante o dia, ocorrem movimentações de toda ordem em contraposição à noite que é vazio e sem vida.

As imagens de **insegurança** nos idosos que freqüentam foram sustentadas pelas comparações de um Centro que antes (em suas épocas de juventude) não era violento e perigoso em contraposição a uma realidade de hoje que produz medo e desconfiança.

Por fim, a imagem de **agradabilidade** nos idosos que freqüentam o Centro está associada ao prazer de ir a uma área da cidade que significa lazer, para onde pode passear e pensar nos problemas da vida, diferentemente em idosos que moram, nos quais a mesma imagem associa-se principalmente à comodidade que o centro representa em oferecer ao idoso a diversidade das instituições (hospitais, bancos, repartições públicas) e a multiplicidade de produtos comerciais.

4.3.1 Os sentimentos associados às referências ao passado: Imagens de Pertencimento ou de Destruição ou de Insegurança

Entende-se nessa investigação, que, a partir dos estudos de Sawaia (1999) - fundamentada em Espinosa e Vygotsky - a emoção é ética, sendo reveladora da forma como o sujeito irá agir na sociedade. Essa autora refere que a noção de afetividade tem por base o processo de ação-transformação na sociedade, como discutido neste trabalho anteriormente. Denomina de potência de ação e potência de padecimento, nos quais os afetos podem deflagrar como os indivíduos irão se posicionar e agir frente à realidade.

Segundo Viscott (1982:22), os sentimentos se caracterizam por serem mais positivos no sentido de serem mais otimistas como, por exemplo: alegria, paz, amor, saudade, satisfação, bem-estar e tranqüilidade, Sentimentos ditos assim positivos são caracterizados por aqueles que ampliam a sensação de bem-estar, produzindo vida, plenitude e esperança. Para o mesmo autor, sentimentos ditos negativos são aqueles que deixam uma sensação de vazio e solidão. Têm também impacto de perda, com a percepção de pequenas mortes aonde quer que olhemos.

Por outro lado, Heller (1979) relaciona sentimentos afirmativos e negativos ao que ela denominou de sentimentos orientativos, ou seja, são orientadores de ação cotidiana. Adotar o termo de positivo ou de negativo não é referência ao fato de serem bons ou ruins. Não há aqui nesse estudo a intenção de se colocar juízo de valor nesses termos.

O sentido que se está dando é o associado de que os sentimentos, a afetividade vai além do vínculo que o indivíduo faz com seu lugar. Ela fomenta disposições afirmativas e negativas, segundo Bomfim (2003:49), que a configuram com o espaço construído e vivido. Essas disposições positivas e negativas de acordo com Valente-Pereira (1991), advêm das identificações afetivas dos cidadãos quanto ao significado que estabelece com o urbano.

A seguir, apresentaremos com detalhes as imagens encontradas dos idosos investigados nesse estudo. Serão também analisados as principais metáforas, os mapas afetivos e algumas falas dos informantes que foram detectadas no decorrer das entrevistas. Com fins de ilustração, serão mostradas as metáforas antes da apresentação e das análises das imagens respectivas.

4.4 CENTRO DESTRUIÇÃO

O Quadro 05 mostra as imagens de destruição com as respectivas metáforas dos idosos que moram e dos idosos que freqüentam o Centro da cidade, respectivamente:

QUADRO 05 – Imagens de centro destruição, conforme respostas dos idosos moradores e dos idosos que freqüentam o Centro da cidade. Fortaleza-CE, dez. 2005.

IDOSOS QUE MORAM	IDOSOS QUE FREQUENTAM
CENTRO FAVELA CENTRO CIDADE EM RUÍNAS CENTRO PRAÇA ABANDONADA CENTRO FAVELA DO BARROSO II CENTRO CEMITÉRIO CENTRO CADEIA CENTRO MERCADO MAL ADMINISTRADO CENTRO RESTAURANTE DE POBRE CENTRO IMAGEM RUIM CENTRO RUA ABANDONADA CENTRO DISTRITO BONITO DO SERTÃO CENTRO SUBÚRBIO CENTRO LUGAR VAZIO	CENTRO FORMIGUEIRO AGITADO CENTRO FEIRA BAGUNÇADA CENTRO CADEIA PÚBLICA CENTRO FORTALEZA HÁ 50 ANOS CENTRO PRAÇA EM DECADÊNCIA CENTRO CASA DESORGANIZADA CENTRO COISA DE POUCO VALOR CENTRO TAPERIA VELHA

A imagem de destruição dos idosos moradores apareceu de forma mais intensa do que a dos idosos que freqüentam. Essa imagem, nas duas populações investigadas, associou-se à desorganização, à desestruturação urbana, à deterioração física dos equipamentos públicos, à desorganização tanto das redes sociais presentes, quanto da desordem na disposição dos elementos urbanos no centro comercial.

Além dessas associações, a destruição também foi vinculada à comparação entre o presente e o passado da área central, atrelando às lembranças sentimentos negativos, como já foi assinalado anteriormente.

Algumas das características mais encontradas que respaldaram o sentido dado à imagem de destruição pelos idosos foram a desorganização da área central e a sujeira, como poderemos ver nos seguintes mapas:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 1 Tempo de moradia: 24 anos Freq. às ruas	Descrição do desenho: Um trator que estivesse	O Centro é pior do que uma cidade do Sertão “brabo”.	Tem muita desorganização e tumulto. Não tem coisas boas.	Tristeza, abandono, mal-estar, decepção, perda,	Uma favela	Centro “favela” é aquele em que se encontra destruído pela excessiva desorganização e

do Centro: semanalmente Motivo da freq: Fazer compras Sexo: M Idade: 65 anos	passando por todo o Centro, destruindo tudo para construir um outro Centro, agora todo certo. Metafórico descritivo		O centro é um fracasso.	sentimento de estranheza.		tumulto, manifestando um lugar de fracasso, que causa decepção e sentimento de estranheza.
---	--	--	-------------------------	---------------------------	--	--

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 18 Temp. mor. : 23 anos Freq. às ruas do Centro: mensal Motivo da freq: Banco(receber dinheiro) Sexo: F Idade: 76 an.	Descrição do desenho: Desenharia muitos automóveis e carros com som alto. Metaf. descritivo	Coisa ruim, que angustia. É um lugar onde tem muita gente.	Incômodo, desorganização, bagunça. tumultuado	Angústia.	Restaurant e de pobre	Centro “restaurante de pobre” é aquele em que a destruição é sentida em um centro que é visto como um lugar que angustia e que tem muita gente, sendo incômodo, desorganizado e com bagunça, gerando sentimentos de angústia e sensação de tumultuado.

Nas metáforas acima a desorganização sentida associa-se no centro **favela** e no centro **restaurante de pobre** ao acúmulo de pessoas ou de atividades, o que causa incômodo e tumulto. O ambiente torna-se, dessa forma, o elemento propulsor de desorganização interna. A decepção e a angústia reforçam para os respondentes a imagem de destruição, levando-os a certa estranheza de permanecer no centro da cidade.

Estranhar um ambiente significa não identificar-se como o mesmo, segundo o processo de identificação simbólica proposto por Pol (1992). O alheamento do sujeito ao ambiente, no qual o indivíduo não se reconhece ou não se identifica pode proporcionar que o mesmo não empreenda no lugar um significado pessoal e um sentido de apropriação de se entender ou sentir o ambiente vivenciado como sendo algo pertencente a si mesmo.

A descrição do desenho na metáfora do centro **favela** traduz o desejo de se construir um novo centro por cima do que existe, o que confirma uma não apropriação com o centro, o qual se considera um fracasso, revelando o sentimento de decepção. Já a descrição do desenho da segunda metáfora reforça as características da poluição sonora e visual do centro.

Nas metáforas seguintes em idosos moradores permanece o sentido da desorganização. No centro **mercado mal-administrado** os sentimentos associados (tristeza, desprezo e desatenção) constituem resultado da percepção do idoso entrevistado de um lugar pouco cuidado e onde se respeita pouco as estruturas que existem nele, comparando-o com um lixo:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido!!!!!!!!!!!!
Nº: 17 Tempo de moradia: 13 anos Freq. às ruas do Centro: semanal Motivo da freq: pagamento Sexo: F Idade: 68 anos	Descrição do desenho: Um Centro sujo com pessoas drogadas Metafórico descritivo	Não está sendo cuidado. Esperaria que o Centro fosse zelado com prédios públicos cuidados.	Falta de respeito; falta de organização; descaso; falta de atenção; um lixo.	Desprezo, tristeza, desatenção.	Mercado mal administrado	Centro “mercado mal administrado” é aquele em que a destruição leva em referência um centro que não está sendo cuidado, onde há falta de respeito e de organização, como um lixo, gerando sentimentos de desprezo, tristeza e desatenção.

Nesse mapa afetivo percebe-se, como também nos demais associados à imagem de destruição, um conjunto de elementos que deflagram uma baixa qualidade objetiva de vida, que compreende os aspectos estruturais e as condições materiais. Isso quer dizer que esses aspectos são considerados de forma negativa no centro da cidade como, por exemplo, o pouco zelo de prédios, a sujeira encontrada, o acúmulo de pessoas e de veículos.

Percebemos que, na imagem de destruição, tanto nos idosos que freqüentam como nos que moram, a essa baixa qualidade de vida objetiva, relacionada à estrutura urbana, associa-se uma baixa qualidade de vida subjetiva, que vincula o bem-estar subjetivo ou psicológico aos elementos cognitivos, subjetivos e afetivos do sujeito ao entorno, como analisado nesse estudo.

Isso quer dizer os sujeitos da investigação na imagem de destruição associam uma sensação de mal-estar psicológico frente às condições estruturais que percebem no centro. Os afetos menos otimistas ou negativos, como tristeza, decepção, impotência, desvalorização, abandono, confirmam esse estado subjetivo.

O mapa seguinte confirma essa percepção atrelada aos sentimentos:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 10 Tempo de moradia: 33 anos Freq. às ruas do Centro: semanal Motivo da freq: comércio Sexo: F Idade: 71 an.	Descrição do desenho: Cidade antiga e os prédios antigos Cognitivo descritivo	Praça bonita e mal cuidada. Está caído, abandonado.	Tristeza de estar vendo o Centro cair, decadência, descuido.	Abandono, tristeza, saudade, decepção.	Praça abandonada	Centro “Praça abandonada” é aquele em que a destruição é manifestada pela percepção de um Centro em decadência, que está caído e abandonado, levando a sentimentos de tristeza, decepção e saudade.

Da mesma forma, os sentimentos da metáfora centro **mercado mal-administrado**, comentado anteriormente, dizem respeito a um ambiente com má qualidade objetiva de vida que gera um mal-estar psicológico, resultando em uma má qualidade subjetiva de vida do idoso nesse ambiente.

No centro **rua abandonada** prossegue a imagem de destruição associada à desorganização, mas que agora resulta no esgotamento das possibilidades do respondente sentir-se livre para andar e para se apropriar de espaços que reconheça como de lazer. Mais uma vez a falta de bem-estar subjetivo advém de más qualidades estruturais do lugar:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 21 Tempo de moradia: 10 anos Freq. às ruas do Centro: mensal Motivo da freq: Banco (receber dinheiro) Sexo: F Idade: 66 an.	Descrição do desenho: Um lugar com muito trânsito, ruas estreitas, com muita sujeira e muitos carros. Metafórico descritivo	Desorganização, não oferece condições de andar, não tem lugares de lazer.	Pouco bem-estar. Não é bonito. Pouco cuidado. Não dão muita importância ao Centro. É ignorado.	Desprezo, abandono.	Rua abandonada	Centro “rua abandonada” é aquele em que a imagem de destruição se expressa através da desorganização, da falta de condições para andar e ausência de lugares de lazer, sendo um ambiente pouco cuidado e ignorado, levando a sentimentos de desprezo e de abandono e pouco bem-estar.

Na imagem de destruição de idosos frequentadores, a desorganização foi associada ao trânsito de pessoas que não mais se reconhecem (idéia reforçada pela descrição do desenho), o que causa sentimentos de tristeza, desprezo e medo:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 20	Descrição	Falta de	Agitação,	Tristeza,	Uma casa	Centro “casa

Bairro: Messejana Freq. Centro: semanal Motivo da freq: Passear, compras. Sexo: F Idade: 66 anos	do desenho: Sairia fazendo algo confuso. Um céu emaranhado. No final, ficaria pessoas que vão e que vem. Pessoas que passam como pedras, que passam sem nem olhar. Metafórico descritivo	habilidade em organizar.	descaso, falta de amor à casa.	desprezo, medo e insegurança.	desorganiza da.	desorganizada” é aquele em que a destruição está associada à desorganização, ao descaso e a agitação do centro, causando sentimentos de tristeza, desprezo e medo.
---	--	--------------------------------	--------------------------------------	-------------------------------------	--------------------	--

A sujeira como elemento que respalda a imagem de destruição dos idosos foi encontrada nos seguintes mapas afetivos:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 11 Tempo de moradia: 25 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da freq: Lazer e compras Sexo: F Idade: 61 an.	Descrição do desenho: A Igreja Matriz (do Patrocínio) , a falta de limpeza em torno e a sujeira. Desenharia a sujeira em frente ao teatro José de Alencar que é nosso Patrimônio histórico. Cognitivo descritivo	Falta de uma boa administraçã o municipal. Limpeza é uma coisa mais bela que existe	É uma coisa muito boa, mas está faltando organização.	Tristeza por causa da sujeira, descuido.	Favela do Barroso II	Centro “favela do Barroso II” é aquele em que a destruição se manifesta pela falta de organização, sujeira e descuido, resultando em sentimento de tristeza.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 21 Bairro: Novo Mondubim Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: passear	Descrição do desenho: Desenharia menos coisas que acontecem na praça; praças mais	Falta de respeito. Não tem o espaço residencial que tinha antigamente	Sujo, degenerado, cheio de carro.	Tristeza, emoção, perturbação.	Uma coisa de muito valor	Centro “coisa de pouco valor” é aquele em que o sentido da destruição se expressa pela sujeira, degeneração e

Sexo: M Idade: 88 anos	respeitosas e atividades nas praças. Metafórico descritivo					acúmulo de veículos e perda do espaço residencial, suscitando sentimentos de tristeza e de perturbação.
---	---	--	--	--	--	---

No centro **favela do Barroso II** o sentimento de tristeza resume o posicionamento afetivo do respondente frente à situação que percebe do centro da cidade. Esse elemento é o indicador da destruição que o mesmo percebe quando associa a sujeira aos ícones importantes colocados na descrição do desenho: Igreja da Matriz (do Patrocínio) e Teatro José de Alencar.

A metáfora seguinte centro **coisa de pouco valor** associa a destruição aos estímulos do trânsito e à falta de limpeza que vincula degeneração da área urbana, falta de respeito e o lamento pela perda do espaço residencial. Os sentimentos desse informante dão-nos uma compreensão de sua afetividade que despotencializa sua ação e desqualifica na ordem de valor a sua própria vida.

Encontramos no idoso morador e no idoso freqüentador nomes semelhantes das metáforas centro cadeia e da metáfora centro cadeia pública. Junto às metáforas, os dois respondentes explicaram em que sentido estavam colocando a palavra “cadeia”.

No centro cadeia pública a imagem de destruição se expressa pela impossibilidade de liberdade em que o movimento é tolhido em um lugar cuja beleza não é mais percebida, o que provoca medo e desprazer, sentimentos também verificados nas metáforas das imagens de insegurança verificadas nos idosos do estudo:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 14 Bairro: Fátima Freq. Centro: semanal Motivo da freq: negócios Sexo: F Idade: 63 anos	Descrição do desenho: Desenharia um lugar nada agradável, meninos engraxando e drogas. Metafórico descritivo	Lugar nada agradável. Não vejo nada de bonito no Centro.	É um ambiente de corrupção, tem tudo o que não presta.	Medo e desprazer	Cadeia pública. (sente-se preso)	Centro “cadeia pública” é aquele em que a destruição é expressa por um lugar nada agradável, onde não se vê nada de bonito, sentindo-se preso, pelo medo e des-prazer que provoca.

O morador qualificou essa palavra como lugar que só tem marginal, e o freqüentador como ambiente que se sente preso. Com efeito, o idoso que não mora no Centro, mas vai ao mesmo, pode associar que sua falta de liberdade em andar e sentir-se livre foi o resultado da destruição sentida. Já no morador, de acordo com seu mapa, a prisão sentida diz respeito ao seu próprio aprisionamento ao passado e não reconhecimento, aceitação dos ícones perdidos ou valorização das características atuais do centro.

A imagem de destruição também foi gerada em alguns mapas pelas analogias entre um presente e um passado, de modo que o passado se mostrava sempre um lugar idealizado e com mais qualidades, em contraposição a um lugar do presente que é demonstrado como o oposto do que é idealizado e um ambiente que usurpa as qualidades do primeiro, no sentido de que o passado tenha sido subjugado pelo presente e mudado suas características. O que resulta nas imagens de destruição manifestadas.

A anulação desse centro do presente e a exaltação de um lugar do passado desqualifica a própria cidade de Fortaleza, que, como o centro, não volta mais a ser o que era, segundo o respondente seguinte:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 15 Tempo de moradia: 32 anos Freq. às ruas do Centro: mensal Motivo da freq: Pagamento, comércio. Sexo: M Idade: 72 an	Descrição do desenho: Desenharia a Fortaleza que era; a coluna da hora e o abrigo central. Cognitivo descritivo	Acabaram com tudo e não volta mais o tempo que era.	Passado que não volta mais. Entregue às baratas. Só tem marginal.	Saudade, medo, insegurança	Cadeia (porque só tem marginal)	Centro “cadeia” é aquele em que a imagem da destruição é expressa por um lugar onde as características de uma Fortaleza do passado acabaram, estando entregue às baratas, sendo lugar de marginal, o que desencadeia sentimentos de saudade, medo e de insegurança pelo que se percebe hoje.

O sentido da metáfora centro **tapera velha** demonstra essa proximidade com o passado vinculada a essa familiaridade sentida. Uma Fortaleza diferente, onde as pessoas conversavam, demonstrando mais humanidade. O idoso supõe que hoje se vivencie uma ilusão do que realmente representava o Centro para os cidadãos: um lugar íntimo, familiar e humano. Os sentimentos de tristeza, decepção e saudade foram associados a essa perda de familiaridade com este lugar:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metá-	Sentido
---------------	-----------	-------------	-----------	------------	-------	---------

					fora	
Nº: 25 Bairro: Álvaro Weine Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: passear Sexo: M Idade: 70 anos	Descrição do desenho: Desenharia a Praça do Ferreira como era; o Abrigo Central; Benjamins e a Coluna da hora de cimento. Cognitivo descritivo	Era uma Fortaleza diferente. As pessoas conversavam, tinha humanidade.	Decadência, ilusão de Centro.	Tristeza, decepção, saudade.	Tapera velha	Centro “tapera velha” é aquele em que a imagem de destruição é expressa ao se comparar um centro do passado, características de uma Fortaleza diferente, como a Praça do Ferreira antiga, o Abrigo Central e a Coluna da Hora de cimento, quando as pessoas tinham mais humanidade, em detrimento de um centro que hoje se vê a decadência e que provoca a ilusão do centro que era, causando sentimentos de saudade, tristeza e decepção.

O outro mapa a seguir mostra um centro que foi ponto de encontro, um ambiente que representava no passado essa proximidade entre as pessoas e a possibilidade do encontro, fato que hoje não vivencia esse lugar da mesma maneira, gerando em si um sentimento de não-aceitação às mudanças que percebe, o que desencadeia desgosto e padecimento (sensação de ser velho):

Identif.	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 13 Tempo de moradia: 20 anos Freq. às ruas do Centro: mensal Motivo da freq: Receber dinheiro (banco) Sexo: M Idade: 76 an.	Descrição do desenho: Árvores derrubadas árvores grandes, pássaros voando, expressando a vida. Metafórico descritivo	No Centro não tem mais o que tinha e não tem mais o que se vê. O Centro que conheci foi outro. O Centro foi tudo na minha vida, mas não é mais.	Tudo acabado, decadência. Hoje não tem nada. Conheci um Centro buliçoso. Era ponto de encontro. O Centro não tem mais vida.	Desgosto em ver que o Centro mudou. Sensação de ser velho.	Cemitério	Centro “Cemitério” é aquele em que sua destruição se expressa em um centro que hoje não tem mais nada, onde está tudo acabado, em decadência, não tendo mais vida, e que deixou de ser um centro buliçoso e de ponto de encontro, levando ao sentimento de desgosto pelas mudanças, propiciando a sensação de ser velho.

Também essa associa a natureza a um lugar onde havia vida (descrição do desenho). Mas, assim como as árvores foram levadas pelo tempo e pelas mudanças, o próprio Centro também se deixou ir como as árvores. Esse fato tornou o Centro velho como os próprios idosos.

Na metáfora centro **lugar vazio**, a imagem de destruição apareceu quando ao se comparar as duas realidades de um Centro que se viveu com um Centro que se vive, achou-se um vazio de semelhança e de familiaridade. Os sentimentos que se verificaram foram de

decepção, desilusão, desgosto, os quais correspondem, segundo Espinosa (1996), às paixões tristes que geram potência de padecimento e que despotencializam a ação dos indivíduos.

Identif.	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 28 Tempo de moradia: 16 anos Freq. às ruas: semanal Motivo da freq: conversar Sexo: M Idade: 78 anos	Descrição do desenho: Praça do Ferreira antiga e o abrigo central Cognitivo descritivo	Lembranças da beleza. Hoje tem outro movimento, está acabado e diferente.	O Centro hoje está acabado, não tem nada.	Saudade, decepção, desilusão.	Lugar vazio	Centro “Lugar vazio” é aquele em que a destruição é sentida quando se percebe um Centro atual acabado e diferente, com outro movimento, diferente de antes e que leva a lembranças de um ambiente com estruturas do passado como a Praça do Ferreira antiga e o Abrigo Central, constituindo um lugar que tinha beleza, o que gera sentimentos de saudade, decepção e desilusão.

As duas metáforas referem-se a situações de fatalidade em que não se encontra mais vida e nem conteúdo a que se possa dar sentido ao Centro³⁶. Um centro que se vive, sempre se referendando ao passado, expressa essa perda de potência e de padecimento. Esse padecer e essa perda de potência geram um desconhecimento e um estranhamento desses idosos ao lugar em que hoje vivem.

Essa maior evidência de sentimentos menos otimistas em relação a elementos de um Centro do passado nesse idoso respondente pode estar associado à perda do espaço residencial que o Centro passou e passa ao longo dos anos. Quem ainda mora se afeta com a perda das redes sociais com que ali se relacionavam. É o que dá sentido a um dos significados dados aos desenhos: “*O Centro tem outro movimento. Está acabado, tudo diferente*” (idoso que mora, n.28).

A referência à metáfora de um lugar vazio reflete à perda de sentido de uma área não mais intensamente residencial, mas desorganizada em seus limites do que é residencial ou comercial. De fato, o idoso vivenciou um Centro que tinha uma conformação diferente daquela a que hoje contempla: um Centro no qual a área residencial e a comercial conformavam-se, sem uma sobrepor-se à outra. A percepção de um Centro somente comercial contradiz a uma representação mais ordenada, daí supõe-se a imagem de destruição sentida.

³⁶ Percepção correspondente à fala do respondente morador (n.10): “O Centro está cardíaco”

Fernandes (2004:92), quanto a isso, comenta que:

A dinâmica urbana de Fortaleza, nas últimas décadas, vem se caracterizando por um processo contínuo de descentralização da função habitacional e pela conseqüente emergência de sub-centros comerciais e de serviços [...], este processo proporcionou uma excessiva especialização funcional do centro”.

Segundo estudo recente de Capasso (2004), no qual fora realizado um exaustivo mapeamento do centro de Fortaleza, constata-se essa superposição do uso comercial do centro ao uso residencial, de acordo com a figura 23, em anexo, o que desconfigura a imagem desse espaço no decorrer dos anos para aqueles que pertenceram a redes sociais mais vinculadas a um Centro que era vivido também como lugar de moradia.

A mudança de espaço unicamente residencial a um lugar onde a funcionalidade mercadológica redimensionou a forma de ocupação da área central, causou um impacto na orientação do idoso que o faz construir uma metáfora que expresse sentimentos de impotência e desvalorização:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 9 Tempo de moradia: 74 anos Freq. às ruas do Centro: mensal Motivo da freq: Banco (receber dinheiro) Sexo: F Idade: 74 anos	Descrição do desenho: São Luiz e o Cine Diogo Cognitivo descritivo	Desvalorização da pessoa humana	O Centro é uma tristeza	Impotência, desvalorização, desorientação.	Cidade em ruínas	Centro “cidade em ruínas” é aquele em que a destruição é sentida ao se perceber que é um lugar que desorienta e desvaloriza a pessoa humana, tornando o cidadão impotente frente à mudança.

Encontramos na imagem de destruição dos idosos que freqüentam associações ao excesso de estímulos sonoros e visuais ao movimento intenso e desordenado de comerciantes e de usuários. Isso se dá na metáfora centro **formigueiro agitado**, na qual o caráter de centro comercial desfoca a atenção das pessoas à beleza dessa área da cidade e confunde os habitantes em suas possibilidades de usufruírem desse espaço:

Ident. n. 03	Estrutura	Signif.	Qualidade	Sentim.	Metáfora	Sentido
Bairro: Jardim	Metafórico	Bagunça, caos que	Lugar muito movimentado	Confusão irritação,	Formigueiro	Centro “Formigueiro agitado” é aquele em que a destruição se

América Freq. Centro: semanal Motivo da freq: compras Sexo: M Idade: 63		se verifica no Centro de Fortaleza.	porque se transformou em área comercial. Poluição sonora e visual. Muito perigoso com relação a assaltos. Desordem e falta de higiene.	desrespeito, insegurança e desamor.	agitado	expressa na primazia que se deu à área comercial, que tornou o centro muito movimentado, perigoso, com poluição sonora e visual, associando-se a um lugar de confusão e irritação, o que provoca sentimentos de desrespeito, insegurança e desamor.
---	--	-------------------------------------	--	-------------------------------------	---------	---

Os sentimentos revelados nessa metáfora dizem respeito ao próprio ambiente de caos e de bagunça percebida. São sentimentos tristes que, de acordo com Bomfim (2003), podem deflagrar formas ativas ou passivas do habitante agir na cidade.

Da mesma forma, a metáfora centro **feira bagunçada**, o respondente não consegue perceber no comércio uma nova possibilidade de vivenciar esse Centro no presente. Seus sentimentos se manifestaram de forma mais passiva e despotencializam uma postura resignada e menos otimista frente à realidade:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 09 Bairro: Presidente Kenedy Freq. Centro: mensal Motivo da freq: Compras, médico. Sexo: F Idade: 63 an.	Descrição do desenho: Um Centro cheio de árvores como no passado, mas não cheio de barracas. Hoje é bagunçado. Metafórico descritivo	O Centro que já passou, o outro Centro de 30 anos atrás.	Não tinha a multidão de gente. Hoje é só comércio. Era um centro mais bonito.	Tristeza, saudade, insegurança	Feira bagunçada.	Centro “Feira bagunçada” é aquele em que a destruição é expressa na comparação de um Centro antigo que era bonito em contraponto a um Centro atual que é bagunçado, com multidão e essencialmente comercial, provocando sentimentos de saudade, tristeza e insegurança.

Também aparece na imagem de destruição, a associação da perda de vitalidade do centro atual à antecedente perda das características naturais, de arborização e climáticas. Podemos ver essa associação na descrição do desenho anterior que contrapõe a lembrança de um centro arborizado a um outro lugar diferente.

A metáfora centro imagem ruim expressa uma configuração afetiva mais despotencializadora, expressada através dessa sensação de perda dessa arborização e das qualidades atribuídas. Os sentimentos do respondente desse mapa afetivo foram de tristeza, intranquilidade e abandono à nostalgia do clima e da arborização mais perfeitos no Centro da cidade:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 20 Tempo de moradia: 45 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da freq: Passear e conversar Sexo: M Idade: 61 an.	Descrição do desenho: Desenharia árvores, arborizaria o que pudesse, não desenharia as fachadas de zinco, desenharia as lojas Leblon, a armazém São Paulo, armazém vitória, armazém Fortaleza. Cognitivo descritivo	Relembança do tempo há 40 e 50 anos. Antes não tinha o Sol que tem hoje, parecia uma selva com árvores.	Precisando melhorar, Não é mais calmo, há descuido.	Tristeza, intranquilidade, abandono.	Imagem ruim	Centro “Imagem ruim” é aquele em que a imagem de destruição é expressa a partir das diferenças naturais, como a arborização e a luminosidade, de um centro de 40 a 50 anos atrás com relação ao centro atual, o qual se considera que não é mais calmo, onde há descuido e que precisa melhorar, revelando sentimentos de tristeza, intranquilidade e de abandono.

Alguns idosos durante as entrevistas falavam com tom de indignação sobre os prédios abandonados, principalmente os hotéis Excelsior e Savannah, na Praça do Ferreira, e como o comércio se sobrepôs às residências. Eles pareciam não entender o porquê da não valorização dos espaços que para os idosos do estudo representam importância:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualid.	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 18 Bairro: Fátima Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: conversar Sexo: M Idade: 78 ans	Descrição do desenho: Coluna da hora antiga, que hoje não é original. Cognitivo descritivo	Passado, tempo da adolescência Hotéis que fecharam, Juventude.	Está abandonado.	Saudade, abandono.	Fortaleza há 50 anos	Centro “Fortaleza há 50 anos” é aquele em que a destruição é expressa por um Centro que remete o cidadão ao passado, mas que hoje está abandonado e não apresenta a mesma dinâmica e funcionalidade das instituições que tinha naquele tempo, ocasionando sentimentos de saudade e de abandono no Centro atual.

A não mais funcionalidade de alguns equipamentos públicos favorece o surgimento de sentimentos de abandono, saudade e exclusão da continuidade da história da cidade, fomentando um sofrimento da dialética inclusão/exclusão social (SAWAIA, 2000) ao manifestar uma potência de padecimento através de certo afastamento e distanciamento dos mesmos aos locais de referência:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 26 Tempo de moradia: 30 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da freq: passear Sexo: M Idade: 65 anos	Relógio antigo da Praça do Ferreira que era de pedra de mármore. Cognitivo descritivo	Coisas belas que tinham antigamente, substituídas por coisas não tão belas. Se pudesse, voltaria ao passado. Tudo funcionava no Centro.	O Centro está completamente abandonado.	Saudade, tristeza.	Subúrbio	Centro “subúrbio” é aquele em que a destruição se expressa através de um centro, onde tudo funcionava, mas que está completamente abandonado, com a beleza antiga substituída por coisas não tão belas, o que provoca sentimentos de saudade e de tristeza.

O sentido do mapa do respondente que mora n. 25 expressa o caminho de escolha do idoso em seu processo de resignificação do Centro da cidade. Ao se deparar com várias mudanças e uma dinâmica diferente em termo da funcionalidade das instituições, o idoso recorre ao passado de sua época para familiarizar-se, comunicar-se e sentir intimidade com esse espaço da cidade:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 25 Tempo de moradia: 58 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da freq: passear Sexo: M Idade: 82 an.	Descrição do desenho: A coluna da hora e o Rotisserie Cognitivo descritivo	A vida de Fortaleza foi na Praça do Ferreira.	O Centro já foi o Centro, foi tão lindo, tão gostoso, agora é o que é. O presente não dá para nós. Nossas conversas são só relembrando o passado. Não fica ninguém à noite, não fica nada, você não vê nada.	Tristeza, desprezo, Saudade	Distrito bonito que existe no Sertão.	Centro “distrito bonito do Sertão” é aquele em que a destruição se expressa por um lugar onde a vida de Fortaleza se encontrava, um centro que foi lindo e gostoso de estar, mas que agora o presente não mais tem o mesmo significado e o passado é sempre lembrado, gerando sentimentos de

						saudade, tristeza e desprezo.
--	--	--	--	--	--	-------------------------------

Podemos refletir que as mudanças de ordem físico-estrutural, quando não se considera nas intervenções os aspectos relativos aos vínculos afetivos e simbólicos, engendram mudanças nessa configuração simbólica. No caso do idoso acima mencionado, essa mudança tende a ser uma mudança depreciativa, de anulação do vínculo anterior, (“*Praça do Ferreira velha*”), por um frágil vínculo no qual a dimensão afetiva-simbólica fica em último plano. Podemos confirmar isso também na fala do idoso que mora n. 20: “*depois fizeram a outra que ficou igual um caixão, assim uns tubos, ficou horrível, aí acabou*”.

A relevância de se considerar a relação do espaço e seu valor simbólico é apontado por Moreno e Pol (1999) como meio para se valorizar os efeitos sociais das intervenções nos espaços urbanos. De acordo com a perspectiva desses autores, os grupos sociais focalizam duplamente o passado e o futuro na dimensão relacional com os espaços.

Percebemos que a identificação simbólica, os processos interativos do entorno dos idosos do estudo (tanto os que moram e os que frequentam) foram influenciados pelas inúmeras mudanças sócio-espaciais ali conferidas pelo processo já discutido das remodelações da área central da cidade.

O interessante é que o processo de identificação com o lugar, dá-se a partir de se converter um lugar anteriormente alheio a um lugar significativo para o indivíduo. Nessa investigação, percebe-se o processo de identificação se estabeleceu de duas formas: a primeira quando os idosos associam as lembranças a sentimentos negativos, suas formas se aproximarem do centro e fazê-lo mais próximo e significativo foi se estabelecendo no lugar do passado, anulando o presente, sendo: o Centro que hoje se lhes apresenta alheio, pelas inúmeras mudanças sócio-espaciais. Percebemos sentimentos de exclusão na medida em que essas lembranças lhes trazem uma sensação de anonimato e de depreciação Isso aconteceu nas imagens de destruição e de insegurança.

. Era comum nas entrevistas, o tom de voz mudar e ser carregado de uma cor emocional quando alguns idosos falavam de algum espaço por eles vivenciado. Ou,

simplesmente, a exclamação, quando na entrevista de um idoso freqüentador em meio a suas palavras sobre o Centro: “... Ah... *aquele cajueiro. Deviam ter deixado o cajueiro!*” (idoso que freqüenta, q. 8), referindo-se ao simbólico cajueiro da Praça do Ferreira.

Eles demoravam nas palavras, quando essas lhes diziam sobre um simples edifício que aos seus olhos foi destruído, como é o caso de um idoso que relatou seu choro quando viu o edifício Fênix Caixerai ser destruído: “*parece que tirou parte de mim ali. Minha vida era aquele prédio. Trabalhava lá o dia todo*” (idoso que mora, q. 14). Bosi (2004:65) ajuda-nos a entender da melhor forma esses momentos quando nos diz: “A fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade”. Ao silêncio do idoso, nessas demoras, seguia-se meu silêncio que saía compreensivo e sem exigências: “ao silêncio do velho seria bom que correspondesse o silêncio do pesquisador”, complementa Bosi (2004:65).

Nesse sentido, Bomfim (2003) sinaliza formas diferentes de agir na cidade frente a sentimentos tristes: formas ativa e passiva. Essas afetam-se nos bons e nos maus encontros, segundo o pensamento de Spinoza (1996).

Os idosos ao sentirem o Centro da cidade da forma acima mencionada anulam a possibilidade de ação e demonstram sua indignação através da passividade do freqüentador que chega ao Centro, senta em um banco e, em um resignado silêncio, passa ali suas tardes em boa parte do tempo. Como também, na possibilidade de agir indo ao Centro também todas as tardes, mas para preservar as redes sociais que mantinham naquele espaço, ao sentarem-se e relacionarem-se com outros idosos, como na realidade conhecida da convivência vespertina dos idosos na Praça do Ferreira.

Desse modo, a significação do presente pelo passado associado a sentimentos negativos pode estar ligada à não-aceitação de mudanças tão freqüentes dos elementos de identificação e de simbolização no Centro da cidade. (na construção dos desenhos dos mapas afetivos, vários idosos fizeram questão de descreverem, por exemplo, a Coluna da hora, mas a de alvenaria e redonda, que diziam a verdadeira e mais bonita).

4.5 CENTRO PERTINÊNCIA A ELEMENTOS DO PASSADO

QUADRO 06 – Imagens de centro Pertinência a um lugar do passado, conforme respostas dos idosos moradores e dos idosos que freqüentam o Centro da cidade. Fortaleza-CE, dez. 2005.

IDOSOS QUE MORAM	IDOSOS QUE FREQUENTAM
CENTRO CLUBE CENTRO COMÉRCIO DE JUAZEIRO CENTRO LUGAR DO PASSADO CENTRO PRAÇA MOVIMENTADA	CENTRO PARQUE DE DIVERSÕES CENTRO REFERÊNCIA DE UMA CAPITAL CENTRO CIDADE GRANDE CENTRO ESTADO DE MUITO MOVIMENTO CENTRO MORADORES MAL-EDUCADOS CENTRO FEIRA PERSA/CEMITÉRIO CENTRO “CENTRO” DE INTELLECTUAIS CENTRO MODERNIDADE

A imagem de pertinência foi apontada pelos idosos moram e pelos que freqüentam o centro da cidade. Essa imagem entre os freqüentadores apareceu mais intensamente do que nos idosos moradores.

O pertencimento ao passado é manifestado quando o idoso, ao falar e representar seus sentimentos sobre o Centro da cidade, remete-se a um tempo do passado quando existiam certos ícones, hoje inexistentes ou transformados, caracterizando o Centro de acordo com que antes ele vivenciou nesse lugar, vinculando-se sempre a sentimentos mais otimistas. Ou de outro modo, essa forma de pertencimento expressa-se em uma comparação entre o Centro “de hoje” e o Centro “de antes”, como também traduz esse pertencer através de verbos sempre no passado.

Esses respondentes que significaram o Centro pelo passado, manifestando sentimentos tais como amor, alegria, paz, bem-estar, segurança, tranqüilidade demonstraram ações de menor anulação do centro que vêm hoje, frente a um passado histórico de mudanças de referenciais simbólicos e de lugar do centro da cidade, o que potencializa a ação desses idosos no centro vivencia atualmente. Os mapas seguintes incluem algumas dessas características:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 08 Bairro: Jardim Castelão Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: passear Sexo: M Idade: 70 an.	Descrição do desenho: Coluna da hora antiga. Desenharia o Centro de antigamente. Cognitivo descritivo	O Centro que era antigamente; o passado que tinha vida.	É um local que vem para fazer compras.	Bem-estar, alegria, tranquilidade e, saudade da segurança de antigamente.	Referência de uma capital	Centro “referência de uma Capital” é aquele em que o pertencimento ao passado é expresso pela associação do passado à lugar de vida, com referências aos monumentos de outrora como a Coluna da Hora antiga, o que leva aos sentimentos de bem-estar, alegria e tranquilidade.

A idealização ao passado é referida na metáfora centro **referência de uma Capital**, no qual a articulação de suas respostas confere um sentido de que o passado possui a qualidade de estar vivo através dos ícones e do conjunto de características do “centro antigo”. O Centro de hoje não se torna, pelo respondente, fatalmente anulado em suas especificidades, mas sua funcionalidade atual colabora com as referências históricas que possui. O centro **referência de uma Capital** dá-se por sua importância de funcionalidade do comércio associada à referência ao aspecto histórico da cidade.

Na metáfora centro **lugar do passado** percebe-se uma clara significação do presente respaldada no passado. A configuração afetiva assegura, apesar de não muito belo como antes, uma representação do centro atual mais positiva, reconhecendo-o a partir do passado.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 29 Tempo de moradia.: 26 anos Freq. às ruas : semanal Motivo da . freq: Olhar as vitrines, olhar os preços Sexo: F Idade: 64 anos	Descrição do desenho: Praça do Ferreira Cognitivo descritivo	O Centro antigo era mais bonito. Significado só do passado. Quando chego ao Centro, me volta o passado.	Hoje está bonito, mas não pode andar sossegado.	Saudade, amor.	Lugar do passado	Centro “lugar do passado” é aquele em que a pertença ao passado é expressa quando os sentimentos de saudade e de amor respaldam um centro antigo mais bonito e que o centro atual encontra seu significado somente no passado.

A expressão “centro antigo” da categoria significado do mapa anterior constituía sempre uma presença muito freqüente quando os idosos do estudo começam a falar sobre o Centro, no decorrer das entrevistas. A palavra “antigo” não diz respeito a uma ordem cronológica, mas uma maneira de despertar suas emoções, seus sentimentos vinculados a um lugar que para os mesmos tinha significado.

Essa volta ao passado constitui uma maneira de eles transformarem o espaço em lugar, de acordo com o que diz Tuan (1983). Diferentemente das imagens de destruição e de insegurança, as lembranças não proporcionam que os idosos permaneçam em um passado e não se adapte ou não reconheça o presente.

Os sentimentos de amor, alegria, tranquilidade indicam que o centro atual é aceito com suas mudanças e que o passado e as lembranças dizem respeito ao fato de que os idosos são testemunhas de um legado histórico, proporcionando-lhes uma valorização pessoal, na medida em que vivenciaram o centro em épocas passadas e podem falar sobre ele.

Remeter-se ao passado e vinculá-lo ao presente também pode constituir uma maneira de transformar o espaço em lugar ou de reconhecê-lo. Eles reconhecem o centro atual, significam-no, o centro não lhes é alheio. As lembranças apenas dão mais consistência e facilitam esse processo de identificação de lugar com a área central.

A metáfora centro **centro de intelectuais** retrata o reconhecimento da importância atual e histórica desse lugar:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 24 Bairro: Aldeota Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: conversar Sexo: M Idade: 80 anos	Descrição do desenho: Desenharia o Hotel Excelsior Cognitivo descritivo	Ponto de convivência da Capital	Importância, recordação.	Saudade, amor.	centro de intelectuais	Centro “centro de intelectuais” é aquele em que a imagem de pertinência ao passado é expressa pela importância de recordação que se dá ao Centro da cidade, suscitando sentimentos de saudade e de amor.

As diferenças também são notadas pela observância de que o centro tenha se transformado em comércio como atesta a metáfora centro **cidade grande**. No entanto, esse

fato não retira o significado que este ambiente tem para cidade: o de ser ponto de referência de sua origem. O sentimento de felicidade em ter presenciado o passado confere a esse respondente a possibilidade de participar dessa história, muito embora o sentimento de tristeza também existir, mas não ao ponto de negar ou anular as mudanças do presente:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metafora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 11 Bairro: Montese Freq. Centro: trimestral Motivo da freq: Passeio Sexo: F Idade: 80 an.	Descrição do desenho: Praça do Ferreira em 1950; e a Coluna da hora. Cognitivo descritivo	Origem de Fortaleza	O Centro é um comércio animado. (agitado)	Tristeza, felicidade em ter visto o Centro antigo.	Cidade grande	Centro “cidade grande” é aquele em que a pertinência ao passado é expressa pela lembrança da Praça do Ferreira e da Coluna da hora e pela significação que se dá ao centro como a origem de Fortaleza, diferentemente de um lugar que hoje se considera um comércio animado, o que causa tristeza, mas também felicidade em ter visto o Centro antigo.

Na metáfora centro **clube**, podemos perceber que as lembranças trazem novamente a referência de símbolos da cidade muito significativos no passado e a vinculação do centro ao início da própria cidade. A despreocupação exatamente pela possibilidade de encontrar tudo o que se quer (comodidade). Os sentimentos revelados de amor, segurança, despreocupação, agradabilidade manifestados garantem ações mais potencialmente otimistas em sentir o Centro com dignidade e valor:

Identif.	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 7 Tempo de moradia: 47 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da freq: Passear, caminhar Sexo: M Idade: 60 anos.	Descrição do desenho: A coluna da hora antiga, que era bonita, feita de alvenaria, diferente dessa de madeira e também o abrigo central que tinha muitas merendas e onde todos se encontravam para merendar e conversar. Cognitivo Des.	Início de Fortaleza e a própria cidade	Agradável, tranqüilidade, É um lugar digno de morar.	Amor, segurança, agradabilidade, comodidade despreocupação.	Com um clube	Centro “clube” traz uma imagem de pertinência ao passado que descreve símbolos de Fortaleza antiga representativos do início da cidade, como a Coluna da Hora Antiga (feita de alvenaria) e o Abrigo Central, revelando sentimentos de despreocupação, comodidade, segurança, tranqüilidade e Agradabilidade

Na metáfora seguinte, centro **comércio de Juazeiro**, as boas lembranças trazem de volta um centro mais belo e com clima ameno, características que hoje não existem de forma tão ideal.

No caso dos idosos do estudo, a presença constante em suas falas de um retorno de um Centro do passado, como muitas vezes eles se referiam, deflagra uma nostalgia que paralisa o processo de resignificação do presente que seja fruto de uma passagem mais digna entre passado e presente.

“Um dia, eu sonhei que estava na Praça do Ferreira. O que via era os carros pretos da época. Tinha poucos carros. Eu sonhei do mesmo jeito: o Abrigo Central, eu sonhei a Praça do mesmo jeito. Agora eu vou dizer uma coisa. Para fazer Fortaleza voltar o antigo, eu voltava o Abrigo Central.” (idoso que mora, n.20)

O caráter nostálgico apresentado pelos idosos entrevistados pode ser também encontrado por romancistas ao tentarem reconfigurar uma Fortaleza do início: “Pobrezinha descalça, ainda, mas já sonhando com as primeiras calçadas de pedra” (AZEVEDO, 1992:26).

A nostalgia é bastante associada nas respostas dos mapas à perfeição dos aspectos da natureza, tais como presença de muitas árvores e clima adequado. A volta ao passado, pois, faz-se vinculado ao desejo de volta de feições mais bucólicas do Centro da cidade.

De outra forma, os sentimentos suscitados de alegria, paz e bem-estar colocam o idoso com uma ação mais potencializadora, através de sua busca de encontrar novas qualidades do Centro atual. Nesse sentido, encontra no comércio e na funcionalidade da área central um ponto de apoio e comunicação com esse lugar:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 16 Tempo de moradia: 64 anos Freq. às ruas do Centro: semanal Motivo da freq: passear Sexo: F Idade: 79 an.	Descrição do desenho: Desenharia avenidas largas, com árvores frutíferas, carros só de um lado. Metafórico descritivo	É um lugar de recordação. O Clima era ameno com belíssimos benjamins antigos. As árvores traziam sombra para o Centro.	Lembrança boa. Havia tudo de bom, Recordação, Comodidade utilidade.	Alegria, paz, bem-estar.	Comércio do Centro no interior de Juazeiro.	Centro “comércio de Juazeiro” é aquele em que a pertinência ao passado é manifestada através das boas lembranças em um lugar onde havia um clima mais ameno, havia mais beleza na arborização, levando aos sentimentos de alegria, paz e bem-estar, aliados à comodidade e à utilidade que o Centro ainda traz.

Sentimentos de saudade e amor são expressos em um centro onde a vida do idoso imprimiu sua marca durante o tempo de sua juventude em um entorno que hoje se diferencia quanto ao ritmo de conjuntura sócio-física e simbólica. É o que expressa o sentido dado ao centro **praça movimentada**:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 30 Tempo de moradia: 40 anos Freq. às ruas do Centro: mensal Motivo da freq: Ir à Igreja do Carmo Sexo: F Idade: 73 anos	Descrição do desenho: José de Alencar e Pernambuco Cognitivo descritivo	Lugar de minha juventude	recordação	Saudade, amor	Praça movimentada	Centro “Praça movimentada” é aquele em que a pertença ao passado se expressa por um lugar que remete à recordação do tempo da juventude, levando a um sentimento de saudade e de amor.

Da mesma forma, os sentimentos de saudade e bem-estar, no respondente freqüentador, também valorizam o centro atual, uma vez que este foi palco de suas vivências da juventude:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 13 Bairro: São Gerardo Freq. Centro: mensal Motivo da freq: compras Sexo: F Idade: 60 an.	Descrição do desenho: Cine São Luiz; Leão do Sul; Ginásio Municipal na Praça do Carmo; Cidade das crianças. Cognitivo descritivo	Coisas que vivenciei na juventude. Coisas que passaram	Foi bom e gostoso de viver.	Saudade, bem-estar.	Moradores mal-educados	Centro “moradores mal-educados” é aquele em que a pertença a um lugar do passado é associada à vivência do tempo da juventude que foi bom e gostoso de viver, o que leva a sentimentos de saudade e bem-estar.

Também o mapa afetivo do respondente n.30 demonstra na metáfora centro **modernidade** o significado do centro à própria infância e juventude, que apesar das mudanças ocorridas nesse lugar, os sentimentos de saudade, vinculado ao amor e à

tranqüilidade retratam a importância e valorização da área central, a qual participa da história de vida do idoso:

Identif.	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentim.	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 30 Bairro: Rodolfo Teófilo Freq. Semanal Motivo da freq: Para relaxar Sexo: M Idade: 70 a	Descrição do desenho: Praça da Estação, onde morava na juventude. Cognitivo descritivo	Lugar onde passei minha infância e minha juventude	Não está mais como na época que gostava. Boas lembranças.	Saudade, amor, tranqüilidade.	A modernidade	Centro “modernidade” é aquele em que a pertença ao passado associa uma identificação maior com o passado pelas vivências da infância e da juventude, vinculando boas lembranças ao centro, apesar de não está mais como nas épocas passadas, o que leva a sentimentos de saudade, amor e tranqüilidade.

Percebemos na imagem de pertinência ao passado que o bem-estar psicológico dos idosos apresentou-se mais freqüente que na imagem de destruição que também fez menções às lembranças de um centro do passado. O posicionamento afetivo frente às lembranças de positividade ou negatividade definiu formas de se comunicar ou representar o centro que se convive atualmente.

No caso da pertinência, o presente também faz parte da vivência do idoso. Constitui-se como um lugar-iceberg de suas vivências nesse mesmo espaço. E ele testemunha as formas que esse lugar já possuiu. O centro do “presente” confirma suas vidas, seus tempos, seus momentos. Relembra-lhes suas vivências.

A busca da autonomia, e o não cair na submissão, pode ser expressa pelas suas idas diárias ao Centro da cidade para exatamente falar, serem úteis ao se colocarem como testemunhas dos referenciais de outrora, sentindo-se assim, ainda partes do Centro “de hoje”.

Desse modo, não caem no desamparo de se sentirem que foram arrastados por um presente, sentimento que lhes levaria a uma passividade e a uma anulação. É o que cita Honda (2002 apud BOMFIM 2003:60): “Um corpo sujeito é aquele que não se conforma com a situação social excludente, que transforma resignação em potência de ação”. O sentir-se incluído na história da cidade é uma forma de expressar essa potencia do agir.

4.6 CENTRO INSEGURO

QUADRO 07 – Imagens de centro inseguro, conforme respostas dos idosos que freqüentam o Centro da cidade. Fortaleza-CE, dez. 2005.

IDOSOS QUE MORAM	IDOSOS QUE FREQUENTAM
CENTRO CASA ABANDONADA E DESPREZADA CENTRO MÃE ABANDONADA CENTRO CIDADE ABANDONADA	CENTRO “CENTRO” COMERCIAL DE NEGÓCIOS CENTRO BAIRRO PERIGOSO CENTRO LOCAL DE ENCONTRO CENTRO LUGAR DE ENCONTRO CENTRO LUGAR ABANDONADO

A categoria de insegurança foi encontrada com maior intensidade entre os idosos que freqüentam o centro de Fortaleza do que entre os que moram. A imagem de insegurança relaciona-se diretamente, nesse estudo, com o medo e a nostalgia de um Centro, no qual existia segurança. É muito freqüente essa imagem vir associada com a idealização dessa segurança que acontecia no Centro, como podemos ver no seguinte mapa:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 05 Bairro: Planalto do Pici Freq. Centro: semanal Motivo da freq: pagamentos Sexo: F Idade: 68 ans	Descrição do desenho: Paisagens, árvores, praças, bancos. Metáfora descritiva	Antigamente andava tranqüilo. Presença de pessoas conhecidas.	Um lugar inseguro, hoje.	Medo, insegurança,	Bairro perigoso	Centro “Bairro perigoso” é aquele em que a insegurança é expressa pela diferença de um lugar que antes se andava tranqüilo, mas que hoje é um lugar inseguro, revelando sentimentos de medo e de insegurança.

Nessa metáfora, centro **bairro perigoso**, encontramos a representação de que a segurança é incluída somente a uma realidade do passado. Nesse mapa, a tranqüilidade de andar está associada ao reconhecimento de pessoas nesse mesmo espaço. Por isso, a referência ao passado também se torna uma referência à segurança advinda de uma familiaridade. De acordo com os estudos de Simmel (1976), a noção de tempo anterior e o caráter nostálgico de sua lembrança, tornam-se tentativas de o indivíduo compensar perdas por se remontar a momentos de maior sociabilidade e de intimidade.

Nas metáforas centro **centro comercial de negócios** e centro **local de encontro**, respectivamente, dá-nos uma noção de que os sentimentos são associados à insegurança, ao medo e à perturbação que provoca o fato de a área central da cidade se constituir preponderantemente como um centro e negócios em que, se o mesmo voltasse como era no passado, a realidade de um ambiente seguro seria retomada.

Nessa segunda metáfora, ocorrem referências dessas redes sociais mais íntimas e reconhecíveis. O sentimento de insegurança, pois, pode estar associada à sensação de estranhamento do idoso ao Centro. É uma imagem derivada da de pertinência, colocando à ênfase em sentimentos despotencializadores como medo e insegurança.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 04 Bairro: Álvaro Weine Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: Trabalho Sexo: M Idade: 61 ans	Descrição do desenho: Desenharia uma capital mais arborizada com palmeiras fortes (Exemplo: Praça Clóvis Beviláqua). Desenharia uma cidade que já foi arejada. Metáfora descritiva	Resgate de um ambiente de vida mais agradável.	Ambiente perturbador, não tem mais segurança.	Medo, insegurança, nostalgia.	centro comercial de negócios	Centro “centro comercial de negócios” é aquele em que a insegurança está associada a um ambiente que é perturbador, o qual provoca medo e insegurança em meio à nostalgia da volta de um ambiente de vida mais agradável.

Identif.	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 16 Bairro: São João do Tauape Freq. Centro: semanal Motivo da freq: compras Sexo: F Idade: 67an	Descrição do desenho: Pomba da paz Meta-fórico descritivo	Desejo de paz no Centro. No passado, até no Domingo ia passear no Centro.	Saudade em ver o Centro que era feliz, pois se tornou essa coisa que se tem medo.	Saudade, medo, amor.	Local de encontro	Centro “local de encontro” é aquele em que sua insegurança é expressa pela lembrança de um Centro onde se podia passear no Domingo, em comparação a um centro atual que provoca medo, levando a sentimentos de saudade, amor e medo.

Esse paralelismo entre essas duas categorias em que a nostalgia de um tempo assegurava ao Centro da cidade uma perfeita segurança, pode ser demonstrado em um relato do respondente morador n. 25 durante a construção de suas respostas:

“[...] Tinha o Cosme e Damião. Era um policiamento que eles tinham que o nome era Cosme e Damião. É o nome de uma corporação de polícia que pastorava a cidade. Aí, se tinha um cabra que tivesse bêbo (sic), eles pegavam, telefonavam, vinham buscar. Um ladrão; telefonavam, e eles vinham buscar. E ficavam trabalhando nas ruas, pra lá e pra cá. Não faltava hora nenhuma. Toda hora, se houvesse uma coisa, toda hora que você olhava, tinha o Cosme e Damião. Teve outra corporação que o nome era cabeça vermelha. Eram uns soldados da polícia – a polícia era estadual – eram uns homens bem altos, escolhidos, com o boné vermelhinho. A polícia especial que chamavam. Aí, esses homens eram educados, já sabiam de tudo, eram mais instruídos, por isso, especial [...]”.

A metáfora seguinte, centro **lugar de encontro**, como também a metáfora já comentada centro **bairro perigoso**, traz-nos uma relação entre a tranquilidade anterior de andar no Centro e o medo atual de assim o fazer:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 23 Bairro: Castelão Freq. Centro: mensal Motivo da freq: Banco (receber dinheiro) Sexo: F Idade: 75 anos	Descrição do desenho: Desenharia duas coisas muito bonitas: Praça do Ferreira e o Teatro. Cognitivo descritivo	Lugar onde vinha com a família	Lugar onde hoje ando com a bolsa agarrada, diferente quando andava tranquilo.	Medo, insegurança	Lugar de encontro	Centro “lugar de encontro” é aquele em que a insegurança é expressa quando se compara um lugar no passado, onde se podia andar com a família, mas que hoje não se anda tranquilamente, revelando sentimentos de medo e de insegurança.

O sentido dado, mediante a articulação das respostas do respondente associa seus sentimentos à impossibilidade de sentir o Centro como lugar de bons encontros (SAWAIA, 1995). Transformar o Centro em lugar de encontro, de bons encontros, é torná-lo lugar de calor, como a mesma autora denomina. Um lugar onde as pessoas possam se reconhecer e sentir o outro presente, onde se propicia sentimentos de segurança, como também de identificação, dimensionando o mesmo à uma noção de proximidade e de reconhecimento.

Já refletimos anteriormente, segundo o pensamento de Bomfim (2003), que os bons e os maus encontros são afetados pelas formas ativa e passiva que os indivíduos agem

frente à realidade, diante seus sentimentos tristes. A resistência ou a resignação podem se manifestar mediante esses sentimentos.

Por um lado, demonstram resistência quando o freqüentador (apesar de poder ir a outros lugares com o intuito de utilizarem seu tempo livre ou usufruírem de serviços que poderiam ser encontrados mais comodamente em Shoppings ou em outros lugares da cidade) vai ao Centro quase todo dia, (no estudo, dos 60 idosos entrevistados, 45 freqüentam mais assiduamente: 23 freqüentam diariamente e 22 o fazem semanalmente).

De outra maneira, os idosos freqüentadores dessa investigação demonstram resignação através de ações conformadas ao mudarem seu jeito de andar no Centro, tornando seu andar mais rápido e seu corpo mais rígido no mesmo ritmo da turbulência sentida: “lugar onde eu ando com bolsa agarrada, diferente quando eu andava tranqüilo.” (idoso freqüentador, n.23).

Silva Filho (2003:19) refere sobre um jeito peculiar de andar pelo centro da cidade de Fortaleza: “quando andamos pelo centro, há uma tendência a uma locomoção maquínica – passo apressado, reflexos apurados, gestos impessoais, trajetos curtos e objetivos”. Também o mesmo autor faz uma distinção entre o passante e o caminhante. O passante é aquele dissociado do que percorre e o rodeia, mas formalmente envolvido em sistemas de regras e menos implicado afetivamente.

Já o caminhante é aquele que se deixa envolver-se pelo improvisado e pela liberdade de seu próprio corpo no espaço em que anda. É implicado nos lugares que percorre, ao ponto de seus passos serem desobrigados a alguma rigidez, deixando fluir pelo que o conquista. Pode-se perceber que o idoso freqüentador acima citado relaciona o passado com o presente associando um passado de caminhante, e um presente que, por seus sentimentos de medo e de insegurança, o tornou passante.

Na metáfora Centro lugar abandonado, encontramos a imagem de insegurança ocorrendo em paralelo tanto com a de destruição. Um Centro que antes não provocava medo e que hoje se encontra degradado e abandonado, como podemos ver no sentido dado a essa metáfora:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 27 Bairro: Messejana Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: Encontrar amigos Sexo: M Idade: 65 ans	Descrição do desenho: Praça do Ferreira antiga Cognitivo descritivo	Velhos tempos que não tinha medo	Entregue às baratas	Saudade, insegurança, medo	Lugar abandonado	Centro “lugar abandonado” é aquele em que a insegurança é expressa quando se compara um Centro do passado que não provocava medo e um Centro atual que se encontra entregue às baratas, abandonado, provocando sentimentos de saudade, insegurança e medo.

Os sentimentos associados de medo e de insegurança reforçam essa imagem de insegurança do idoso à área central. Isso gera desconfiança que fragiliza o vínculo afetivo desse idoso com o centro da cidade.

Entre os idosos moradores, a imagem de insegurança também vinculou-se à diferença entre um presente e um passado, evidenciando nessa discrepância perdas de ordem familiar ou simbólica. Na metáfora centro *casa abandonada e desprezada*, o sentido dado - a partir das articulações das respostas das categorias - retrata bem uma noção, por parte do respondente, de perda um lugar que o mesmo considerou próximo às suas vivências anteriores.

Os sentimentos característicos a essa imagem e também a do respondente n.4 (tristeza, insegurança, falta de entusiasmo, anonimato) são sentimentos também encontrados na imagem de destruição de idosos moradores.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 2 Tempo de moradia: 74 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da freq:	A coluna da hora e a estátua em frente ao Banco do Nordeste.	Lembrança, infância, a própria vida.	Lembrança, perda de coisas que existiam.	Saudade, tristeza, insegurança	Casa abando- nada e desprezada	Centro “casa abandonada e desprezada” é aquele em que a insegurança é expressa pela lembrança de um lugar, onde se vivenciou a infância e a própria vida, e que hoje leva à sensação de perdas de coisas que existiam,

Compras Sexo: M Idade: 74 ans	Cognitivo descritivo					causando sentimentos de saudade pelo que se vivenciou, mas também de insegurança e tristeza pela discrepância entre o passado e o presente.
---	-------------------------	--	--	--	--	---

Esse pertencer ao que passou, a sensação da ‘perda do Centro’, sem o idoso fazer referência de seus sentimentos ao ‘Centro de hoje’, pode evidenciar também um padecimento e uma ação de passividade na vivência atual do idoso.

O mapa afetivo da moradora n.4 demonstra sentimentos tais como estranheza ou anonimato. Parece que o que se assemelha com o idoso não é o Centro de hoje, mas um Centro que lhes sobrevive através de suas lembranças carregadas de afetos:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido!!!!!!!!!!!!
Nº: 4 Tempo de moradia: 45 anos Freq. às ruas do Centro: semanalmente Motivo da freq: Compras, bancos, pagamentos Sexo: F Idade: 62 ans	Descrição do desenho: Faria ruas mais largas, misturaria o lado comercial com o residencial, destinaria circulação do trânsito, colocaria calçadas mais largas, voltaria os mosaicos antigos, arborizaria mais e faria o Centro mais humanizado. Cognitivo descritivo	Para o Centro ser revitalizado, seria preciso voltar alguns anos atrás. O clima era mais ameno, tinha muito vento. Hoje é um forno. Hoje não sinto nenhuma brisa.	Era um ambiente familiar. Era um ponto de encontro dos amigos. Hoje passam pelo Centro pessoas preocupadas. O Centro é um ponto histórico e muito diverso.	Insegurança falta de entusiasmo, anonimato.	Como uma mãe que tivesse tido filhos (os bairros e a periferia) e tivesse sido abandonada.	Centro “mãe abandonada” é aquele em que a insegurança é expressa pela diferença entre um centro com ruas mais largas, arborização e mais humanizado; um centro de anos atrás com clima mais ameno, constituindo um ambiente familiar e um ponto de encontro; e um centro de hoje, no qual na se sente nenhuma brisa, sendo um lugar que passam pessoas preocupadas, provocando sentimentos de falta de entusiasmo, anonimato e insegurança.

O sentido que se dá a essa metáfora diz respeito a um conjunto de elementos que “ficaram pra trás” e que não estão mais presentes, configurando sentimentos de saudade de um Centro mais conhecido. A metáfora associa essa noção de diferenciação do tempo e de sua dinâmica.

A sensação de familiaridade que os idosos sentem no centro da cidade advém de seus sentimentos de terem vivenciado um centro que por eles dito: ‘um centro que já foi’ (idoso que mora, n.25). As qualidades dessa imagem de pertencimento muito frequentemente faziam menção a um Centro muito próximo deles mesmos, um centro palpável, reconhecível, que se comunicava com os idosos e falava sobre eles.

A sinalização de referências de um Centro do passado ao se tentar representar um Centro do presente pode exatamente vincular-se à necessidade do idoso de afastar o sentimento de estranheza, que ora lhe assola ao vivenciar um Centro de hoje tão espacial e socialmente diverso, diferente do lugar onde conheceu e vivenciou. O respondente n. 4, o qual a metáfora de seu mapa foi de Centro **mãe abandonada**, relatou uma descrição minuciosa e íntima de um Centro não estranho:

“Então, a própria Praça do Ferreira tinha o Cine Moderno, ela tinha lojas de variedades, tinha os escritórios da Severiano Ribeiro, o prédio São Luís em construção, tinha a Broduei e o Quatro Quatrocentos, que era a conhecida Lobrás que, por muito tempo, era chamada de loja Quatro Quatrocentos. Na outra parte, que é a Pedro Borges, você encontrava a Rainha da Moda, o Ceará Chique, a Miscelânea, e o Leão do Sul com o tradicional pastel que todo mundo ia pra praça para comer um pastelzinho e o caldo de cana (risos)... foi o que restou”.

O sentido dado a seu mapa corresponde a sentimentos de estranhamento (falta de entusiasmo) e de desconhecimento (anonimato) do cidadão a um espaço que mudou de configuração, cujos ícones foram destruídos.

A insegurança que se fala aqui não se vincula, como de costume, à idéia de violência ou usurpação material, mas de uma insegurança simbólica do idoso, visto o mesmo sentir esse estranhamento e o não reconhecimento do espaço que antes tinha uma configuração diferente.

Um centro que foi seqüencialmente transformado pelas remodelações, substituindo por outros, seus lugares de identificações, nos quais ocorreram suas vivências mais importantes, como mostra a fala de um dos entrevistados quando da resposta sobre o questionamento ‘o que pensa sobre o Centro’, na construção de seu Mapa Afetivo:

“Você procura um lugar no Centro que você tinha costume de ir e hoje não tem mais. Sinto uma espécie de desorientação de estar no Centro. Mudou tanto que às vezes eu fico sem saber até em que rua eu estou. Preciso eu parar, olhar, para poder conhecer de novo onde é que estou”. Antes, eu virava ali tudo (referindo-se às ruas do Centro) (idoso que mora, q. 9)

Percebe-se certa desorientação e falta de referencial em um espaço, no qual o idoso tinha total domínio no decorrer de sua vida, porque ali encontrava seus referenciais, sentido e maior estabilidade. Encontramos, mais uma vez, a imagem de insegurança ocorrendo em paralelo com a imagem de destruição. A metáfora desse respondente foi de centro *cidade em ruínas* e pertence à imagem de destruição.

Como analisado anteriormente nesse trabalho, Fernandes (2004) comenta sobre as inúmeras remodelações que vem passando a área central da cidade, desde a década de trinta até os nossos dias. Todas as tentativas de remodelações tendiam a uma preocupação mercadológica e tecnicista, com uma maior ênfase no interesse de atender os interesses da burguesia comercial, em contrapartida a uma diminuição de reflexões sobre como estas mudanças interfeririam na vida das pessoas.

Essas sucessivas intervenções nos espaços centrais, segundo o mesmo autor, deram-se de forma pontual, fragmentada, pouco se preocupando com a desorganização das redes sociais e com a desconstrução de vínculos afetivo-simbólicos vinculados à vivência das pessoas nesses espaços.

Quanto a essa desconstrução, a respondente n.4, já citada, quando falava sobre seus sentimentos, comentou:

“Ali tinha o Zé limeira, que quando acabaram a Praça do Ferreira velha que tinha, essa que estou dizendo que era arborizada, e depois fizeram a outra que ficou igual um caixão, assim uns tubos, ficou horrível, aí acabou. Foi uma tristeza para a gente. Ficamos tristes, a gente comentava... Oh, rapaz, tão bom as conversas que tinha nas bancas de revistas, aquelas bancas com o “tio Bodin”. Mas aí pronto, acabou a Praça do Ferreira, ficou desanimado, nós ficamos tristes”. (idoso que mora, n.4)

Nesse sentido, para os idosos do estudo a desconstrução desses vínculos significou a desarticulação de um modo de relacionar-se na cidade. Isso indica que, para eles, a centralidade física urbana representava essencialmente a centralidade simbólica de Fortaleza: “*a vida de Fortaleza era o Centro da cidade*” - significado do Mapa afetivo do respondente n. 25, analisado acima.

Essa realidade de uma Fortaleza mononucleada foi se desconfigurando nos diversos planos de remodelação, em favor da existência de outras áreas na cidade que tivessem o papel de descentralizar as atividades funcionais, de lazer ou de serviços do Centro.

Os sub-centros foram se expandindo principalmente no sentido leste da área central, principalmente no subcentro emergente da Aldeota, de acordo com Fernandes (2004). A mudança de referenciais da cidade foi se consolidando cada vez mais a gosto das classes mais abastardas que teriam a possibilidade de se distanciarem da área central, que já se caracterizava pelo acúmulo das atividades funcionais e comerciais.

Assim, também as atividades sociais e culturais da cidade de Fortaleza foram acontecendo e se manifestando em outras centralidades físicas, subcentralidades criadas para atender a expansão pretendida por uma classe detentora do poder econômico e comercial.

De certo modo, os idosos entrevistados sentiram essa mudança, uma vez que suas histórias de vida eram sobremaneira vinculadas afetivamente com a existência de um núcleo central e não a dispersão de vários outros espaços que se distanciavam do processo de identificação já estabelecido e do lugar que já se construiu uma familiaridade afetiva, de acordo com o termo usado por Chombart de Lauwe (1979).

A esse respeito, torna-se significativa a fala de uma das idosas do estudo que, durante a realização das respostas de seu questionário, enquanto falava sobre seu desenho, cantou uma música que era veiculada pela televisão, muito provavelmente nessa época da referida expansão:

♪ Depois que acabaram com a Coluna da Hora,
Depois que derrubaram o Abrigo Central;
O centro da cidade mudou para outro local;
Tem, tem ar para respirar;
Tem coisas lindas para olhar;
Novo Centro agora é o *Center Um*... ♪
(idosa que frequenta, q. 4)

É exatamente a construção e efetivação do **Shopping Center Um**, segundo Silva (1992) o fato que deflagra o processo de emergência do bairro da Aldeota como centro comercial e a implantação das primeiras agências bancárias a partir de 1974.

A música, citada pela idosa, tem a intenção de fortalecer esse novo espaço, tentando enfraquecer ou anular os aspectos simbólicos e afetivos do já existente. Não é mais do que, pois, implantar um simbolismo *a priori* que, segundo Moreno e Pol (1999) é a tentativa de se criar um espaço com uma significação preestabelecida.

O simbolismo *a posteriori*, como já analisado nesse trabalho, acontece, segundo os mesmos autores, quando aqueles espaços ou objetos já possuem um papel ativo no mundo

referencial dos sujeitos, através do tempo e do uso efetuado de forma individual ou coletivamente.

O Centro de Fortaleza, no decorrer dos anos de desenvolvimento urbano, passou-se a “se confundir com a própria cidade”, como assinala Silva (2001:32), O conjunto de elementos desse mundo referencial - que primordialmente na cidade constitui a referência dos habitantes locais (SILVA FILHO, 2003:16) - conjuga, de fato, esse tipo de simbolismo *a posteriore*, na medida em que demarca temporalidades vividas (SAWAIA, 1996) no espaço urbano.

Pode-se aqui pensar, a partir da referida letra da música na mídia da época de implantação do Center Um, que Fortaleza aí demonstra uma falha no diálogo entre o passado e o presente, segundo expressão de Barreira (2003). A cidade possui uma característica de rapidez no que condiz à busca de mudanças nos seus ícones ou tentativas de criações de novas simbologias para cidade, que a singularize e a identifique.

Na música, percebe-se a facilidade de se metamorfosear os lugares de referência simbólica, sob pena de uma destruição e de uma fugaz ruptura do passado (acabaram com a Coluna da Hora, derrubaram o Abrigo Central) com fins do surgimento de um presente com ares de excelência, domínio e predileção (Tem, tem ar para respirar; tem coisas lindas para olhar; novo Centro agora é o Center Um).

Era muito freqüente a descrição do Abrigo Central - um dos desenhos mais apontados e grandemente sentidos por eles, quando comentavam sobre a sua repentina destruição: “o povo era feliz no abrigo central, derrubaram o abrigo, onde o povo era feliz” (idoso que mora, q.14), dizia-me um idoso ao citar o Abrigo nas descrições dos desenhos dos mapas.

Isso reflete a existência em Fortaleza de disputas simbólicas (BARREIRA, 2003) em uma cidade que tem no turismo um forte propulsor de imagens adequadas e coerentes para esse mercado de maquiagens urbanas de atração. Uma cidade que, desde o início da urbanização, facilmente deixa-se penetrar e envolver com o que vem de fora em sua porosidade da membrana urbana: “Paris era a capital do mundo e Fortaleza era uma cidade clonada. [...] Uma cidade que se conduz pelos modismos ditados pela televisão, dançando música de discoteca, até imitando outros hábitos condenáveis” (GIRÃO, 1999).

Percebe-se que Fortaleza, ao longo de sua história, não possui uma simbologia única e forte como em outras cidades brasileiras, como na Bahia (o Pelourinho) ou a imagem do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro. Fortaleza possui várias simbologias, umas que ficam; outras que passam e os fortalezenses até não mais se admiram com a criação de novos lugares criados ou com novas simbologias para a cidade.

Existe já uma facilidade de se transitar na ruptura do passado para o presente. Isso acontece também com os lugares da cidade que se tornam extremamente valorizados por um tempo, onde a convivência social torna-se intensa (considerando *o point da cidade*), mas quando aparece outro que se mostra adequado às preferências, o lugar anterior como que desaparece.

Em uma das falas muito interessantes de uma idosa, enquanto construía seu questionário demonstra um pouco essa fragilidade da cidade: “*a cidade de Fortaleza é doente de Alzheimer, ela num instante esquece o que aconteceu com ela*” (idosa que mora, respondente n.14). Essa perda de continuidade entre o passado e o presente na cidade dá margem à criação no imaginário urbano (CASTORIADIS, 1992) de um passado mítico, idealizado, perfeito que foi perdido e que, segundo Barreira (2003:316) é levado à tona pela evocação de uma nostalgia de um tempo anterior, “no qual era possível ter controle sobre os processos cívicos, incluindo a comunicação entre seus habitantes”.

Essa anterior intimidade pode ser demonstrado na fala da idosa: “*Era comum andar no centro e ver as pessoas conhecidas. Antes as pessoas eram mais conhecidas e pacíficas. Era um ambiente familiar e um ponto de encontro dos amigos*” (idoso que mora, q. 4).

Uma cidade na qual a rapidez das transformações levam a pensamentos de retorno ao passado como de um tempo perdido e não de um tempo continuado. De fato, concordamos que um espaço urbano não teria sentido se este anestesiasse no tempo indefinidamente como se, por exemplo, o contexto urbano do início do século XIX tivesse se mantido até os nossos dias. Isso seria utópico e irreal. Estamos de acordo com Harvey (1996:171) que “construções degradadas e em ruínas certamente devem ser demolidas e locais degradados merecem uma revitalização”. Mesmo porque o espaço físico não é meramente o espaço físico em si mesmo, mas sua construção e reconstrução está em função do espaço social que o abrange e no qual se entrelaça.

No entanto, o que se pensa está de acordo com Harvey (1996) e Barreira (2003) que se pode empreender na cidade transformações urbanas que não desconsidere o sentimento

de pertença e os vínculos afetivos e simbólicos construídos. A ação de remodelar uma área urbana não pode assumir uma soberania tal que o tire simbólica e afetivamente esse espaço das pessoas, de forma que não lhes pertença mais: “*O Centro não é mais do povo, é dos transportes, do comércio*” (idoso que mora, n.20)

Com efeito, como evidenciou Barreira (2003:317): “Recuperar o passado não é, entretanto, repetir o tempo, mas reinventá-lo”. Quais são as maneiras que a cidade de Fortaleza, mais especificamente o centro da cidade, está reinventando seu tempo, sua história? De que recursos culturais simbólicos os urbanitas buscam falar de suas trajetórias? Com certeza, as respostas a essas questões não são o propósito do presente estudo, mas esses questionamentos podem servir para a reflexão dessa temática.

Resignificar o presente do Centro fica difícil para eles na medida em que a desconfiguração em boa parte da área central da cidade a empreende um tom de ruptura no que diz respeito a elementos de continuidade simbólicas e afetivas dos idosos.

Um lugar do presente que imprime certo distanciamento afetivo que não consegue favorecer nos idosos a compreensão, aceitação e familiaridade às mudanças ocorridas no Centro. O desconhecimento resultante desse processo pode resultar em insegurança, a qual não necessariamente é de ordem material, mas em nível de vínculos afetivos e simbólicos: “*O Centro mudou. Não sinto muito entusiasmo com essas mudanças... (silêncio). Sinto saudade*”. (idosa que mora, q.4)

4.7 CENTRO AGRADÁVEL

QUADRO 08 – Imagens de centro agradável, conforme respostas dos idosos moradores e dos idosos que freqüentam o Centro da cidade. Fortaleza-CE, dez. 2005.

IDOSOS QUE MORAM	IDOSOS QUE FREQUENTAM
CENTRO PARQUE DE LAZER CENTRO CASA AMPLIADA CENTRO PRAIA CENTRO CASA EM QUE SE FICA À VONTADE CENTRO AMBIENTE DE COMPRAS	CENTRO PRÓPRIA CASA CENTRO PARQUE DE DIVERSÃO CENTRO VARANDA CENTRO PRÓPRIA CASA

Segundo a ordem de importância, os idosos que moram no Centro consideram a agradabilidade como a segunda mais significativa, e os idosos que freqüentam como a terceira. Essa categoria, nesse estudo, corresponde à consideração de que o Centro da cidade é um espaço de diversão, descontração bom para morar, devido, principalmente, à comodidade encontrada, mediante à diversidade de produtos e de serviços.

Segundo Bomfim (2003), na imagem de agradabilidade estão presentes respostas nas qualidades de beleza, colorido e de natureza agradável da cidade, que expressam pertinência, recordações da infância e sentimentos de prazer em desfrutar do tempo livre. As imagens de agradabilidade dos idosos que moram demonstram essas aspectos associados a um lugar que geram sentimentos potencializadores de intimidade, calor humano e familiaridade:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 8 Tempo de moradia: 20 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da freq: passear Sexo: M Idade: 68 ans	Descrição do desenho: Praça do Ferreira, depois o que está ao redor até às praias. Cognitivo descritivo	Importância de representar a Capital. Um lugar de referência para Fortaleza.	Ambiente familiar, um lugar para conversar.	Bem-estar, familiaridade, intimidade.	Parque de Lazer	Centro “Parque de Lazer” é aquele em que a agradabilidade está presente nas sensações de intimidade, bem-estar que favorecem a um ambiente familiar e um lugar para conversar.

Na metáfora Centro parque de lazer os sentimentos de intimidade e de bem-estar levam o respondente associar a sensação de familiaridade. Isso expressa pertinência à área central, não causando estranhamento, mas proximidade, valorização e importância.

De fato, pode-se verificar que, dos 30 entrevistados que moram no Centro, 27 não pretendem mudar-se de lugar, representando 90% do total. Isso demonstra que o Centro, para os idosos no presente estudo, constitui um lugar que possui elementos favoráveis para a moradia, denotando certa valorização a esse espaço.

Da mesma forma, a metáfora *Centro casa em que se fica à vontade* denota o mesmo sentido da intimidade, do bem-estar e de se permitir, no caso do sentido dado à metáfora *Centro casa ampliada*, tornar o Centro uma extensão do próprio respondente, manifestado através da palavra casa. Os sentimentos dos respondentes n.19 e n.23 de tranqüilidade, segurança, alegria, paz e amor reforçam essa confiança e identificação:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 19 Tempo de moradia: 66 anos Freq. às ruas do Centro: mensal Motivo da freq: compras Sexo: M Idade: 66 ans	Metafórico	Tudo de bom que existe. Juventude e beleza.	importância,	Paz, tranqüilidade, alegria, segurança.	Própria casa ampliada	Centro “casa ampliada” é aquele em que a agradabilidade é associada à tranqüilidade, à segurança, e à importância de sentir o Centro como a extensão da própria casa.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 23 Tempo de moradia: 33 anos Freq. às ruas do Centro: semanal Motivo da freq: compras Sexo: F Idade: 74 ans	Descrição do desenho: A coluna da hora. Cognitivo descritivo	Tem tudo o que se quer encontrar. Onde se pode merendar	Beleza e lazer	Alegria, paz e amor	Casa em que se fica à vontade.	Centro “casa em que se fica à vontade” é aquele em que a agradabilidade é associada a um lugar de lazer e com beleza, onde se pode encontrar tudo o que se quer, revelando sentimentos de alegria, paz e amor.

Por outro lado, para os idosos que moram na área central da cidade, o Centro torna-se agradável pela comodidade dos moradores encontrarem tudo o que quiserem em um só bairro. O aspecto da funcionalidade dessa área da cidade para os residentes é muito evidenciado como de grande importância e satisfação como expressa o sentido dado à metáfora centro **ambiente de compras**:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 27 Tempo de moradia: 23 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da freq: compras Sexo: M Idade: 64 ans	Descrição do desenho: José de Alencar Cognitivo descritivo	movimento	Utilidade, ambiente que vai para comprar.	Satisfação, bem-estar	Ambiente de compras	Centro “ambiente de compras” é aquele em que a agradabilidade pode ser expressa na satisfação de se ter um ambiente útil para realizar compras.

A metáfora centro *praia* associa essa agradabilidade do centro ao aspecto da despreocupação exatamente pela possibilidade de encontrar tudo o que se quer e se refere à diversão e descontração que o mesmo lugar oferece pela diversidade de produtos, serviços, pessoas que existem. Os sentimentos revelados de alegria e bem-estar manifestados garantem uma postura mais otimista em relação ao centro e potencializadora de bons encontros com o mesmo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 22 Tempo de moradia: 50 anos Freq. às ruas do Centro: mensal Motivo da freq: Pagamento, fazer compras. Sexo: F Idade: 81 ans	Descrição do desenho: Um lugar onde tem muita gente e muitas lojas. Metafórico descritivo	Diversão e descontração comodidade para fazer compras.	Bom lugar para fazer compras.	Alegria, bem-estar	Praia	Centro “praia” é aquele em que a agradabilidade é vinculada a um lugar divertido, descontraído e que apresenta comodidade para fazer compras, propiciando sentimentos de bem-estar e de alegria.

A imagem de agradabilidade entre os idosos que frequentam o Centro da cidade também associa esses mesmos aspectos representados pelos idosos que moram. No entanto, a ênfase dada é a possibilidade de lazer que este lugar oferece, onde se considera um espaço da

cidade, o qual se pode descansar e parar na dinâmica do cotidiano urbano. É o que expressa a metáfora centro **varanda** do respondente n.22:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 22 Bairro: Messejana Freq. Centro: semanal Motivo da freq: Passear, pagamentos Sexo: M Idade: 63 ans	Descrição do desenho: Desenharia um Parque de encontro Metafórico descritivo	Descanso do espírito, lugar onde pára de pensar nos problemas da vida.	Lazer. É um momento de descanso.	Saudade, bem-estar-estar, calmo, tranqüilo, liberdade.	Varanda	Centro “varanda” é aquele em que a agradabilidade é associada à liberdade e ao bem-estar de um lugar, onde se pode ter momentos de descanso e de lazer.

O sentido da metáfora Centro **própria casa** expressa semelhanças aos idosos que moram ao se representar o Centro como lugar de intimidade e de prazer. Na articulação das respostas desse respondente percebe-se que o prazer e essa intimidade estão associados ao lazer que encontra no Centro da cidade:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 10 Bairro: Otávio Bonfim Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: passear Sexo: M Idade: 80 ans	Descrição do desenho: Coluna da Hora e bancos da Praça. Cognitivo descritivo	Marco da Juventude	Lazer, passeio	Alegria, prazer, bem-estar	A própria casa	Centro “própria casa” é aquele em que a agradabilidade é expressa na vinculação do centro como marco da juventude e lugar de passeio e de lazer, revelando sentimentos de alegria, prazer e bem-estar.

A agradabilidade também está associada naqueles que vem ao Centro em considerá-lo como referencia de centralidade da própria cidade. Em dados estatísticos anteriores, verificamos que os freqüentadores idosos à área central correspondem no estudo à um abrangência de quase todas as regionais da cidade.

Ir ao Centro retornar um caminho: o da periferia até onde os outros lugares nasceram na cidade. Quem compreende mais intensamente esse desenrolar de desenvolvimento urbano foram os idosos que alcançaram parte desse processo de expansão da cidade de Fortaleza para outros sentidos. Esse é o sentido dado à metáfora centro **parque de diversão**:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIII I
Nº: 15 Bairro: São João do Tauape Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: Passeio, fazer compras. Sexo: M Idade: 72 anos	Descrição do desenho: O relógio da Praça do Ferreira Cognitivo descritivo	O coração da cidade e do Estado. Faz parte da vida da gente.	É o lugar mais importante e aprazível.	Saudade, alegria, emoção.	Parque de diversão	Centro “Parque de diversão” é aquele em que o sentido da agradabilidade advém da significação do lugar mais importante e central da cidade, o que provoca um sentimento de pertencimento, alegria e emoção.

Os sentimentos expressam a importância dada ao Centro da cidade, revelando também a pertinência a esse espaço urbano e a emoção – diária, quinzenal ou mensalmente – de o idoso poder ir ao Centro novamente, sentindo-o como parte de sua vida.

4.8 CENTRO DE CONTRASTES

O Quadro 09 mostra as imagens de contrastes com as metáforas extraídas das respostas dos idosos que moram e dos idosos que frequentam o Centro de Fortaleza:

QUADRO 09 – Imagens do centro de contrastes, conforme respostas dos idosos moradores e dos idosos que frequentam o Centro da cidade. Fortaleza-CE, dez. 2005.

IDOSOS QUE MORAM	IDOSOS QUE FREQUENTAM
-------------------------	------------------------------

CENTRO CONFUSÃO CENTRO PRAÇA DESORGANIZADA CENTRO COMÉRCIO CENTRO FAMÍLIA CENTRO SHOPPING GRANDE	CENTRO LUGAR QUE AFASTA CENTRO CEMITÉRIO/PONTO DE ENCONTRO CENTRO PARQUE DO CARMO EM SÃO PAULO CENTRO ÁREA EM DECADÊNCIA CENTRO LUGAR DESORGANIZADO
--	---

A imagem de contrastes foi a segunda em ordem de importância, encontrada entre os idosos que moram e nos que frequentam o centro de Fortaleza. Essa imagem, como já foi assinalado, associa decadência contrapondo-se ao lugar de importância que área central da cidade proporciona, como também a tranquilidade verificada, como se fosse um ambiente familiar, mas o tumulto e excessividade de estímulos presentes. Além de contrastes relacionados ao tempo: um tempo duplo revelando faces opostas do Centro do dia e do Centro da noite; e os tempos de épocas diferentes que antagonizam sentimentos e representações acerca desse espaço da cidade.

Podemos encontrar nos mapas dos respondentes 3 e 24 alguns desses elementos de contrastes:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 3 Tempo de moradia: 16 anos Freq. às ruas do Centro: Quinzenal Motivo da freq: passear Sexo: F Idade: 62 an.	Descrição do desenho: Praça do Ferreira Cognitivo descritivo	Imponência dos prédios, significa o sentido do Centro e a beleza.	Ambiente familiar. Hoje, o Centro é cheio e tumultuado.	Saudade, nostalgia, tranquilidade e, bem-estar, medo insegurança	Confusão	Centro “confusão” é aquele onde se manifestam contrastos de se sentir bem como em um ambiente familiar e pela sua beleza em contraponto ao medo, insegurança e tumulto presentes hoje.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 24 Tempo de moradia: 23 anos Freq. às ruas do Centro: semanal Motivo da freq: passear Sexo: M Idade: 60 anos	Descrição do desenho: O relógio da Praça. Cognitivo descritivo	Início de Fortaleza.	Lugar de consumismo ambiente eclético, há decadência.	Orgulho, alegria, insegurança	Shopping grande	Centro “Shopping grande” é aquele em que seus contrastos são expressos pelo paradoxo de um centro que significa a origem de Fortaleza, sendo um lugar de consumismo e um ambiente eclético, mas que, ao mesmo tempo, percebe-se a decadência de um ambiente importante

						para os cidadãos, revelando sentimentos opostos de orgulho, alegria e insegurança.
--	--	--	--	--	--	--

Os contrastes podem ser observados no Centro **confusão** em que os sentimentos opostos de tranquilidade, bem-estar/medo e insegurança, são frutos da presença de intimidade (encontrada na sensação de familiaridade que os idosos moradores sentem desse ambiente de moradia) e de afastamento (provocado pela multivariada de sons, de atividades, de imagens).

Isso provoca uma confusão de sentimentos e de ações de afastamento/proximidade diante da área central. Até mesmo de retraimento do idoso em somente caminhar por determinados espaços ou ir ao Centro sempre no mesmo lugar, como na fala de uma idosa que mora: “(...) *Minha filha não deixa mais eu andar só e eu fiquei bitolada em ir só naqueles cantos que ela me leva (...)*” (respondente n.9).

Na metáfora **Shopping grande** os sentimentos associam o orgulho e a alegria ao fato da compreensão de um centro que significa o marco de início da própria capital, como também refletem a importância dada por um lugar de diversidade na cidade.

Mas o sentimento de insegurança indica os contrastes mediante a existência de decadência nesse mesmo espaço, que torna ambivalente a comunicação e o relacionamento desses idosos com o Centro, provocando sentimentos, os quais podem gerar ações potencializadoras (de proximidade) ou de resignação (afastamento) diante da ambigüidade do que sentem.

Nesse sentido, a metáfora centro **lugar que afasta** expressa essa ambigüidade quando o sentido dado associa esse espaço como um lugar de paz, mas, ao mesmo tempo, um lugar que afasta as pessoas devido a um sentimento preponderante - o medo. Podemos perceber isso no mapa de uma freqüentadora do Centro da cidade:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 01 Bairro: Dias Macedo Freq. Centro: semanal Motivo da	Metáfora	Bem-estar em viver em uma cidade como Fortaleza.	O Centro nos traz muita paz. O Centro no momento está nos	Receio	Lugar que afasta	Centro “lugar que afasta” é aquele que expressa o contraste em ser tanto um lugar de paz, quanto um lugar que afasta as pessoas pelo receio que se tem

freq: Bancos, comércio Sexo: F Idade: 78 an			afastando.			de permanecer lá.
--	--	--	------------	--	--	-------------------

A imagem de contrastes também se referiu aos momentos do dia, os quais definem modos diferentes de configuração do Centro da cidade. Podemos encontrar essa temática na metáfora centro Cemitério/ponto de encontro:

Identif.	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 06 Bairro: Salinas/Aldeota Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: Passear, conversar. Sexo: M Idade: 74 ans	Descrição do desenho: Desenharia o “Pedão da bananada” e as residências do Centro. Metafórico descritivo	Um Centro que já se foi. Lembranças dos passeios no Centro. (fã n. 1 da Praça do Ferreira) “Cada banco tem sua especialidade”	O Centro tem duas fases: pelo dia é bom, é legal; à noite, é horrível. À noite o Centro é morto. É perigoso.	Abandono, tranqüilidade, mal-estar, bem-estar.	Cemitério – à noite. Ponto de encontro - pelo dia.	Centro “Cemitério/ponto de encontro” é aquele em que seus contrast es são expressos nas atribuições que se dá entre dois centros opostos: o centro pelo dia - que é bom e legal; e o centro à noite – que é horrível, morto e perigoso, causando sentimentos antagônicos de tranqüilidade/ abandono e de bem-estar/ mal-estar.

O sentido dado, a partir da articulação de suas resposta associa sentimentos opostos de tranqüilidade/abandono; mal-estar/bem-estar, os quais definem as maneiras de comunicabilidade e de representação dos cidadãos com o Centro da cidade. Assim, duas faces muito claras foram apresentadas pelo respondente desse mapa: um centro que pelo dia congrega pessoas e múltiplas atividades e serviços, significando, pois, vida e dinamismo; e um centro que pela noite é solitário, perigoso, onde se sente mal-estar, representando a morte.

Essa duplicidade foi também encontrada na metáfora de um respondente na imagem de pertinência: centro **Feira persa/cemitério** do respondente freqüentador n. 17, na qual mostra uma oposição que contrasta a dinâmica comercial durante o dia e o abandono das pessoas à área central pela noite. Esses contrastes podem vincular-se às perdas dos espaços de moradia do centro comercial, o que ocasionaram vazios de convivência nas dinâmicas de vizinhanças, fragilizando vínculos do entorno.

Também pode associar-se à exarcebação das funções comerciais que o Centro acumulou e a perda gradativa de suas funções culturais através de instituições como cinemas, teatros, ao longo do tempo de desenvolvimento urbano de Fortaleza e criação de novas áreas

de lazer e atividades culturais na cidade, principalmente, em espaços que se tornaram mais valorizados como a Aldeota ou lugares mais compactos e supostamente seguros, como os Shoppings.

Essa dupla dinâmica do Centro da cidade também foi relatada por um idoso morador durante a resolução de seu questionário:

“Aqui de noite no tem ninguém, só tem bêbo (sic) e ladrão. Não tem nada, acabou-se Fortaleza, mudou-se para os subúrbios, viu, a periferia. Todo mundo procurava vir para o Centro de noite, nos cinemas, tudo funcionava, todo mundo ia para o Centro. E hoje não vem, sai do Centro. Hoje, sete, oito horas da noite, o Centro não tem mais um pé de gente (sic). (idoso que mora, n. 25)

A imagem de contrastes também foi associada em idosos que freqüentam, a sentimentos mais afirmativos frente a uma realidade não muito boa, de destruição e de desorganização - mapas n.28 e n.29 seguintes:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 28 Bairro: Monte Castelo Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: passear Sexo: M Idade: 92 anos	Descrição do desenho: Uma flor Meta-fórico descritivo	O Centro tem vitalidade, poesia e tradição.	Está decaído	Saudade, amor	Área em decadência	Centro “área em decadência” é aquele em que seus contrastos são vinculados às imagens opostas de um Centro poético, com vida e tradição e um Centro em decadência.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 29 Bairro: Barra do Ceará Freq. Centro: quinzenal Motivo da freq: Compras, bancos Sexo: F Idade: 67 an	Descrição do desenho: Farmácias antigas na Praça do Ferreira Cognitivo descritivo	Desorganização, falta de amor	Desorganização	Bem-estar, tranquilidade	Lugar desorganizado	Centro “lugar desorganizado” é aquele em que seus contrastos são associados à desorganização e à falta de amor que se encontra no centro em meio a uma sensação de tranquilidade e bem-estar a esse espaço.

Encontramos, da mesma forma, essa imagem de destruição caminhando paralelamente com a imagem de contrastes no respondente n.5 quando associa sentimentos de abandono e de amor ao Centro que, fatalmente, está *indo embora*, mas que é um lugar de vida também. Esse sentido é atribuído à metáfora centro **praça desorganizada**:

Identif.	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 5 Tempo de moradia: 7 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da freq: passear Sexo: F Idade: 65 anos	Descrição do desenho: Área arborizada, calçadas que correspondesse à caminhada, espaços com qualidade de vida, policiamento na área, um parque para as crianças se sentirem livres, um local só para as vendas e um mercado das frutas. Cognitivo desc.	Um lugar de segurança; atrativo para as pessoas de terceira idade, como se representass e um lugar vivo.	Olho para o Centro e sinto que está indo embora. O Centro não tem qualidade de nada. Há descuido, falta de qualidade de vida. Não é visto como um cartão-de-visitas.	Abandono, amor, saudade, tumultuado.	Uma praça desorganizada.	Centro “praça desorganizada” é aquele em que traz contrast es de um centro que por um lado é um lugar de segurança, atrativo para as pessoas de terceira idade, representando um lugar vivo, mas que, de outro modo é, na verdade, um centro que não tem qualidade de nada, é descuidado, tendo-se a sensação de que está indo embora, gerando sentimentos antagônicos de amor, abandono e saudade.

Na metáfora seguinte, centro **comércio**, encontramos os contrastes na relação que o respondente faz entre um Centro que se considera de importância e que se nomeia de “antigo” com um centro funcional e comercial:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 6 Tempo de moradia: 4 anos Freq. às ruas do Centro: semanal Motivo da freq: compras Sexo: F Idade: 60 anos	Descrição do desenho: A Praça do Ferreira Cognitivo descritivo	Representa o lugar mais antigo (importância). Representa centralidade. Tem importância pelo movimento de comércio e das instituições.	O Centro tem facilidades, é um lugar onde se encontram muitas coisas, mas é desorganizado e não tem limpeza. O Centro poderia ser bem melhor. Era para ter mais valor. Comodidade	Medo, segurança, insegurança, apazível, bem-estar.	Com um comércio	Centro “comércio” é aquele em que traz contrast es que se manifestam na importância que tem como o lugar mais antigo da cidade, representando centralidade, movimento de comércio, facilidades e comodidade, porém ao mesmo tempo apresenta um ambiente desorganizado e sem limpeza, gerando sentimentos antagônicos de medo, segurança, insegurança e bem-estar

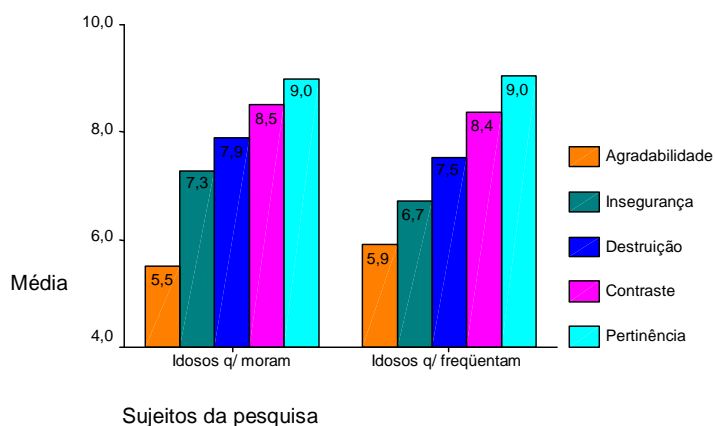
			por encontrar muitas coisas em um mesmo lugar.			
--	--	--	--	--	--	--

Nos sentimentos de medo/bem-estar; segurança/insegurança; tristeza/felicidade encontramos a analogia entre um Centro, no qual não havia uma função comercial tão preponderante e um lugar, onde hoje o comércio intenso descaracterizou-o, dando-lhe um configuração de desorganização e de sujeira que, uma vez comparado com o centro “antigo”, acha-se a oposição de duas fases da mesma área urbana da cidade: a fase mais residencial e a intensamente comercial.

4.9 ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS QUALITATIVOS

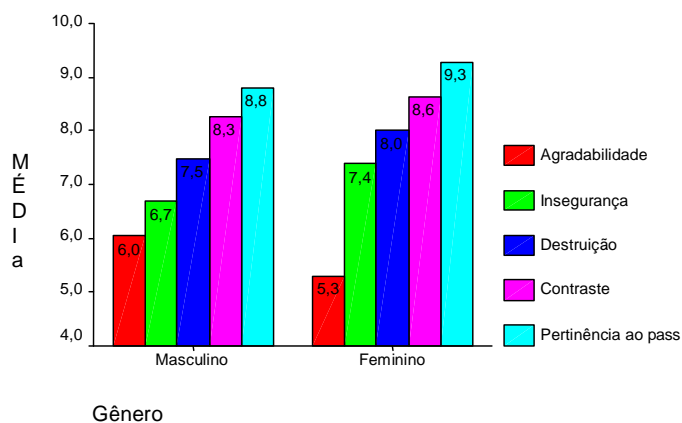
Os dados apresentados a seguir são expressos em figuras que sintetizam os valores que indicam o afeto dos idosos que moram e dos idosos que freqüentam o Centro de Fortaleza-CE.

FIGURA 14 – Índices das categorias de afetividade de idosos que moram e que freqüentam o Centro. Fortaleza-CE, dez. 2005.



Esses dados mostram que não havia diferenças entre os dois grupos. Estes dados confirmam as análises dos mapas afetivos. Mostra também que a agradabilidade está baixa. O que se justifica uma revitalização que reforce o belo, a natureza e o gostar.

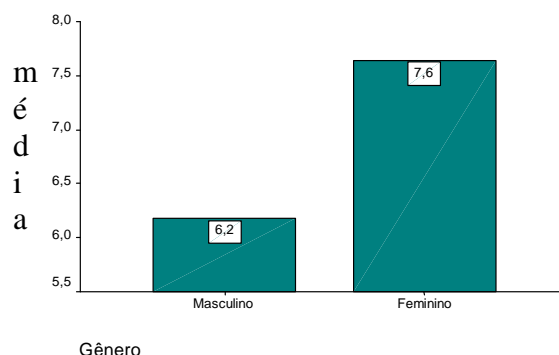
FIGURA 15 – Índice das categorias de afetividade por gênero dos idosos do estudo. Fortaleza-CE, dez. 2005.



Não houve diferença significativa entre as variações dos índices de afetividade quanto ao gênero de todos os idosos que participaram da pesquisa. Isso demonstra similaridade de sentimentos em relação ao Centro quanto ao gênero.

Entretanto, quando tomados para a análise os índices dos afetos apenas dos idosos que freqüentam o Centro, o índice de insegurança variou de forma significativa quanto ao gênero desses idosos ($F=4,02$; $gl=1$; $p=0,04$), como está demonstrado na figura seguinte:

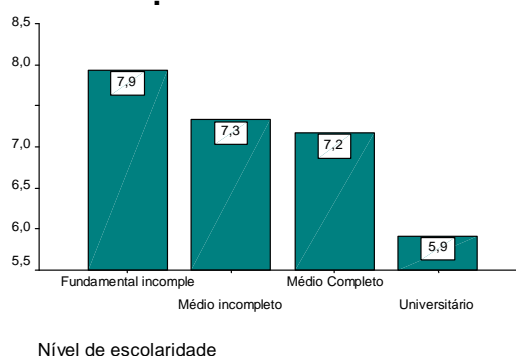
FIGURA 16 – Variação do índice de insegurança nos idosos que freqüentam o Centro. Fortaleza-CE, dez. 2005.



A figura acima mostra que o índice de insegurança nas idosas freqüentadoras do Centro ($X=7,4 + 2,1$) é estatisticamente superior ao dos idosos freqüentadores ($X=6,2 + 1,8$), o que ainda pode ser relacionado com o que foi encontrado na tabela 03 acima: daquelas mulheres que lidam com dinheiro indo ao banco, fazendo compras e pagamentos, provavelmente, as freqüentadoras sejam as que sentem maior insegurança no Centro.

Quanto ao gênero, o índice de insegurança varia apenas no grupo de idosos freqüentadores, mas quanto ao nível de escolaridade, isso se inverte, não ocorrendo variação em apenas um grupo de sujeitos, mas sim tomando para análise todo o grupo de idosos do estudo ($F=9,1$; $gl=5$; $p=0,004$).

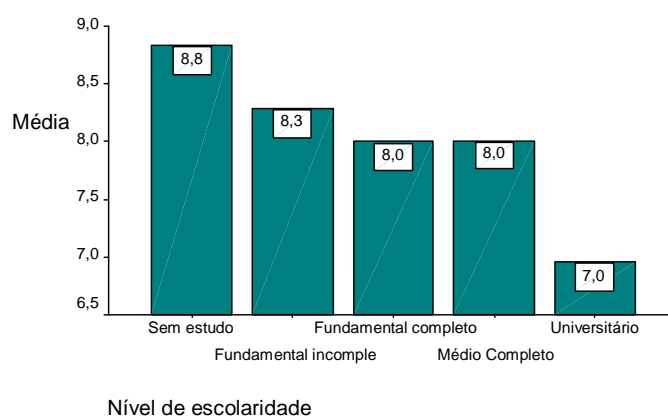
FIGURA 17 – Índice de insegurança conforme nível de escolaridade dos idosos do estudo. Fortaleza-CE, dez. 2005



Conforme os dados acima, nesse estudo ocorreu uma correlação negativa entre o nível de escolaridade e o índice de insegurança nos idosos da investigação ($r=-0,39$; $p=0,02$): Quanto maior o nível de escolaridade menor a insegurança do idoso no Centro.

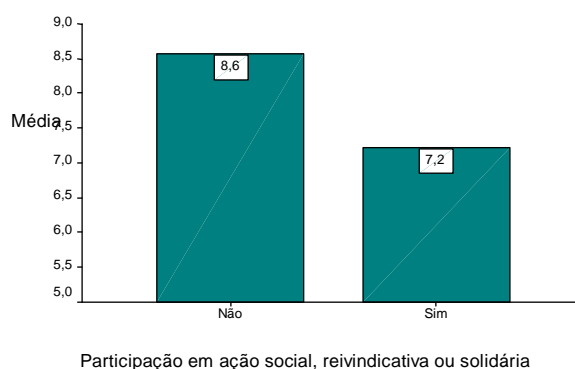
Ainda com relação ao nível de escolaridade, este também se correlacionou de modo negativo quanto ao índice de destruição ($r=-0,37$; $p=0,003$). Parece, então, que a percepção de um centro destruído, é inversamente proporcional ao grau de instrução desses sujeitos, como está caracterizado na figura abaixo:

FIGURA 18 – Índice de destruição conforme nível de escolaridade dos idosos do estudo. Fortaleza-CE, dez. 2005.



O modo contrastante de sentir o Centro pareceu receber influência da participação do idoso em alguma ação social, reivindicativa e solidária ($F=4,8$; $p=0,03$). Os que não tinham participação em ações sociais ($n=54$) apresentaram maiores índices de contraste ($8,6 + 1,3$) que aqueles que participavam ($n=6$; $7,2 + 2,4$), como mostra a figura seguinte:

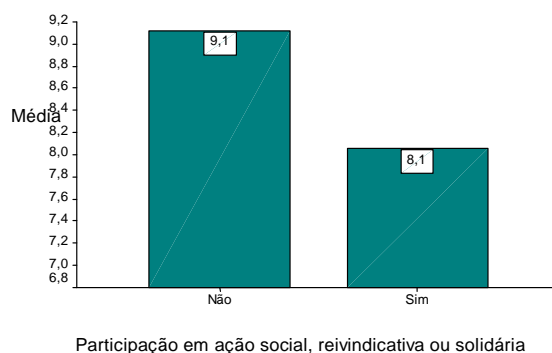
FIGURA 19 – Índice de contraste conforme grupos de idosos que participam e não participam de ação social. Fortaleza-CE, dez. 2005.



Por fim, a última variação observada entre os sujeitos do estudo foi a do índice de pertinência por participação em ação social, reivindicativa ou solidária ($F=4,5$; $p=0,04$). A

figura 19 mostra que o índice de pertinência foi maior no grupo de sujeitos que não participam de ações sociais (9,1 + 1,0).

FIGURA 20 – Índice de pertinência conforme grupos de idosos que participam e não participam de ação social. Fortaleza-CE, dez. 2005.



De um modo sintético, quando tomamos as categorias agradabilidade e pertinência ao passado como representantes da estima positiva e o contraste, insegurança e destruição como representantes da estima negativa, obtivemos os seguintes resultados:

FIGURA 21 - Estima positiva do Centro de Fortaleza.

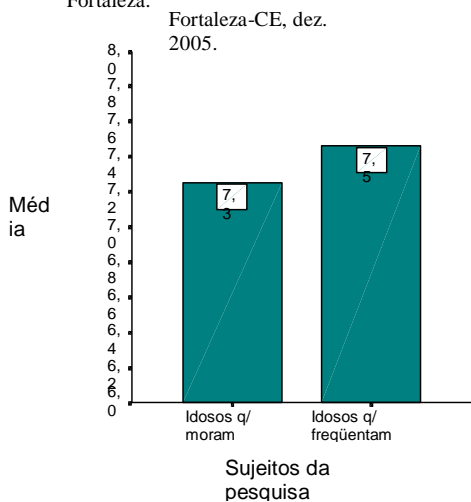
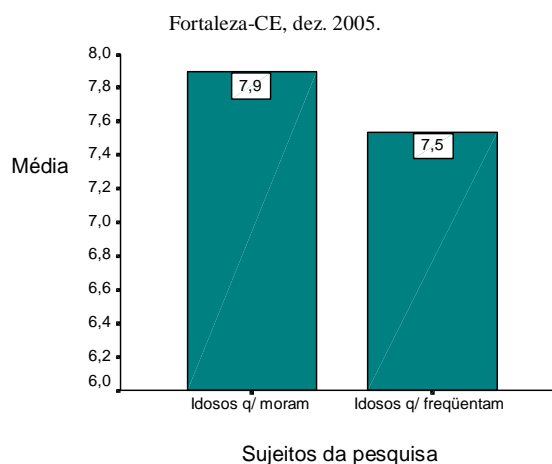


FIGURA 22 – Estima negativa do Centro de Fortaleza



Na análise entre os grupos de idosos, verificamos que o índice de estima positiva nos que moram (7,3) é inferior ao dos que freqüentam (7,5) e o de estima negativa superior (figura 22). Contudo a diferença entre esses índices não foi estatisticamente significativa.

Na análise intra-grupo, percebemos que não houve diferença significativa entre idosos que moram e idosos que freqüentam, sendo que a estima negativa dos que moram é um pouco maior dos que freqüentam, o que corrobora com o fato de que entre estes a imagem de destruição foi muito superior em ordem de importância do que os idosos que freqüentam.

4. CONCLUSÃO

Afetos de idosos e o centro de Fortaleza como palco de transformações foi o tema central dessa investigação. A análise dos sentimentos dos idosos nos possibilitou construir imagens de suas maneiras de sentir esse espaço urbano.

Nesse estudo, pudemos constatar que a apreensão dos sentimentos também pode ser realizada através da descrição dos desenhos dos quais serão deflagrados os mapas afetivos. Ressaltamos que o instrumento de BOMFIM (2003), gerador de mapas afetivos está aberto a adaptações voltadas a quaisquer populações de estudo. No caso da nossa investigação, a adaptação “descrição do desenho” também pôde ser aplicada a outras populações como a de pessoas que recusam utilizar-se dos desenhos como forma de expressão dos sentimentos ao ambiente.

O percurso das transformações pelas quais passou e ainda passa a área central da cidade, colocou-nos diante de sentimentos que comunicavam um centro que foi, um centro que está sendo e um centro que vai ser. As imagens afetivas dos idosos muitas vezes retrataram ora a continuidade ora a ruptura entre um presente e um passado e um devir.

Percebemos que muitos dos idosos investigados resignificaram o Centro que vêem hoje a partir de suas identificações com o que vivenciaram nesse lugar em suas experiências anteriores.

Associamos as imagens de **destruição** e de **insegurança** às referências ao lugar do passado quando vinham acompanhadas por sentimentos despotencializadores como tristeza, mal-estar, decepção e insegurança. De outra forma, essas mesmas referências, quando associadas a sentimentos mais potencializadores como alegria, paz, amor, saudade, satisfação, foram vinculadas à imagem **pertinência a um lugar do passado**.

Os idosos ao expressarem sentimentos associados às imagens de **destruição** e de **insegurança** demonstraram um distanciamento afetivo relacionado ao centro atual.

A comparação freqüente nessas imagens entre o presente e o passado tentou de toda forma sobrepor com qualidades o centro que eles vivenciaram no passado ao centro que vivenciam no presente, na intenção de anular o lugar do presente, não o reconhecendo, ao ponto de reforçarem uma visão pessimista das estruturas e das dinâmicas desse espaço da cidade.

Já os idosos que expressaram sentimentos vinculados ao **pertencimento ao passado**, ficaram atrelados a um centro do presente resignificado-o afetivamente com o olhar no passado. Essa pertinência corresponde a um passado que atrai mais do que um presente. Isso não necessariamente porque o hoje represente e gere um sentimento de repugnância ou de insegurança ou de decadência, mas porque as identificações ao centro que se vincularam ao pertencimento ao passado manifestaram-se através de um lugar mais significativo de suas vivências.

Uma configuração afetiva semelhante (que potencializa os idosos investigados) foi encontrada nas imagens de **agradabilidade** e de **pertinência ao passado**. Quando os idosos se remeteram ao passado nessas imagens, não anularam o centro atual com críticas ou depreciações, tentavam resignificá-lo na aceitação de suas diferenças e das mudanças percebidas.

A agradabilidade veiculou sentimentos potencializadores como alegria, tranqüilidade, paz e que se remeteram às lembranças em uma comparação de um Centro que eles vêem com um lugar que carregam e que testemunham. Da mesma forma, a imagem de **contrastos** também se caracterizou por essas comparações entre o passado e um presente. Os sentimentos aí demonstrados revelam a ambigüidade entre essas duas temporalidades da área central.

Percebemos que representar e sentir o centro de hoje, fazendo-se pertencer às representações e sentimentos que o lugar de ontem suscitou nos idosos pode ser uma forma de ficar no passado e não no presente. O que difere essa forma de ficar no passado das imagens de destruição e de insegurança é que o caminho dado às lembranças da imagem de pertinência ao passado demonstra uma maior aceitação à configuração do centro atual, como se o mesmo fosse o legado desses idosos, o lugar onde eles se sentem importantes, na medida que sabem o que aconteceu ali, sabem sobre as construções e destruições sucessivas que resultaram no que se vê hoje.

Diferentemente da imagem caracterizada como a de pertinência ao passado, as lembranças associadas às imagens de destruição e de insegurança não suscitaram nos idosos o sentir-se importante como testemunha dos tempos do centro. Mas, empreenderam-lhes um sentimento de estranhamento, de desadaptação ou de não-aceitação às mudanças que o centro que hoje contemplam os revela. Remeter-se ao passado, nesse caso, constitui esvaziar-se do presente e sentir-se refém dele.

Percebemos que praças historicamente importantes nas relações afetivas com os fortalezenses como a Praça José de Alencar e a Praça Coração de Jesus foram indicadas pelos idosos como lugares que menos gostam atualmente. Isso pode demonstrar os resultados desses sentimentos que os desapropria de um espaço anteriormente próximo e familiar.

Podemos perguntar, mediante a presente análise, que lugares no centro de Fortaleza estão sendo hoje transformados em espaços alheios e desconectados com os sentimentos dos cidadãos nos processos de intervenção urbana?

Na imagem de insegurança, assim com nas de destruição, os idosos também associaram as referências ao passado com sentimentos mais despotencializadores principalmente como medo e insegurança. Os sentimentos associados a essa imagem demonstraram a perda de vínculos dos idosos com o centro da cidade, tanto nos aspectos simbólicos, quando na descontinuidade do tecido social, causado pela dispersão de vínculos sociais.

Além disso, a imagem de insegurança também fez-nos constatar ações de conformação resignada nas formas de andar das mulheres idosas e de resistência, enfrentamento ou de maior liberdade dos homens idosos. No presente estudo, com relação à essa imagem, estiveram passantes e caminantes no que foi denominado idosos que freqüentam.

Percebemos que as mulheres idosas têm intenções mais objetivas ao irem ao Centro: ou elas vão ao banco; ou elas vão às lojas. Em nenhum caso do estudo a mulher freqüentadora vai ao Centro para passear. Podemos dizer que ela é uma passante do Centro que conforma seu corpo a uma rigidez e a uma postura de defesa. Já a maior parte dos homens freqüentadores vão ao Centro para passear ou para, simplesmente sentarem em bancos de praças, a fim de verem as pessoas andando. Eles são mais

implicados no ambiente, mais livres e menos desconfiados. Podemos classificá-los como freqüentadores caminhantes.

Isso nos mostrou sentimentos de estranheza e de perda de referenciais no centro. A insegurança aí adveio pela perda de domínio e de familiaridade. De caminhantes, as idosas do estudo, tornaram-se passantes. Os homens idosos do estudo conseguem se sentir mais à vontade apesar da insegurança e do medo sentido.

É oportuno refletirmos quais são os espaços no Centro que propiciam as pessoas se sentirem passantes e caminhantes? Quais os espaços que se tornam lugares e levam os freqüentadores a sentirem-se implicados afetivamente na área central da cidade? Que fatores levaram o centro da cidade a maquinizarem os passos de seus freqüentadores? Essas são questões que servirão para posteriores reflexões sobre como os espaços da cidade podem definir a maneira como seus habitantes passam a se comunicar com o mesmo, sentindo-os próximos ou distanciados.

Nesse estudo, percebemos que os espaços não estão alheios à dimensão subjetiva, afetiva e às relações intersubjetivas das pessoas. Através da análise dos afetos nos idosos respondentes, observamos que os sentimentos dos idosos ao centro relacionaram-se às diferenciações pelas quais a área central de Fortaleza passou ou passa. São afetos que puxaram as lembranças de tempos, momentos e configurações sócio-físicas pelas quais o centro formulou-se e reformula-se. Em todas as imagens, os sentimentos advieram desse processo de enraizamento ou desenraizamento, ou seja, de continuidade ou de ruptura.

Assim, as remodelações na cidade quando se resumem às substituições de um espaço por outro ou de elementos simbólicos distantes daquilo que as pessoas sentem e investem ao longo do tempo, podem propiciar uma não identificação simbólica com o novo e uma dificuldade de reconhecimento do indivíduo.

No caso dos idosos do centro, a Coluna da Hora, a nova relação que se estabeleceu entre o novo monumento e o idoso foi caracterizada por essa resistência em significá-lo, expressada pelas excessivas comparações entre a antiga Coluna e a nova, que, apesar de apresentar uma semelhança enorme com a de alvenaria, o simples fato de ter sido construída de madeira e com contornos retangulares, não mais redondos

incomodou o idoso, que tentava buscar semelhança na tentativa de resignificação o novo monumento, em uma clara demonstração de resistência.

Percebemos certa perda de orientação e de referenciais no caso dos idosos do estudo, nas imagens de destruição ou de insegurança principalmente, o que pode ter sido ocasionado pela dispersão e desorganização das redes sociais, produzidas pelas reestruturações seqüenciadas das remodelações da área central de Fortaleza. Da mesma forma, também pelo não respeito e a não consideração de elementos de caráter simbólicos e afetivos advindos da relação das pessoas com o espaço do Centro, a partir de planos de remodelação urbana que conformaram o Centro da cidade de acordo com decisões políticas e mercadológicas.

Diante dessas análises, podemos inferir de que forma as intervenções urbanísticas do centro da cidade de Fortaleza podem ser realizadas, mediante o acréscimo de elementos de análise psicossocial. Compreendemos, nessa investigação, que as intervenções imprimem mudanças não somente estruturais, mas efetuam impactos subjetivos e afetivos. Esses impactos foram sentidos na população investigada.

Os idosos como atores urbanos podem fazer pontes entre presente e passado. Eles podem nos dizer como foram os resultados de intervenções passadas. Pudemos perceber no estudo que os processo das mudanças na cidade estendem-se muito além da perspectiva estrutural. As dimensões subjetivas desse processo proporcionam uma resposta da própria cidade a essas mudanças. A afetividade como ética, propiciou formas de comunicação dos idosos com essas intervenções, ora através de ações conformadas, ora em atos de não-aceitação da configuração estrutural do centro atual.

Propomos que quaisquer que sejam as intervenções, eles devem ser feitas no sentido de proporcionarem uma continuidade histórica e afetiva dos indivíduos. Assim, preparar a cidade para seus habitantes perpassa pela humanização dos espaços, no sentido de se compreender o ambiente como parte dos processos de construção da historicidade da coletividade.

Uma historicidade vivida pelo idoso no centro. De fato eles podem não possuir a força física e não serem incluídos na dinâmica funcional do centro de hoje, mas entendem que possuem o que os mais jovens desses dias não têm: as vivências de

tempos anteriores, tempos dos ícones transformados de hoje, tempo dos espaços do centro atual que antes tinham uma outra conformação, tempos em que as interações e as redes sociais tinham uma conotação diferente e outras características, tempo dos vários tempos que o centro teve, perpassando pelos burburinhos do Abrigo Central, pela singularidade da Coluna da Hora de alvenaria (não de madeira), pela conformação mais arborizada do centro, pela edificação do Fênix Caixerai, pela construção do Cine São Luís, pelos encontros acontecidos no Rotisserie e nos Cafés e outros inúmeros tempos que lhes despertam afetos mais positivos como alegria, saudade, amor, bem-estar, vida ou mesmo afetos menos otimistas como tristeza, insegurança e medo.

Preparar o centro de Fortaleza para as pessoas não é somente pensar na elaboração de modernos e mais ajustados projetos urbanísticos. É também colocar em pauta o que as pessoas pensam e como elas sentem acerca dessas propostas de mudanças. É saber identificar rupturas antes que elas se façam tão abruptamente. Não se trata do fato de somente implementar os projetos quando os cidadãos assim o quiserem. Isso seria inviável e utópico para as dinâmicas urbanas.

Colocamos, com efeito, em evidência que se a pessoa diz do ambiente e o ambiente diz da pessoa, os processos de intervenções são processos de mudanças também dentro dos indivíduos. Propomos formas prévias de se avaliar as possíveis intervenções, enfocando elementos psicossociais que possam contribuir para uma apropriação de espaço a priori e a posteriori e contribuir preventivamente para uma melhor qualidade de vida na cidade.

5 REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. J. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B. (org.). **Psicologia sócio-histórica (uma perspectiva crítica em Psicologia)**. São Paulo: Cortez, 2001.

ALMEIDA, L. S.; FREIRE, T. **Metodologia da investigação em psicologia e educação**. Coimbra: APPORT, 1997.

ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 77, p. 53-61, 1991.

AMÉRIGO, María **Satisfacción residencial, un análisis psicológico de la vivienda y su entorno**. Madrid: Alianza Universidad, 1995.

ARAGONÉS, J. I.; AMERIGO, M.; SUKHWANI, S. Las influencias del diseño de la vivienda en la conducta. Un estudio de viviendas adjudicadas. In: **Memória de Investigação**. Madrid: Universidade Complutense, 1992.

AZEVEDO, O. **Fortaleza descalça**. Fortaleza: UFC, 1992

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BARREIRA, I. A. **A cidade no fluxo do tempo: invenção do passado e patrimônio**. Sociologias, Porto Alegre, ano 5, n°9, Jan/Jun 2003, p. 314-339

BOCK, A. M. B. (org.). **Psicologia sócio-histórica (uma perspectiva crítica em psicologia)**. São Paulo: Cortês, 2001.

BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e afetividade**: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. 2003. número de folhas. Ex.: 100 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica – PUC. São Paulo, 2003.

BOSI, E. **Memória e sociedade – lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Tempo vivo da memória** – ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2004.

CAPASSO, M. M. **Fluxos, formas e funções no Centro tradicional de Fortaleza**. 2004.. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004.

CARLOS, A. F **A cidade**. São Paulo: Geografia Contexto, 1992.

CARTAXO, J. **Cidade fatual**. Fortaleza: Imprensa Universitária - UFC, 2000.

CASAS, F **Bienestar social**: introducción psicosociológica, Barcelona: PPU, 1996.

CASTORIADIS, C. A **Instituição Imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

CEARÁ. Secretaria da Fazenda do Estado. **Relatório anual**. Fortaleza, 2002.

CIAMPA, A. C. **Estória do Severino e história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COHEN, T. A metáfora e o cultivo da intimidade. In: SACKS, S. **Da metáfora**. São Paulo: EDUC, 1992.

CHOMBART DE LAUWE, P.H. A Organização Social no meio urbano. In: VELHO, O.G. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979

CORRALIZA, R. J. A. **Vida urbana y experiência social: variedad, cohesión y médio ambiente**. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid – Departamento de Psicología Social y Metodología. 2000. Disponível em: <<http://habitat.aq.upm.es/boletin/n15/ajcor.html>>. Acesso em 28 out. 2004

CRUZ, L. L. S. **Apostila de estatística utilizada em cursos de especialização**. Fortaleza: UECE. 2004.

CUADRAS, C. M.; ECHEVERRÍA, B.; MATEO, J.; SÁNCHEZ, P. **Fundamentos de estadística: aplicaciones a las ciencias humanas**. Barcelona: EUB, 1996.

DEBERT, G. G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, N. (org.). **Aventura antropológica – teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 141-156.

DUCHIADE, M. P. População brasileira: um retrato em movimento. In: OS MUITOS Brasis – saúde e população na década de 80. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1995. p. 14-56.

ESPINOSA, B. **Ética demonstrada segun el orden geométrico**. México: Fundo de Cultura Econômica, 1996

FERNANDES, R. **Transformações espaciais e ambientais da área central de Fortaleza: uma análise de sua perspectiva de renovação urbana**. 2004. NÚMERO DE FOLHAS. Dissertação (Programa de Pós-graduação de Desenvolvimento e Meio-Ambiente) – Universidade Federal do Ceará, PRODEMA. Fortaleza, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

GIRÃO, R. **Fortaleza e a crônica histórica**. Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC, 1997.

GÓIS, C. W. L. **Noções de psicologia comunitária**. Fortaleza: Viver/Edições UFC, 1993.

GONÇALVES, M. G. A Psicologia como ciência do Sujeito e da Subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, A. M. B. (org.). **Psicologia sócio-histórica (uma perspectiva crítica em psicologia)**. São Paulo: Cortês, 2001.

GONZÁLEZ, A.; AMERIGO, M. **Actitudes ambientales y comportamiento ecológico**. Barcelona: Departamento de Psicología Social de la Universidad de Barcelona, 1996.

GUNTHER, G.Nome; PINHEIRO, J.Nome; GUZZO, G.Nome. **Psicologia ambiental – entendendo as relações do homem com seu ambiente**. São Paulo: Alínea, 2004.

HABWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HARVEY, D. Espaços urbanos na aldeia global: reflexões sobre a condição urbana no capitalismo no final do século XX. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Minas Geris, PUC, 4 (Maio), 1996.

HELLER, A. **Teoría de los sentimientos**. 3. ed. Madrid: Editorial Fontamara, 1979.

HOLANDA, F. Brasília, a inversão das prioridades urbanísticas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 6., 1995, Brasília. **Anais...** Brasília, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Relatório populacional**, 2002

JUCÁ, G. N. M. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

KOROSEC, S. P. **L' Appropriation de l'espace**. IAPC – 3 Strasbourg- Louvain la Neuve, CIACO, 1986

LANE, S. T. M. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: **NOVAS veredas da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1994

_____. A dialética da subjetividade *versus* objetividade. In: FURTADO, O.; GONZALEZ REY, F. L. (org.). **Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LANE, S. T. M.; CODO, W. (org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LEITE, M. E. **Revitalização do Centro histórico de Fortaleza**. 1989. Monografia (Especialização ou Trabalho de Conclusão de Curso de Arquitetura - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1989.

LIKERT, R. **A Organização humana**. São Paulo: Atlas, 1975.

LYNCH, K. **La ciudad como médio ambiente** . Madrid: Alianza, 1965

_____. **La imagen de la ciudad**. Barcelona: Editorial Gustavo Gil, 1998.

- MANCE, E. A. A conversibilidade dos signos em capital e poder político. **Revista Virtual Lúmen**, v. 2, n. 4, p. 75-135, jun. 1996. Disponível em: <<http://www.milenio.com.br/mance>>. Acesso em: 04 ago. 2004.
- MILGRAM, S. The experience of living in cities. **Science**, v. 167, p. 1461-1468, 1970.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco, 1998.
- MOREIRA, M. M. S. **Saúde e qualidade de vida na terceira idade: um estudo dos aspectos biopsicossociais e dos programas destinados a este segmento da população brasileira**. 2000.. Monografia (Especialização em Serviço Social e Saúde) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000.
- MORENO, E e POL, E. Apropriación, Simbolismo Del Espacio e Identidad Social. In: **Nociones Psicosociales para la Intervención y la Gestión Ambiental**. Barcelona: Monografías Sócio/Ambientais, 1999
- MOSER, G. Psicologia ambiental. **Estudos de Psicologia**, v. 3, n. 1, p. 121-130, 1998.
- MUMFORD, L. **Historia natural de la urbanización**. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid – Departamento de Psicología Social y Metodología. 1956. Disponível em: <<http://habitat.aq.upm.es/boletin/n21/almum.html>>. Acesso em: 28 out. 2004
- NATIONS, M. K.; MONTE, C. I am not dog no!: Popular resistance against cholera control campaigns. **Social Science and Medicine**, 1996.
- PINHEIRO, J. Q. Psicologia ambiental: a busca de um ambiente melhor. **Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 377-398, 1997.
- POL, E. El concepto de identidad social urbana: una aproximación entre la Psicología Social y la Psicología Ambiental. In: ANUARIO DE PSICOLOGÍA, Barcelona, 1994. 6-2.
- _____. La apropiación del espacio. **Revista Família y Sociedad**, p. 233-249, 1992.
- _____. **Proyecto: Ciudad, Identidad y Sostenibilidad**. Barcelona: Departamento de Psicología Social de la Universidad de Barcelona, 1996.
- POL, E.; ÍGNEZ, L. La transformación del medio ambiente urbano. Análisis desde la psicología ambiental y social. In: CONGRESO INTERAMERICANO DE PSICOLOGÍA, 24., 4-9 jul. 1993, Santiago de Chile. **Anais...** Santiago de Chile, 1993.
- POL, E; VALERA, S.; VIDAL, T. Psicología Ambiental e processos psicosociales. In: **MORALES, J. F. Psicología Social**. Madrid: McGraw – Hill, 1999. 317-334.
- PROSHANSKY, H. M., FABIAN, P; KAMINOFF, L.. Place-Identity: physical world socialization of the self. **Journal of Environmental Psychology**, v. 3, p. 57-83, 1983.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.
- RODRIGUES, P. C. **Bioestatística**. 3. ed. Niterói: EDUFF, 2001.

SAAD, P. M. **Introdução o idoso na Grande São Paulo**. São Paulo: Coleção Realista Paulista, 1990.

SAWAIA, B. B. A afetividade como fenômeno ético-político e locus da reflexão crítico-epistemológica da psicologia social. **International Journal of Critical Psychology**, 2002. (no prelo).

_____. O calor do lugar, segregação urbana e identidade. **São Paulo em Perspectiva: questões urbanas, os sentidos das mudanças**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 20-24, abr./jun. 1995.

_____. **O sofrimento ético-político**. São Paulo: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), 1999. Se for revista, então fica em negrito, senão fica o título.

_____. **Por que investigo a afetividade**. São Paulo: PUC/SP, 2000.0 (Texto apresentado para concurso de promoção na carreira para a categoria de Professor Titular do Departamento de Sociologia da PUCSP).

SCHICCHI, M. C. A arquitetura e os idosos: considerações para a elaboração de projetos. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 11, n. 19, abr. 2000.

SILVA, J. B. **Nas trilhas da cidade**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e do Desporto do Estado do Ceará, 2001. (Outras Histórias; v. 3).

_____. Vivendo a cidade: o caso de Fortaleza. In: VASCONCELOS, J. G.; ADAD, S. J. H. C. (org.). **Coisas de cidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2005. p. 37-50.

SILVA FILHO, A. L.M. **A cidade e o Patrimônio Histórico**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2003

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Octávio Guilherme (org). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Editores Zahar, 1976

SOUSA, s.; RODRIGUES, M.; G. **Planejamento urbano e ativismos sociais**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

TAJFEL, H. **Grupos humanos y categorías sociales**. Barcelona: Herder, 1981.

TASSARA, S.; RABINOVICH, T.. Perspectivas da psicologia ambiental. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 339-340, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1990.

TUAN, YI-FU. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TURATO, E. R. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. São Paulo: Vozes, 2003.

UCHÔA, E.; VIDAL, J. M. Antropologia médica: elementos conceituais e metodológicos para uma abordagem da saúde e da doença. **Caderno de Saúde Pública**, v. 10, n. 4, p. 497-504, out./dez. 1994.

VALENTE-PEREIRA, L. **Rehabilitar o urbano ou como restituir a cidade à estima pública**. Taubaté: UNITAU-GEIC, 1991.

VALERA, S. Psicología ambiental: bases teóricas y epistemológicas. **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona, 1996. p. 1-14. (Psico-socio Monografies Ambientals; n 9).

VAZQUEZ-SIXTO, F. **Recursos i instruments per a la planificació i la intervenció. aproximació a la recerca psicosocial**. Barcelona: Máster en Intervenció Ambiental, 2000/2001.

VERAS, R. P. **País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume/ Dumará/UERJ, 1994.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VISCOTT, D. **A Linguagem dos sentimentos**. São Paulo: Summus, 1982.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO – IDOSO QUE MORA

1 - Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Desenhe abaixo sua forma de ver, representar ou sentir o Centro de Fortaleza (ou descreva algo que você poderia desenhar nesse sentido).

2 – As seguintes perguntas fazem referência ao desenho feito por você. Aqui somente buscam-se respostas relacionadas com suas opiniões e impressões.

2.1- Explique o significado, aquilo que o desenho ou os elementos indicados querem dizer para você:



2.2- Descreva que sentimentos o desenho ou os elementos indicados lhe desperta:

2.3- Escreva 6 palavras que resumam seus sentimentos em relação ao desenho ou aos elementos indicados:

1 _____
 4 _____
 2 _____

 3 _____
 6 _____

5

3- Caso alguém lhe perguntasse o que pensa sobre o Centro de Fortaleza, o que você diria?

4 – Se você tivesse que fazer uma comparação entre o Centro com algo, com que você o compararia?

5. Caso você tivesse de colocar uma nota (de 0 a 10), que nota você colocaria em relação ao Centro?

- Eu me sinto identificado com o Centro como ele era no passado.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- O Centro é lugar de segurança, mas também de insegurança.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Gosto de ficar nas ruas do Centro.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Sinto medo e insegurança no Centro
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- O Centro é digno da pessoa passear
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- O Centro traz- sentimentos de coisas que já passaram
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Não me sinto bem no Centro
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- O Cento é o coração da cidade, mas está se desfazendo
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Sinto medo e insegurança no Centro
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- O Centro é um lazer agradável
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- É um lugar onde me sinto melhor, mas tenho medo
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- O Centro hoje é aparência; antes era vida
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- No Centro há deficiência, apesar de ser um lugar de bem-estar
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- O Centro é um lugar de convivência e amizade
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Tenho desejo de paz no Centro
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- A volta no tempo traria nova vida ao Centro
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

5.1 – Descreva dois caminhos que você percorre mais frequentemente no centro da cidade: Um que você mais gosta de percorrer e outro que você menos gosta. (utilize nomes de ruas, lugares de origem e de destino, elementos característicos que chamem a sua atenção durante o trajeto e que os permitem identificar. Indique também para que faz esses caminhos.)

Caminho 1

Caminho 2

6 – Qual o lugar que você mais gosta no Centro e o lugar que você menos gosta? Por quê?

7 - Qual a frequência que você costuma ir às ruas do centro? _____

8 – Com que objetivo você vai às ruas do centro? _____

9 - Você pertence a algum grupo? Não () Sim () Poderia indicar que grupo?

10 - Você tem participado de alguma ação social, reivindicativa ou solidária?

Não () Sim () Poderia indicar que tipo de ação se trata?

Dados sócio-econômicos:

1- Qual o seu nível de escolaridade:

- () sem estudos () ensino médio incompleto
 () ensino fundamental incompleto () ensino médio completo
 () ensino fundamental completo () curso universitário

2 - Sexo: () feminino () masculino

3 - Idade: _____

4 - Você trabalha? () Sim () Não.

4.1-Caso sim, em quê? _____

5 – Quanto tempo você mora no Centro? _____

6 – Você deseja se mudar do Centro e ir para outro bairro em Fortaleza? _____

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO – IDOSO QUE FREQUENTA

1 - Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Desenhe abaixo sua forma de ver, representar ou sentir o Centro de Fortaleza (ou descreva algo que você poderia desenhar nesse sentido).

2 – As seguintes perguntas fazem referência ao desenho feito por você. Aqui somente buscam-se respostas relacionadas com suas opiniões e impressões.

2.1- Explique o significado, aquilo que o desenho ou os elementos indicados querem dizer para você:

2.2- Descreva que sentimentos o desenho ou os elementos indicados lhe desperta:

2.3- Escreva 6 palavras que resumam seus sentimentos em relação ao desenho ou aos elementos indicados:

1 _____

4 _____

2 _____

5

3 _____

6 _____

3- Caso alguém lhe perguntasse o que pensa sobre o Centro de Fortaleza, o que você diria?

4 – Se você tivesse que fazer uma comparação entre o Centro com algo, com que você o compararia?

5. Caso você tivesse de colocar uma nota (de 0 a 10), que nota você colocaria em relação ao Centro?

- Eu me sinto identificado com o Centro como ele era no passado.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- O Centro é lugar de segurança, mas também de insegurança.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Gosto de ficar nas ruas do Centro.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Sinto medo e insegurança no Centro
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- O Centro é digno da pessoa passear
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- O Centro traz- sentimentos de coisas que já passaram
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Não me sinto bem no Centro
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- O Centro é o coração da cidade, mas está se desfazendo
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Sinto medo e insegurança no Centro
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- O Centro é um lazer agradável
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- É um lugar onde me sinto melhor, mas tenho medo
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- O Centro hoje é aparência; antes era vida
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- No Centro há deficiência, apesar de ser um lugar de bem-estar
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- O Centro é um lugar de convivência e amizade
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Tenho desejo de paz no Centro
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- A volta no tempo traria nova vida ao Centro

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

5.1 – Descreva dois caminhos que você percorre mais frequentemente no centro da cidade: Um que você mais gosta de percorrer e outro que você menos gosta. (utilize nomes de ruas, lugares de origem e de destino, elementos característicos que chamem a sua atenção durante o trajeto e que os permitem identificar. Indique também para que faz esses caminhos.)

Caminho 1	
Caminho 2	

6 – Qual o lugar que você mais gosta no Centro e o lugar que você menos gosta? Por quê?

7 - Qual a frequência que você costuma vir ao Centro? _____

8 - Por que você vem ao centro da Cidade? _____

9 - Você pertence a algum grupo?

Não () Sim () Poderia indicar que grupo é?

10 - Você tem participado de alguma ação social, reivindicativa ou solidária?

Não () Sim () Poderia indicar que tipo de ação se trata? _____

Dados sócio-econômicos:

1- Qual o seu nível de escolaridade:

() sem estudos () ensino médio incompleto
 () ensino fundamental incompleto () ensino médio completo
 () ensino fundamental completo () curso universitário

2 - Sexo: () feminino () masculino

3 - Idade: _____

4 - Você trabalha? () Sim () Não.

4.1-Caso sim, em quê? _____

5 - Em que bairro de Fortaleza você mora? _____

APÊNDICE C – QUADRO DE IMAGENS E METÁFORAS: **Idosos que moram**

IDOSOS QUE MORAM - IMAGENS COM RESPECTIVAS METÁFORAS

Suj.	Contrastes 5	Pertinência ao passado 4	Agradabilidade 5	Insegurança 3	Destruição 13
1					Centro “favela”
2				Centro “casa abandonada e desprezada”	
3	Centro “confusão”				
4				Centro “mãe abandonada”	
5	Centro “praça desorganizada”				
6	Centro “comércio”				
7		Centro “clube”			
8			Centro “Parque de Lazer”		
9					Centro “cidade em ruínas”
10					Centro “Praça abandonada”
11					Centro “favela do Barroso II”
12	Centro “Família”				
13					Centro “Cemitério”
14				Centro “cidade abandonada”	
15					Centro “cadeia”
16		Centro “comércio de Juazeiro”			
17					Centro “mercado mal administrado”
18					Centro “restaurante de pobre”
19			Centro “casa ampliada”		
20					Centro “Imagem ruim”
21					Centro “rua abandonada”
22			Centro “praia”		
23			Centro “casa em que se fica à vontade”		
24	Centro “Shopping grande”				
25					Centro “distrito bonito do Sertão”
26					Centro “subúrbio”
27			Centro “ambiente de compras”		
28					Centro “Lugar vazio”
29		Centro “lugar do passado”			
30		Centro “Praça movimentada”			

APÊNDICE D – QUADRO DE IMAGENS E METÁFORAS: **Idosos que frequentam**

IDOSOS QUE FREQUENTAM – IMAGENS COM RESPECTIVAS METÁFORAS

Suj.	Contrastes	Pertinência ao passado	Agradabilidade	Insegurança	Destruição
1	Centro “lugar que afasta”				
2		Centro “Parque de diversões”			
3					Centro “Formigueiro agitado”
4				Centro “centro comercial de negócios”	
5				Centro “Bairro perigoso”	
6	Centro “Cemitério/ponto de encontro”				
7	Centro “Parque do Carmo em São Paulo”				
8		Centro “referência de uma Capital”			
9					Centro “Feira bagunçada”
10			Centro “própria casa”		
11		Centro “cidade grande”			
12		Centro “estado de muito movimento”			
13		Centro “moradores mal-educados”			
14					Centro “cadeia pública”
15			Centro “Parque de diversão”		
16				Centro “local de encontro”	
17		Centro “feira persa/cemitério”			
18					Centro “Fortaleza há 50 anos”
19					Centro “Praça em decadência”
20					Centro “casa desorganizada”
21					Centro “coisa de pouco valor”
22			Centro “varanda”		
23				Centro “lugar de encontro”	
24		Centro “centro de			

		intelectuais”			
25					Centro “tapera velha”
26			Centro “própria casa”		
27				Centro “lugar abandonado”	
28	Centro “área em decadência”				
29	Centro “lugar desorganizado”				
30		Centro “modernidade”			

APÊNDICE E – MAPAS AFETIVOS DOS IDOSOS DO ESTUDO

1. DESTRUIÇÃO – IDOSOS QUE MORAM

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 1 Tempo de moradia: 24 anos Freq. às ruas do Centro: semanalmente Motivo da freq: Fazer compras Sexo: M Idade: 65 anos	Descrição do desenho: Um trator que estivesse passando por todo o Centro, destruindo tudo para construir um outro Centro, agora todo certo. Metafórico descritivo	O Centro é pior do que uma cidade do Sertão “brabo”.	Tem muita desorganização e tumulto. Não tem coisas boas. O centro é um fracasso.	Tristeza, abandono, mal-estar, decepção, perda, sentimento de estranheza.	Uma favela	Centro “favela” é aquele em que se encontra destruído pela excessiva desorganização e tumulto, manifestando um lugar de fracasso, que causa decepção e sentimento de estranheza.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 9 Tempo de moradia: 74 anos Freq. às ruas do Centro: mensal Motivo da freq: Banco (receber dinheiro) Sexo: F Idade: 74 anos	Descrição do desenho: São Luiz e o Cine Diogo Cognitivo descritivo	Desvalorização da pessoa humana	O Centro é uma tristeza	Impotência, desvalorização, desorientação.	Cidade em ruínas	Centro “cidade em ruínas” é aquele em que a destruição é sentida ao se perceber que é um lugar que desorienta e desvaloriza a pessoa humana, tornando o cidadão impotente frente à mudança.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 10 Tempo de moradia: 33 anos Freq. às ruas semanal Motivo da freq: comércio Sexo: F Idade: 71 an.	Descrição do desenho: Cidade antiga e os prédios antigos Cognitivo descritivo	Praça bonita e mal cuidada. Está caído, abandonado.	Tristeza de estar vendo o Centro cair, decadência, descuido.	Abandono, tristeza, saudade, decepção.	Praça abandonada	Centro “Praça abandonada” é aquele em que a destruição é manifestada pela percepção de um Centro em decadência, que está caído e abandonado, levando a sentimentos de tristeza, decepção e saudade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 11 Tempo de moradia: 25 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da freq: Lazer e compras Sexo: F Idade: 61 an.	Descrição do desenho: A Igreja Matriz (do Patrocínio), a falta de limpeza em torno e a sujeira. Desenharia a sujeira em frente ao teatro José de Alencar que é nosso Patrimônio histórico. Cognitivo descritivo	Falta de uma boa administração municipal. Limpeza é uma coisa mais bela que existe	É uma coisa muito boa, mas está faltando organização.	Tristeza por causa da sujeira, descuido.	Favela do Barroso II	Centro “favela do Barroso II” é aquele em que a destruição se manifesta pela falta de organização, sujeira e descuido, resultando em sentimento de tristeza.

Identif.	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 13 Tempo de moradia: 20 anos Freq. às ruas do Centro: mensal Motivo da freq: Receber dinheiro (banco) Sexo: M Idade: 76 an.	Descrição do desenho: Árvores derrubadas, árvores grandes, pássaros voando, expressando a vida. Metafórico descritivo	No Centro não tem mais o que tinha e não tem mais o que se vê. O Centro que conheci foi outro. O Centro foi tudo na minha vida, mas não é mais.	Tudo acabado, decadência. Hoje não tem nada. Conheci um Centro buliçoso. Era ponto de encontro. O Centro não tem mais vida.	Desgosto em ver que o Centro mudou. Sensação de ser velho.	Cemitério	Centro “Cemitério” é aquele em que sua destruição se expressa em um centro que hoje não tem mais nada, onde está tudo acabado, em decadência, não tendo mais vida, e que deixou de ser um centro buliçoso e de ponto de encontro, levando ao sentimento de desgosto pelas mudanças, propiciando a sensação de ser velho.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 15	Descrição	Acabaram	Passado que	Saudade,	Cadeia	Centro “cadeia” é

Tempo de moradia: 32 anos Freq. às ruas do Centro: mensal Motivo da freq: Pagamento, comércio. Sexo: M Idade: 72 an	do desenho: Desenharia a Fortaleza que era; a coluna da hora e o abrigo central. Cognitivo descritivo	com tudo e não volta mais o tempo que era.	não volta mais. Entregue às baratas. Só tem marginal.	medo, insegurança	(porque só tem marginal)	aquele em que a imagem da destruição é expressa por um lugar onde as características de uma Fortaleza do passado açabaram, estando entregue às baratas, sendo lugar de marginal, o que desencadeia sentimentos de saudade, medo e de insegurança pelo que se percebe hoje.
---	--	--	---	-------------------	--------------------------	---

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 17 Tempo de moradia: 13 anos Freq. às ruas do Centro: semanal Motivo da freq: pagamento Sexo: F Idade: 68 anos	Descrição do desenho: Um Centro sujo com pessoas drogadas Metafórico descritivo	Não está sendo cuidado. Esperaria que o Centro fosse zelado com prédios públicos cuidados.	Falta de respeito; falta de organização; descaso; falta de atenção; um lixo.	Desprezo, tristeza, desatenção.	Mercado mal administrado	Centro “mercado mal administrado” é aquele em que a destruição leva em referência um centro que não está sendo cuidado, onde há falta de respeito e de organização, como um lixo, gerando sentimentos de desprezo, tristeza e desatenção.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 18 Temp. mor. : 23 anos Freq. às ruas do Centro: mensal Motivo da freq: Banco(receber dinheiro) Sexo: F Idade: 76 an.	Descrição do desenho: Desenharia muitos automóveis e carros com som alto. Metaf. descritivo	Coisa ruim, que angustia. È um lugar onde tem muita gente.	Incômodo, desorganização, bagunça, tumultuado	Angústia.	Restaurant e de pobre	Centro “restaurante de pobre” é aquele em que a destruição é sentida em um centro que é visto como um lugar que angustia e que tem muita gente, sendo incômodo, desorganizado e com bagunça, gerando sentimentos de angústia e sensação de tumultuado.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 20 Tempo de moradia: 45 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da	Descrição do desenho: Desenharia árvores, arborizaria o que pudesse, não desenharia	Relembração do tempo há 40 e 50 anos. Antes não tinha o Sol que tem hoje, parecia uma	Precisando melhorar, Não é mais calmo, há descuido.	Tristeza, intranquilidade, abandono.	Imagem ruim	Centro “Imagem ruim” é aquele em que a imagem de destruição é expressa a partir das diferenças naturais, como a arborização e a luminosidade, de um centro de 40 a 50 anos

freq: Passear e conversar Sexo: M Idade: 61 an.	as fachadas de zinco, desenharia as lojas Leblon, a armazém São Paulo, armazém vitória, armazém Fortaleza. Cognitivo descritivo	selva com árvores.				atrás com relação ao centro atual, o qual se considera que não é mais calmo, onde há descuido e que precisa melhorar, revelando sentimentos de tristeza, intranquilidade e de abandono.
---	--	--------------------	--	--	--	---

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 21 Tempo de moradia: 10 anos Freq. às ruas do Centro: mensal Motivo da freq: Banco (receber dinheiro) Sexo: F Idade: 66 an.	Descrição do desenho: Um lugar com muito trânsito, ruas estreitas, com muita sujeira e muitos carros. Metafórico descritivo	Desorganização, não oferece condições de andar, não tem lugares de lazer.	Pouco bem-estar. Não é bonito. Pouco cuidado. Não dão muita importância ao Centro. É ignorado.	Desprezo, abandono.	Rua abandonada	Centro “rua abandonada” é aquele em que a imagem de destruição se expressa através da desorganização, da falta de condições para andar e ausência de lugares de lazer, sendo um ambiente pouco cuidado e ignorado, levando a sentimentos de desprezo e de abandono e pouco bem-estar.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 25 Tempo de moradia: 58 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da freq: passear Sexo: M Idade: 82 an.	Descrição do desenho: A coluna da hora e o Rotisserie Cognitivo descritivo	A vida de Fortaleza foi na Praça do Ferreira.	O Centro já foi o Centro, foi tão lindo, tão gostoso, agora é o que é. O presente não dá para nós. Nossas conversas são só relembrando o passado. Não fica ninguém à noite, não fica nada, você não vê nada.	Tristeza, desprezo, Saudade	Distrito bonito que existe no Sertão.	Centro “distrito bonito do Sertão” é aquele em que a destruição se expressa por um lugar onde a vida de Fortaleza se encontrava, um centro que foi lindo e gostoso de estar, mas que agora o presente não mais tem o mesmo significado e o passado é sempre relembrado, gerando sentimentos de saudade, tristeza e desprezo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 26 Tempo de moradia: 30 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da freq: passear Sexo: M Idade: 65 anos	Relógio antigo da Praça do Ferreira que era de pedra de mármore. Cognitivo descritivo	Coisas belas que tinham antigamente, substituídas por coisas não tão belas. Se pudesse, voltaria ao passado. Tudo funcionava no Centro.	O Centro está completamente abandonado.	Saudade, tristeza.	Subúrbio	Centro “subúrbio” é aquele em que a destruição se expressa através de um centro, onde tudo funcionava, mas que está completamente abandonado, com a beleza antiga substituída por coisas não tão belas, o que provoca sentimentos de saudade e de tristeza.

Identif.	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 28 Tempo de moradia: 16 anos Freq. às ruas: semanal Motivo da freq: conversar Sexo: M Idade: 78 anos	Descrição do desenho: Praça do Ferreira antiga e o abrigo central Cognitivo descritivo	Lembranças da beleza. Hoje tem outro movimento, está acabado e diferente.	O Centro hoje está acabado, não tem nada.	Saudade, decepção, desilusão.	Lugar vazio	Centro “Lugar vazio” é aquele em que a destruição é sentida quando se percebe um Centro atual acabado e diferente, com outro movimento, diferente de antes e que leva a lembranças de um ambiente com estruturas do passado como a Praça do Ferreira antiga e o Abrigo Central, constituindo um lugar que tinha beleza, o que gera sentimentos de saudade, decepção e desilusão.

1.1 DESTRUIÇÃO – IDOSOS QUE FREQUENTAM

Ident.	Estrutura	Signif.	Qualidade	Sentim.	Metáfora	Sentido
Nº03 Bairro:	Metafórico	Bagunça, caos que	Lugar muito movimentado	Confusão irritação,	Formigueiro	Centro “Formigueiro agitado” é aquele em que a destruição se

Jardim América Freq. Centro: semanal Motivo da freq: compras Sexo: M Idade: 63	se verifica no Centro de Fortaleza.	porque se transformou em área comercial. Poluição sonora e visual. Muito perigoso com relação a assaltos. Desordem e falta de higiene.	desrespeito, insegurança e desamor.	agitado	expressa na primazia que se deu à área comercial, que tornou o centro muito movimentado, perigoso, com poluição sonora e visual, associando-se a um lugar de confusão e irritação, o que provoca sentimentos de desrespeito, insegurança e desamor.
--	-------------------------------------	--	-------------------------------------	---------	---

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 09 Bairro: Presidente Kennedy Freq. Centro: mensal Motivo da freq: Compras, médico. Sexo: F Idade: 63 an.	Descrição do desenho: Um Centro cheio de árvores como no passado, mas não cheio de barracas. Hoje é bagunçado. Metafórico descritivo	O Centro que já passou, o outro Centro de 30 anos atrás.	Não tinha a multidão de gente. Hoje é só comércio. Era um centro mais bonito.	Tristeza, saudade, insegurança	Feira bagunçada.	Centro “Feira bagunçada” é aquele em que a destruição é expressa na comparação de um Centro antigo que era bonito em contraponto a um Centro atual que é bagunçado, com multidão e essencialmente comercial, provocando sentimentos de saudade, tristeza e insegurança.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 14 Bairro: Fátima Freq. Centro: semanal Motivo da freq: negócios Sexo: F Idade: 63 anos	Descrição do desenho: Desenharia um lugar nada agradável, meninos engraxando e drogas. Metafórico descritivo	Lugar nada agradável. Não vejo nada de bonito no Centro.	É um ambiente de corrupção, tem tudo o que não presta.	Medo e desprazer	Cadeia pública. (sente-se preso)	Centro “cadeia pública” é aquele em que a destruição é expressa por um lugar nada agradável, onde não se vê nada de bonito, sentindo-se preso, pelo medo e desprazer que provoca.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualid.	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 18 Bairro: Fátima Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: conversar Sexo: M Idade: 78 ans	Descrição do desenho: Coluna da hora antiga, que hoje não é original. Cognitivo descritivo	Passado, tempo da adolescência Hotéis que fecharam, Juventude.	Está abandonado.	Saudade, abandono.	Fortaleza há 50 anos	Centro “Fortaleza há 50 anos” é aquele em que a destruição é expressa por um Centro que remete o cidadão ao passado, mas que hoje está abandonado e não apresenta a mesma dinâmica e funcionalidade das instituições que tinha naquele tempo, ocasionando sentimentos de saudade e de abandono no Centro atual.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 19 Bairro: Barra do Ceará Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: Passar o tempo Sexo: M Idade: 71 anos	Descrição do desenho: Cine São Luiz	Um tempo passado. O presente não tem mais tanta significação .	O Centro já passou aquele encanto.	Saudade e pouco bem-estar	Praça em decadência	Centro “Praça em decadência” é aquele em que a imagem de destruição traduz-se pela perda de significado e de encantamento do centro atual, causando saudade do lugar do passado e pouco bem-estar como lugar do presente.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 20 Bairro: Messejana Freq. Centro: semanal Motivo da freq: Passear, compras. Sexo: F Idade: 66 anos	Descrição do desenho: Sairia fazendo algo confuso. Um céu emaranhado. No final, ficaria pessoas que vão e que vem. Pessoas que passam como pedras, que passam sem nem olhar. Metafórico descritivo	Falta de habilidade em organizar.	Agitação, descaso, falta de amor à casa.	Tristeza, desprezo, medo e insegurança.	Uma casa desorganizada.	Centro “casa desorganizada” é aquele em que a destruição está associada à desorganização, ao descaso e a agitação do centro, causando sentimentos de tristeza, desprezo e medo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 21 Bairro: Novo Mondubim Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: passear Sexo: M Idade: 88 anos	Descrição do desenho: Desenharia menos coisas que acontecem na praça; praças mais respeitadas e atividades nas praças. Metafórico	Falta de respeito. Não tem o espaço residencial que tinha antigamente .	Sujo, degenerado, cheio de carro.	Tristeza, emoção, perturbação.	Uma coisa de muito valor	Centro “coisa de pouco valor” é aquele em que o sentido da destruição se expressa pela sujeira, degeneração e acúmulo de veículos e perda do espaço residencial, suscitando sentimentos de tristeza e de perturbação.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 25 Bairro: Álvaro Weine Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: passear Sexo: M Idade: 70 anos	Descrição do desenho: Desenharia a Praça do Ferreira como era; o Abrigo Central; Benjamins e a Coluna da hora de cimento. Cognitivo descritivo	Era uma Fortaleza diferente. As pessoas conversavam, tinha humanidade.	Decadência, ilusão de Centro.	Tristeza, decepção, saudade.	Tapera velha	Centro “tapera velha” é aquele em que a imagem de destruição é expressa ao se comparar um centro do passado, características de uma Fortaleza diferente, como a Praça do Ferreira antiga, o Abrigo Central e a Coluna da Hora de cimento, quando as pessoas tinham mais humanidade, em detrimento de um centro que hoje se vê a decadência e que provoca a ilusão do centro que era, causando sentimentos de saudade, tristeza e decepção.

2. PERTINÊNCIA AO PASSADO – IDOSOS QUE MORAM

Identif.	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 7 Tempo de moradia: 47 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da freq: Passear, caminhar Sexo: M Idade: 60 anos.	Descrição do desenho: A coluna da hora antiga, que era bonita, feita de alvenaria, diferente dessa de madeira e também o abrigo central que tinha muitas merendas e onde todos se encontravam para merendar e conversar. Cognitivo Des.	Início de Fortaleza e a própria cidade	Agradável, tranqüilidade, É um lugar digno de morar.	Amor, segurança, agradabilidade, comodidade despreocupação.	Com um clube	Centro “clube” traz uma imagem de pertinência ao passado que descreve símbolos de Fortaleza antiga representativos do início da cidade, como a Coluna da Hora Antiga (feita de alvenaria) e o Abrigo Central, revelando sentimentos de despreocupação, comodidade, segurança, tranqüilidade e Agradabilidade

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 16 Tempo de moradia: 64 anos Freq. às ruas do Centro: semanal Motivo da freq: passear Sexo: F Idade: 79 an.	Descrição do desenho: Desenharia avenidas largas, com árvores frutíferas, carros só de um lado. Metafórico descritivo	É um lugar de recordação. O Clima era ameno com belíssimos benjamins antigos. As árvores traziam sombra para o Centro.	Lembrança boa. Havia tudo de bom, Recordação, Comodidade utilidade.	Alegria, paz, bem-estar.	Comércio do Centro no interior de Juazeiro.	Centro “comércio de Juazeiro” é aquele em que a pertinência ao passado é manifestada através das boas lembranças em um lugar onde havia um clima mais ameno, havia mais beleza na arborização, levando aos sentimentos de alegria, paz e bem-estar, aliados à comodidade e à utilidade que o Centro ainda traz.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 29 Tempo de moradia: 26 anos Freq. às ruas : semanal Motivo da freq: Olhar as vitrines, olhar os preços Sexo: F Idade: 64 anos	Descrição do desenho: Praça do Ferreira Cognitivo descritivo	O Centro antigo era mais bonito. Significado só do passado. Quando chego ao Centro, me volta o passado.	Hoje está bonito, mas não pode andar sossegado.	Saudade, amor.	Lugar do passado	Centro “lugar do passado” é aquele em que a pertença ao passado é expressa quando os sentimentos de saudade e de amor respaldam um centro antigo mais bonito e que o centro atual encontra seu significado somente no passado.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 30 Tempo de moradia: 40 anos Freq. às ruas mensal Motivo: Ir à Igreja do Carmo Sexo: F Idade: 73 anos	Descrição do desenho: José de Alencar e Pernambuco Cognitivo descritivo	Lugar de minha juventude	recordação	Saudade, amor	Praça movimentada	Centro “Praça movimentada” é aquele em que a pertença ao passado se expressa por um lugar que remete à recordação do tempo da juventude, levando a um sentimento de saudade e de amor.

2.1 PERTINÊNCIA AO PASSADO – IDOSOS QUE FREQUENTAM

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 02 Bairro: Joaquim Távora Freq. Centro: semanal Motivo da freq: Passear Sexo: M Idade: 60 anos	Descrição do desenho: O Coreto e os bancos. Cognitivo descritivo	Centro do passado. Deveria ser mais como era antigamente. Voltar a ser o que era.	Ficou vazio e disperso. Deveria se humanizar mais.	Alegria, paz, amor.	Parque de diversões	Centro “Parque de diversões” é aquele em que a pertinência ao passado se expressa através de uma identificação maior do centro como um lugar do passado e a vontade de que ele voltasse a ser como era antigamente, revelando sentimentos de alegria, paz e amor.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 08 Bairro: Jardim Castelão Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: passear Sexo: M Idade: 70 an.	Descrição do desenho: Coluna da hora antiga. Desenharia o Centro de antigamente. Cognitivo descritivo	O Centro que era antigamente; o passado que tinha vida.	É um local que vem para fazer compras.	Bem-estar, alegria, tranquilidade e, saudade da segurança de antigamente .	Referência de uma capital	Centro “referência de uma Capital” é aquele em que o pertencimento ao passado é expresso pela associação do passado à lugar de vida, com referências aos monumentos de outrora como a Coluna da Hora antiga, o que leva aos sentimentos de bem-estar, alegria e tranquilidade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 11 Bairro: Montese Freq. Centro: trimestral Motivo da freq: Passeio Sexo: F Idade: 80 an.	Descrição do desenho: Praça do Ferreira em 1950; e a Coluna da hora. Cognitivo descritivo	Origem de Fortaleza	O Centro é um comércio animado. (agitado)	Tristeza, felicidade em ter visto o Centro antigo.	Cidade grande	Centro “cidade grande” é aquele em que a pertinência ao passado é expressa pela lembrança da Praça do Ferreira e da Coluna da hora e pela significação que se dá ao centro como a origem de Fortaleza, diferentemente de um lugar que hoje se considera um comércio animado, o que causa tristeza, mas também felicidade em ter visto o Centro antigo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 12 Bairro: Joaquim Távora Freq. Centro: semanal Motivo da freq: compras Sexo: M Idade: 74 anos	Descrição do desenho: Coluna da hora e o Excelsior Hotel. Cognitivo descritivo	Tempo de infância. O Centro não poderá mais ser como era. Coisas que não voltam mais.	Recordação	Saudade, satisfação, amor	estado de muito movimento.	Centro “estado de muito movimento” é aquele em o pertencimento ao passado é expresso pela recordação de um centro do passado que não volta mais, levando a sentimentos de saudade, satisfação e amor.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 13 Bairro: São Gerardo Freq. Centro: mensal Motivo da freq: compras Sexo: F Idade: 60 an.	Descrição do desenho: Cine São Luiz; Leão do Sul; Ginásio Municipal na Praça do Carmo; Cidade das crianças. Cognitivo descritivo	Coisas que vivenciei na juventude. Coisas que passaram	Foi bom e gostoso de viver.	Saudade, bem-estar.	Moradores mal-educados	Centro “moradores mal-educados” é aquele em que a pertença a um lugar do passado é associada à vivência do tempo da juventude que foi bom e gostoso de viver, o que leva a sentimentos de saudade e bem-estar.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 17 Bairro: Carlito Pamplona Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: trabalho Sexo: M Idade: 70 anos	Descrição do desenho: Um desenho em que estivesse detalhadas as casas onde nasceram no Centro grandes vultos da história do Ceará, como Tomás Pompeu de Sousa Brasil e Alberto Nepomuceno	Manter viva na memória os ilustres de nosso povo, as figuras mais importantes.	Resgate da história, recordação, lembrança.	saudade	Durante o dia: feira persa; à noite: cemitério.	Centro “feira persa/cemitério” é aquele em que o pertencimento ao passado é expresso pela permanência da memória de um Centro que contém a história de Fortaleza e no qual se encontrava vida e referências culturais.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 24 Bairro: Aldeota Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: conversar Sexo: M Idade: 80 anos	Descrição do desenho: Desenharia o Hotel Excelsior Cognitivo descritivo	Ponto de convivência da Capital	Importância, recordação.	Saudade, amor.	centro de intelectuais	Centro “centro de intelectuais” é aquele em que a imagem de pertinência ao passado é expressa pela importância de recordação que se dá ao Centro da cidade, suscitando sentimentos de saudade e de amor.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 30 Bairro: Rodolfo Teófilo Freq. Centro: Semanal Motivo da freq: Para relaxar Sexo: M Idade: 70 ans	Descrição do desenho: Praça da Estação, onde morava na juventude. Cognitivo descritivo	Lugar onde passei minha infância e minha juventude	Não está mais como na época que gostava. Boas lembranças.	Saudade, amor, tranqüilidade.	A modernidade	Centro “modernidade” é aquele em que a pertença ao passado associa uma identificação maior com o passado pelas vivências da infância e da juventude, vinculando boas lembranças ao centro, apesar de não está mais como nas épocas passadas, o que leva a sentimentos de saudade, amor e tranqüilidade.

3. INSEGURANÇA – IDOSOS QUE MORAM

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 2 Tempo de moradia: 74 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da freq: Compras Sexo: M Idade: 74 ans	A coluna da hora e a estátua em frente ao Banco do Nordeste. Cognitivo descritivo	Lembrança, infância, a própria vida.	Lembrança, perda de coisas que existiam.	Saudade, tristeza, insegurança	Casa abandonada e desprezada	Centro “casa abandonada e desprezada” é aquele em que a insegurança é expressa pela lembrança de um lugar, onde se vivenciou a infância e a própria vida, e que hoje leva à sensação de perdas de coisas que existiam, causando sentimentos de saudade pelo que se vivenciou, mas também de insegurança e tristeza pela discrepância entre o passado e o presente.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 4 Tempo de moradia: 45 anos Freq. às ruas do Centro: semanalmente Motivo da freq: Compras, bancos, pagamentos Sexo: F Idade: 62 ans	Descrição do desenho: Faria ruas mais largas, misturaria o lado comercial com o residencial, destinaria circulação do trânsito, colocaria calçadas	Para o Centro ser revitalizado, seria preciso voltar alguns anos atrás. O clima era mais ameno, tinha muito vento. Hoje é um forno. Hoje não sinto nenhuma	Era um ambiente familiar. Era um ponto de encontro dos amigos. Hoje passam pelo Centro pessoas preocupadas. O Centro é um ponto histórico e	Insegurança falta de entusiasmo, anonimato.	Como uma mãe que tivesse tido filhos (os bairros e a periferia) e tivesse sido abandonada.	Centro “mãe abandonada” é aquele em que a insegurança é expressa pela diferença entre um centro com ruas mais largas, arborização e mais humanizado; um centro de anos atrás com clima mais ameno, constituindo um ambiente familiar e um ponto de encontro; e um centro de hoje, no

	mais largas, voltaria os mosaicos antigos, arborizaria mais e faria o Centro mais humanizado. Cognitivo descritivo	brisa.	muito diverso.			qual na se sente nenhuma brisa, sendo um lugar que passam pessoas preocupadas, provocando sentimentos de falta de entusiasmo, anonimato e insegurança.
--	---	--------	----------------	--	--	--

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 14 Tempo de moradia: 25 anos Freq. às ruas do Centro: quinzenal Motivo da freq: banco Sexo: F Idade: 62 anos	Descrição do desenho: Desenharia um ambiente familiar e um ambiente de paz. Metafórico descritivo	A própria vida. Lugar em que vivi momentos no passado.	O Centro está abandonado.	Saudade, indiferença, insegurança e amor.	Cidade abandonada	Centro “cidade abandonada” revela a insegurança que é expressa pela possibilidade de ser um centro que poderia ter um ambiente de paz e ser m ambiente familiar, pela lembrança de um centro onde se vivenciou a própria vida e pela percepção de um centro hoje abandonado, causando sentimentos de indiferença e de insegurança a este, como também saudade e amor ao lugar vivenciado.

3.1 INSEGURANÇA – IDOSOS QUE FREQUENTAM

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 04 Bairro: Álvaro Weine Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: Trabalho Sexo: M	Descrição do desenho: Desenharia uma capital mais arborizada com palmeiras	Resgate de um ambiente de vida mais agradável.	Ambiente perturbador, não tem mais segurança.	Medo, insegurança, nostalgia.	centro comercial de negócios	Centro “centro comercial de negócios” é aquele em que a insegurança está associada a um ambiente que é perturbador, o qual

Idade: 61 ans	fortes (Exemplo: Praça Clóvis Beviláqua). Desenharia uma cidade que já foi arejada. Metáfora descritiva					provoca medo e insegurança em meio à nostalgia da volta de um ambiente de vida mais agradável.
----------------------	---	--	--	--	--	--

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 05 Bairro: Planalto do Pici Freq. Centro: semanal Motivo da freq: pagamentos Sexo: F Idade: 68 ans	Descrição do desenho: Paisagens, árvores, praças, bancos. Metáfora descritiva	Antigamente andava tranqüilo. Presença de pessoas conhecidas.	Um lugar inseguro, hoje.	Medo, insegurança,	Bairro perigoso	Centro “Bairro perigoso” é aquele em que a insegurança é expressa pela diferença de um lugar que antes se andava tranqüilo, mas que hoje é um lugar inseguro, revelando sentimentos de medo e de insegurança.

Identif.	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 16 Bairro: São João do Tauape Freq. Centro: semanal Motivo da freq: compras Sexo: F Idade: 67an	Descrição do desenho: Pomba da paz Meta-fórico descritivo	Desejo de paz no Centro. No passado, até no Domingo ia passear no Centro.	Saudade em ver o Centro que era feliz, pois se tornou essa coisa que se tem medo.	Saudade, medo, amor.	Local de encontro	Centro “local de encontro” é aquele em que sua insegurança é expressa pela lembrança de um Centro onde se podia passear no Domingo, em comparação a um centro atual que provoca medo, levando a sentimentos de saudade, amor e medo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 23 Bairro: Castelão Freq. Centro: mensal Motivo da freq: Banco (receber dinheiro) Sexo: F Idade: 75 anos	Descrição do desenho: Desenharia duas coisas muito bonitas: Praça do Ferreira e o Teatro. Cognitivo descritivo	Lugar onde vinha com a família	Lugar onde hoje ando com a bolsa agarrada, diferente quando andava tranqüilo.	Medo, insegurança	Lugar de encontro	Centro “lugar de encontro” é aquele em que a insegurança é expressa quando se compara um lugar no passado, onde se podia andar com a família, mas que hoje não se anda tranqüilamente, revelando sentimentos de medo e de insegurança.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 27 Bairro: Messejana Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: Encontrar amigos Sexo: M Idade: 65 ans	Descrição do desenho: Praça do Ferreira antiga Cognitivo descritivo	Velhos tempos que não tinha medo	Entregue às baratas	Saudade, insegurança, medo	Lugar abandonado	Centro “lugar abandonado” é aquele em que a insegurança é expressa quando se compara um Centro do passado que não provocava medo e um Centro atual que se encontra entregue às baratas, abandonado, provocando sentimentos de saudade, insegurança e medo.

4. AGRADABILIDADE – IDOSOS QUE MORAM

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 8 Tempo de moradia: 20 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da freq: passear Sexo: M Idade: 68 ans	Descrição do desenho: Praça do Ferreira, depois o que está ao redor até às praias. Cognitivo descritivo	Importância de representar a Capital. Um lugar de referência para Fortaleza.	Ambiente familiar, um lugar para conversar.	Bem-estar, familiaridade, intimidade.	Parque de Lazer	Centro “Parque de Lazer” é aquele em que a agradabilidade está presente nas sensações de intimidade, bem- estar que favorecem a um ambiente familiar e um lugar para conversar.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 19 Tempo de moradia: 66 anos Freq. às ruas do Centro: mensal Motivo da freq: compras Sexo: M Idade: 66 ans	Metafórico	Tudo de bom que existe. Juventude e beleza.	importância,	Paz, tranqüi- lidade, alegria, segurança.	Própria casa ampliada	Centro “casa ampliada” é aquele em que a agradabilidade é associada à tranqüilidade, à segurança, e à importância de sentir o Centro como a extensão da própria casa.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 22 Tempo de moradia: 50 anos Freq. às ruas do Centro: mensal Motivo da freq: Pagamento, fazer compras. Sexo: F Idade: 81 ans	Descrição do desenho: Um lugar onde tem muita gente e muitas lojas. Metafórico descritivo	Diversão e descontração comodidade para fazer compras.	Bom lugar para fazer compras.	Alegria, bem-estar	Praia	Centro “praia” é aquele em que a agradabilidade é vinculada a um lugar divertido, descontraído e que apresenta comodidade para fazer compras, propiciando sentimentos de bem-estar e de alegria.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 23 Tempo de moradia: 33 anos Freq. às ruas do Centro: semanal Motivo da freq: compras Sexo: F Idade: 74 ans	Descrição do desenho: A coluna da hora. Cognitivo descritivo	Tem tudo o que se quer encontrar. Onde se pode merendar	Beleza e lazer	Alegria, paz e amor	Casa em que se fica à vontade.	Centro “casa em que se fica à vontade” é aquele em que a agradabilidade é associada a um lugar de lazer e com beleza, onde se pode encontrar tudo o que se quer, revelando sentimentos de alegria, paz e amor.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 27 Tempo de moradia: 23 anos Freq. às ruas diariamente Motivo da freq: compras Sexo: M Idade: 64 ans	Descrição do desenho: José de Alencar Cognitivo descritivo	movimento	Utilidade, ambiente que vai para comprar.	Satisfação, bem-estar	Ambiente de compras	Centro “ambiente de compras” é aquele em que a agradabilidade pode ser expressa na satisfação de se ter um ambiente útil para realizar compras.

4.1 AGRADABILIDADE – IDOSOS QUE FREQUENTAM

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 10 Bairro: Otávio Bonfim	Descrição do desenho: Coluna da Hora e	Marco da Juventude	Lazer, passeio	Alegria, prazer, bem-estar	A própria casa	Centro “própria casa” é aquele em que a agradabilidade é expressa na

Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: passear Sexo: M Idade: 80 ans	bancos da Praça. Cognitivo descritivo					vinculação do centro como marco da juventude e lugar de passeio e de lazer, revelando sentimentos de alegria, prazer e bem-estar.
--	--	--	--	--	--	---

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIII I
Nº: 15 Bairro: São João do Tauape Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: Passeio, fazer compras. Sexo: M Idade: 72 anos	Descrição do desenho: O relógio da Praça do Ferreira Cognitivo descritivo	O coração da cidade e do Estado. Faz parte da vida da gente.	É o lugar mais importante e aprazível.	Saudade, alegria, emoção.	Parque de diversão	Centro “Parque de diversão” é aquele em que o sentido da agradabilidade advém da significação do lugar mais importante e central da cidade, o que provoca um sentimento de pertencimento, alegria e emoção.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIII
Nº: 22 Bairro: Messejana Freq. Centro: semanal Motivo da freq: Passear, pagamentos Sexo: M Idade: 63 ans	Descrição do desenho: Desenharia um Parque de encontro Metafórico descritivo	Descanso do espírito, lugar onde pára de pensar nos problemas da vida.	Lazer. É um momento de descanso.	Saudade, bem-estar-estar, calmo, tranqüilo, liberdade.	Varanda	Centro “varanda” é aquele em que a agradabilidade é associada à liberdade e ao bem-estar de um lugar, onde se pode ter momentos de descanso e de lazer.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIII I
Nº: 26 Bairro: Rodolfo Teófilo Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: conversar Sexo: M Idade: 70	Descrição do desenho: Praça do Ferreira Cognitivo descritivo	É bom de passar o tempo	Beleza, importância.	Bem-estar, agradável, amor.	A própria casa	Centro “própria casa” é aquele em que a agradabilidade e se expressa pela beleza e importância que tem o centro, causando sentimentos de

anos						bem-estar, agradabilidade e amor.
------	--	--	--	--	--	-----------------------------------

5. CONTRASTES – IDOSOS QUE MORAM

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 3 Tempo de moradia: 16 anos Freq. às ruas do Centro: Quinzenal Motivo da freq: passear Sexo: F Idade: 62 an.	Descrição do desenho: Praça do Ferreira Cognitivo descritivo	Imponência dos prédios, significa o sentido do Centro e a beleza.	Ambiente familiar. Hoje, o Centro é cheio e tumultuado.	Saudade, nostalgia, tranquilidade e, bem-estar, medo insegurança	Confusão	Centro “confusão” é aquele onde se manifestam contrastes de se sentir bem como em um ambiente familiar e pela sua beleza em contraponto ao medo, insegurança e tumulto presentes hoje.

Identif.	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 5 Tempo de moradia: 7 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da freq: passear Sexo: F Idade: 65 anos	Descrição do desenho: Área arborizada, calçadas que correspondesse à caminhada, espaços com qualidade de vida, policiamento na área, um parque para as crianças se sentirem livres, um local só para as vendas e um mercado das frutas. Cognitivo desc.	Um lugar de segurança; atrativo para as pessoas de terceira idade, como se representass e um lugar vivo.	Olho para o Centro e sinto que está indo embora. O Centro não tem qualidade de nada. Há descuido, falta de qualidade de vida. Não é visto como um cartão-de- visitas.	Abandono, amor, saudade, tumultuado.	Uma praça desorganizada.	Centro “praça desorganizada” é aquele em que traz contrastes de um centro que por um lado é um lugar de segurança, atrativo para as pessoas de terceira idade, representando um lugar vivo, mas que, de outro modo é, na verdade, um centro que não tem qualidade de nada, é descuidado, tendo-se a sensação de que está indo embora, gerando sentimentos antagônicos de amor, abandono e saudade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 6 Tempo de moradia: 4 anos Freq. às ruas do Centro: semanal	Descrição do desenho: A Praça do Ferreira	Representa o lugar mais antigo (importância). Representa centralidade. Tem	O Centro tem facilidades, é um lugar onde se encontram muitas	Medo, segurança, insegurança, aprazível, bem-estar.	Com um comércio	Centro “comércio” é aquele em que traz contrastes que se manifestam na importância que tem como o lugar mais antigo da cidade, representando

Motivo da freq: compras Sexo: F Idade: 60 anos	Cognitivo descritivo	importância pelo movimento de comércio e das instituições.	coisas, mas é desorganizado e não tem limpeza. O Centro poderia ser bem melhor. Era para ter mais valor. Comodidade por encontrar muitas coisas em um mesmo lugar.			centralidade, movimento de comércio, facilidades e comodidade, porém ao mesmo tempo apresenta um ambiente desorganizado e sem limpeza, gerando sentimentos antagônicos de medo, segurança, insegurança e bem-estar
--	-------------------------	--	--	--	--	--

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 12 Tempo de moradia: 24 anos Freq. às ruas do Centro: diariamente Motivo da freq: Trabalho autônomo Sexo: M Idade: 72 anos	Descrição do desenho: Lugar com arborização Metafórico descritivo	Recordação de épocas passadas. As árvores que tinham diminuíam o calor e embelezavam	Deveria ser um ponto de encontro. Deveria ser um lugar mais conservado. Lembra degeneração .	Saudade, tristeza, segurança, insegurança	Família	Centro “Família” é aquele em que seus contrastes se expressam através da recordação de épocas passadas de um lugar belo e arborizado, mas que se contrapõem a um lugar que hoje lembra degeneração, causando saudade pelas qualidades que poderia ter e sentimentos contraditórios de segurança e de insegurança.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 24 Tempo de moradia: 23 anos Freq. às ruas do Centro: semanal Motivo da freq: passear Sexo: M Idade: 60 anos	Descrição do desenho: O relógio da Praça. Cognitivo descritivo	Início de Fortaleza.	Lugar de consumismo ambiente eclético, há decadência.	Orgulho, alegria, insegurança	Shopping grande	Centro “Shopping grande” é aquele em que seus contrastes são expressos pelo paradoxo de um centro que significa a origem de Fortaleza, sendo um lugar de consumismo e um ambiente eclético, mas que, ao mesmo tempo, percebe-se a decadência de um ambiente importante para os cidadãos, revelando sentimentos opostos de orgulho, alegria e insegurança.

5.1 CONTRASTES – IDOSOS QUE FREQUENTAM

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 01 Bairro: Dias Macedo Freq. Centro: semanal Motivo da freq: Bancos, comércio Sexo: F Idade: 78 an	Metáfora	Bem-estar em viver em uma cidade como Fortaleza.	O Centro nos traz muita paz. O Centro no momento está nos afastando.	Receio	Lugar que afasta	Centro “lugar que afasta” é aquele que expressa o contraste em ser tanto um lugar de paz, quanto um lugar que afasta as pessoas pelo receio que se tem de permanecer lá.

Identif.	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 06 Bairro: Salinas/Aldeota Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: Passear, conversar. Sexo: M Idade: 74 ans	Descrição do desenho: Desenharia o “Pedão da bananada” e as residências do Centro. Metafórico descritivo	Um Centro que já se foi. Lembranças dos passeios no Centro. (fã n. 1 da Praça do Ferreira) “Cada banco tem sua especialidade”	O Centro tem duas fases: pelo dia é bom, é legal; à noite, é horrível. À noite o Centro é morto. É perigoso.	Abandono, tranqüilidade, mal-estar, bem-estar.	Cemitério – à noite. Ponto de encontro - pelo dia.	Centro “Cemitério/ponto de encontro” é aquele em que seus contrast es são expressos nas atribuições que se dá entre dois centros opostos: o centro pelo dia - que é bom e legal; e o centro à noite – que é horrível, morto e perigoso, causando sentimentos antagônicos de tranqüilidade/ abandono e de bem-estar/ mal-estar.

Identifi- Cação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	SentidoIIIIIIIIII
Nº: 07 Bairro: Sargento Hermínio Freq. Centro: semanal Motivo da freq: passear Sexo: F Idade: 60 anos	Descrição do desenho: Caixa econômica como era antigamente . Praça do Ferreira.	Patrimônio que não deveria acabar. Sentar na Praça e pensar nas coisas antigas. Ambiente que serve para espairecer.	Tinha mais verde, era arborizado. Hoje não tem mais plantas.	Alegria, amor, saudade, medo.	Parque do Carmo em São Paulo.	Centro “Parque do Carmo em São Paulo” é aquele em que seus contrast es são expressos por um lugar onde se pode pensar nas coisas antigas, sendo um ambiente que serve para espairecer em contraponto a um centro atual que possui características diferentes das do passado como a não arborização, revelando sentimentos contraditórios de amor, saudade, alegria, mas também de medo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 28 Bairro: Monte Castelo Freq. Centro: diariamente Motivo da freq: passear Sexo: M Idade: 92 anos	Descrição do desenho: Uma flor Meta- fórico descritivo	O Centro tem vitalidade, poesia e tradição.	Está decaído	Saudade, amor	Área em decadência	Centro “área em decadência” é aquele em que seus contrastes são vinculados às imagens opostas de um Centro poético, com vida e tradição e um Centro em decadência.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 29 Bairro: Barra do Ceará Freq. Centro: quinzenal Motivo da freq: Compras, bancos Sexo: F Idade: 67 an	Descrição do desenho: Farmácias antigas na Praça do Ferreira Cognitivo descritivo	Desorganização, falta de amor	Desorganização	Bem-estar, tranquilidade	Lugar desorganizado	Centro “lugar desorganizado” é aquele em que seus contrastes são associados à desorganização e à falta de amor que se encontra no centro em meio a uma sensação de tranquilidade e bem-estar a esse espaço.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Estou realizando uma pesquisa intitulada “**Centro de Fortaleza: Lugar de Transformações – O Idoso e seus afetos implicados**”, cujo objetivo principal é analisar os sentimentos e emoções de idosos que freqüentam o Centro diante de intervenções urbanas realizadas nesse espaço relacionadas com o processo de revitalização que se evidencia.

Essa pesquisa poderá ser útil para despertar a sociedade, ou pessoas envolvidas com projetos de intervenção em ambientes para o fato de que as mudanças da ordem estrutural ou arquitetônica em um espaço público têm relação direta com o comportamento dos indivíduos e o processo de interação social que se estabelece mediante essas intervenções.

Será realizada a aplicação de um questionário semi-estruturado, no qual as respostas serão escritas pelo respondente.

Com essas informações, gostaria de saber a sua aceitação em participar da pesquisa. Devo salientar que a sua aceitação/autorização deverá ser de livre e espontânea vontade, que o senhor (a) não ficará exposto(a) a nenhum risco. A sua identificação será mantida em segredo. O senhor (a) poderá desistir de participar a qualquer momento, sem qualquer prejuízo pessoal. Após completo entendimento acerca dessas explicações é que o(a) senhor (a) poderá, caso aceitar o que foi exposto, dispor-se a participar da pesquisa, assinar este documento.

Em caso de dúvida, o(a) senhor(a) poderá comunicar-se comigo, pesquisadora dessa pesquisa, cujos dados são:

Fátima Maria Araújo Bertini

Endereço residencial: Travessa Cruz Saldanha, 121. Bairro: São Gerardo. CEP: 60450350

Telefone: 32146350 / 99413388

e-mail: fátimabertini@yahoo.com.

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFC encontra-se disponível para reclamações pertinentes à pesquisa pelo telefone (85) 40098338.

Fortaleza, ____ de _____ de _____

Digital do participante da pesquisa:

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da testemunha

Assinatura do(a) pesquisador(a)

